

ASSÍRIO *d* ALVIM

Edifício GBC

Rua Professor Jorge Silva Horta nr. 1

1500-499 LISBOA

Lisboa, 15 de dezembro 2025

Prezada Editora,

Gostava de submeter à apreciação de ASSÍRIO *d* ALVIM os 19 textos de que sou autor. O título podia ser SOLILÓQUIO, ou CREPITAÇÃO. Já há bastante tempo houve um escritor francês que intitulou um livro dele SOLILÓQUIO. Mas o meu teria ainda o sub-título GL RAESH. A outra hipótese seria CREPITAÇÃO. A decisão final poderia ser tomada posteriormente. Confio sobretudo no vosso critério. Paginei as 219 pp., provisoriamente, no verso de cada página.

Aos 17 anos escrevi a primeira novela. Aos 18 anos escrevi uma peça de teatro. Muito mais tarde, residindo já nos Países-Baixos, levei a cabo um projeto (em várias centenas de páginas) onde rompi com o conceito tradicional de gênero literário. Isto para dizer que não sou estreante nestas coisas, embora ainda não tenha publicado nenhum livro. Publicaram-me textos em Revistas e Jornais, tanto em Portugal como noutros países europeus.

Passsei a infância bem como a adolescência em Lisboa onde nasci na Rua Cesário Verde nr. 6.2.^o dto. Depois do 25 de abril fui julgado em Tribunal Militar por não ter feito a guerra colonial. Fui condenado a pagar uma multa, o que cumpri.

O que chamo liberdade de expressão passa por um certo sentido de dignidade.

Vivi 23 anos nos Países-Baixos tendo também a cidadania neerlandesa. A minha única fonte de rendimento é uma pequena pensão que recebo dos Países-Baixos. O meu grande handicap será ter de pedir para haver quem me passe os textos para o computador pagando eu isso, evidentemente. Daí o mau aspeto gráfico do que proponho para leitura à ASSÍRIO *d* ALVIM. A qualidade literária em jogo não desmereceria o procedimento excepcional. Talvez desse um livro de cem páginas, pouco mais ou menos. Através de SMS poderiam amavelmente marcar-me uma reunião, a fim de ter lugar uma troca de impressões sobre o assunto (não atendo chamadas anónimas). Passar ao lado destes textos dando mais relevo a coisas secundárias é uma pena, porque a minha vida não é tão importante como o que escrevi.

Com todo o apreço,

José Joaquim da Cunha Rodrigues
Rua Abel Botelho 6 R/C
1500-008 LISBOA



tlm. 967760874

Curriculum Vitae e alguns dados biográficos resumidos de José Joaquim da Cunha Rodrigues, aliás, JOSÉ J. D. CUNHA R.

-Quando penso em desigualdade tenho de evocar o interrogatório que a PIDE me fez na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa. Um exemplo de desigualdade de tratamento por mim relatado foi o do Estado Novo ter-me despromovido no Curso de Oficiais Milicianos, em Mafra, curso obrigatório durante a Guerra Colonial Portuguesa: passaram-me a Cabo Miliciano não me deixando ser Oficial, o que seria a normalidade em igualdade de circunstâncias.

O Alto Comissário das Nações Unidas concedeu-me o estatuto de refugiado político nos Países-Baixos.

Quando fui censurado na imprensa portuguesa, quando contestei a guerra colonial portuguesa, houve um escritor, URBANO TAVARES RODRIGUES, que se mostrou solidário comigo.

Nos Países-Baixos fiz estudos universitários em Língua e Literatura Portuguesas, em Vanguardas Literárias Francesas, em Literatura Espanhola, em Literatura Argentina, em Literatura Comparada. Tive lá professores extraordinários como ARIEL DORFMAN, THEUN VAN DIJK, AUGUST WILLEMSEN, ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA. Obtive um diploma sem ter, contudo, concluído o curso.

Dei aulas de Português a cooperantes holandeses, destinados às ex-colónias portuguesas, no Instituto Real dos Trópicos e noutras Escolas menos importantes. Efetuei traduções de Neerlandês para Português encomendadas pelo Secretariado do Parlamento Europeu, no Luxemburgo. Também traduzi de Inglês para Português e de Neerlandês para Português, ao ser solicitado nesse sentido por uma Estação de Televisão chamada Europa-TV.

No Cenjor, em Lisboa, obtive um diploma em jornalismo nunca tendo exercido a profissão de jornalista. O meio editorial português tem-me tratado com desigualdade: fiz traduções de livros, na altura ainda inéditos em Portugal, de SAMUEL BECKETT e de JÚLIO CORTÁZAR, traduções pelas quais os editores portugueses não se mostraram interessados, para depois publicarem os mesmos livros traduzidos por outras pessoas. É muito influente o lóbi no meio editorial português, discriminação positiva que eu nunca tive. É que não basta a qualidade literária a um autor para começar a ser publicado em Portugal. É assim que não tenho conseguido concretizar de modo público a minha liberdade de expressão escrita em Portugal.

Textos meus foram publicados na Suíça, numa Revista intitulada Peregrinação. Também nos Países-Baixos, uma Revista chamada Vertical publicou textos meus. Em Portugal publicaram-me textos no Jornal

./...

República, no Jornal de Letras, e, num Jornal Alentejano de que URBANO TAVARES RODRIGUES era dono.

Destruí a novela inédita que escrevi aos 17 anos bem como a peça de Teatro escrita aos 18 anos. A narrativa escrita posteriormente nos Países-Baixos, foi aproveitada parcialmente noutra texto ainda hoje inédito. Ficaram igualmente inéditos textos sobre a poetisa ROSALIA DE CASTRO e sobre o autor teatral de vanguarda ALFRED JARRY.

A prosa de ficção dos 19 textos que desejo publicar agora, cerca de duzentas e dezanove páginas A4, não tiveram a intenção de seguir um modelo tradicional antes pretenderam trilhar uma via de inovação. Admiro CLAUDE SIMON traduzido em Portugal por MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS. Duvi e vi este Nobel francês numa palestra dada por ele na Universidade de Utrecht. No que diz respeito ao picto-poeta surrealista português, conheci-o na Editora Assírio & Alvim estando também presente, nessa altura, o editor HERMÍNIO MONTEIRO, quando esta Editora se situava na Rua Passos Manuel. Prezo as técnicas narrativas do Nouveau Roman, embora eu próprio não descarte a pretensão realista dos acontecimentos. Temas abordados nestes 19 textos são, entre outros, a Inquisição Portuguesa exemplificada pelo caso do escritor teatral português ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (1705-1739); a expansão marítima portuguesa, contada de maneira nada convencional; polifonicamente as consequências não romantizadas da toxicod dependência.

Vivi vinte e três anos em Amesterdão. Nasci em Lisboa em 1948. Tenho a cidadania destes dois países: Portugal e Países-Baixos.



SOLILÓQUIO

(GL RAESH)

JOSÉ J. D. CUNHA R.

S I N O P S E

(sete pp. A4)

Solilóquio
(GL RAESH)

Conta como Matilde se instala numa ausência, num processo gradual de doença, até soçobrar tudo numa palavra. A sigla enigmática do sub-título só será descodificada no desenlace do conto.

(cinco pp. A4)

O Microcosmo de Theo

O filho de um casamento entre estrangeiros, Theo, vê-se enredado num enigma que o leva a interrogar-se sobre as suas raízes culturais.

(seis pp. A4)

Europa

Mostrando não tanto as coordenadas geográficas como a vertente mitológica, embora haja uma dialética entre presente e passado onde avultam inopinadamente Frank Martin, Claude Simon, Mário Cesariny de Vasconcelos, Thomas Mann, Radamanto (um dos três filhos de Zeus e de Europa).

(dez pp. A4)

A Migração

Um jorro esfuziante num delírio de imagens históricas conduz o migrante Zeleu a vislumbres inauditos da portugalidade. Como saído da cartola de um mágico surge o cosmopolitismo de Maria João Pires, de Sviatoslav Richter, de Padre António Vieira.

(vinte e três pp. A4)

Ostracismo

Linguagem. Estilo. A Inquisição portuguesa mais concretamente o caso António José da Silva (1705-1739) já abordado tanto por Camilo Castelo Branco como por Bernardo Santareno. Foz de léxico.

(setenta e quatro pp. A4)

O Resvalamento no Desmesurável

Tem como pano de fundo a expansão marítima portuguesa numa polifonia de histórias quotidianas despoletadas no confronto por vezes frustrado de culturas hodiernas. Amoralismo de personagens. A liberdade a arder numa culminância.

(quatro pp. A4)

Fé

José Ficção, investigador universitário em sismografia, residente em Lisboa, tinha como hobby uma certa práxis contista, em paralelo com o estudo científico de tremores de terra, o que não o colocava ao abrigo desses fenómenos telúricos.

Índice

Solilóquio	
(GL RAESH)	
Uma Parábola não Política	
O microcosmo de Theo.....	
Justiliber.....	
Os fatos e os factos	
Uma candeia	
Europa	
A migração	
Quase posfácio	
A desconexão familiar	
Ordálio	
Anacronismo errático	
Andrade	
Ostracismo	
O resvalamento no desmesurável.....	
tuguêsholland em Lisboa	
Escapulindo-se o dia	
Fé	
Crepitação.....	

S o l i l ó q u i o

(GL RAESH)

Dedilhando o meu instrumento: eu, tu, ele. Paulatinamente cada vez menos disseminado. Isso menos o excesso de auto-importância. O centro de gravidade, independente de modas. A força da minha liberdade era afirmar categoricamente não ter de estar onde não estava a minha vida. Uma certa extemporaneidade? Que fosse. Contava o modo impessoal de narrar tal como eu o queria. O solilóquio avançava numa estilização para lá da chuva modorrenta. À toa? Numa toada.

Antes de ter a minha existência vegetal quiçã ficar ciente de quem me faltava ser, por eu não ser o outro.

O mais difícil era continuar a escrever por entre escolhos sem ser contaminado, escrever escorreitamente, aparentemente sobre coisa nenhuma, porque desmontando idiomatismos subsistia escrever. Disso é que se tratava: escrever. Por detrás de qualquer pretexto: escrever. Mesmo só para dizer não poderem acusar-me, uma vez que eu não tinha feito nada. Que eu não tinha feito nada? A personagem-tipo é que não tinha feito nada. Dali vinha uma voragem a sugar tudo o que fosse viragem. Tantas vezes alheia a qualquer intenção aquela fenomenologia. É que se comia excepcionalmente, só excepcionalmente é que se dormia, só excepcionalmente é que se ia ao médico. O pervir seria, possivelmente, baço como um enfarte desfigurando metade da cara, tornando inviável o sorriso, tornando ininteligível a maior parte do que dissesse, porque já não conseguiria articular bem as palavras.

A premência de que um galgo corresse ao ralenti numa coreografia para aquela música de órgão. Porque a densificação de gente encimada por um céu desprotegido era demasiado

flagrante. A circunscricão do clã causava embaraço. Aplicavam-se para transformar em latão o pouco ouro que o misantropo possuía.

Fissuras iam alastrando pelos campos afora num vaticínio de desmoronamento. Quanto ao código... É que sonhara com duas palavras inescrutáveis: gl raesh. Extraídas certamente de um fôlio, decerto ainda em vias de reconstituição final. De qualquer das formas a descodificação da minha escrita nunca tornaria patente um segredo policial. O segredo fora, era, evidentemente, de escrita. Quando penso nisso numa noite de insônia, aquele que mais frio de alma me causava, tinha de ser o do Grande Anonimato. Anti-colonialistas como eu eram condenados a indemnizarem os colonialistas.

Eis a distância, interpunha-se uma distância, à distância, sentia-se provir de longe, mas de muito longe, aproximando-se mais, cada vez mais de mim, pouco a pouco, ainda indistinto, impensável nomear aquele pássaro que se acercava, finalmente julgava ser uma garça a descer na Baixa-mar, numa graça de movimentos, agora via-se trazer uma letra no bico, uma mera letra, mas sem a qual o alfabeto já não seria o mesmo.

No quiosque da estação foi um dos muitos Josés que há no mundo a vender-me um jornal. No bar ali ao lado foi uma Maria, numa humildade de antropônimo, a servir-me um café. Queriam, como tantos outros, numa ingenuidade própria, serem benquistos. Quanto às minhas lides visando ver suspensa a abolição a que tinha vindo a ser sujeito, enfim!, desvie provisoriamente a atenção para um apeadeiro de comboio, numa

cidade de província, no fluxo transitório da passagem de horas, na antevisão da última vez que para mim seria sempre prematura oxalá os crisântemos obituários se mantivessem postergados.

Com o polegar ainda podia apalpar o nariz; com o nariz ainda podia cheirar o polegar.

Não consigo evitar mais o tema recorrente da livre concorrência no mercado livreiro de qual me via excluído. Daí o vestígio sombreado tornando ilegível uma etapa. Daí a hipótese de ir conhecer confrades ser uma perspectiva ilusória.

De repente ouço: -ó GL RAESH!

Volto-me, mas não vejo ninguém. Continuava sózinho. Será que me chamo GL RAESH? Com um nome assim, impronunciável, é que não podia seduzir nenhum leitor. De qualquer das maneiras estava a pressentir qualquer coisa. Como se o halo da irreabilidade estivesse prestes a bafejar-me.

Frase a frase, cautelosamente, já que havia uma investigação onomástica em curso. Um nevelo intrincado irradiando da palavra GL RAESH.

Do útero para o quarto, do quarto para a casa, da casa para a rua, da rua para o bairro, do bairro para a cidade, da cidade para o país, do país para o continente. Solilóquio.

Tão simples a minha fé de então no retorno, a minha crença de que também ia caber no país da pós-censura. Mas os tentáculos da PIDE estendiam-se para lá do fim da ditadura do Estado Novo.

A incoercibilidade destas noites, os meus dias entornados.

De retificação em retificação. O tempo a circundar o espaço.

Os vetores literários posteriores aos da experiência do período Países-Baixos, não podiam ser os mesmos daqueles pelos quais me pautava, quando ainda não tinha saído de Portugal. A escrever, pois, com um timbre pós-Países-Baixos. Impercetivelmente, as coisas iam-se multifacetando. Custava-lhe a crer o rumo que os factos tinham tomado. Constatava à posteriori, quando já não podia fazer nada para se esquivar ao sucedido. Mortificado revia os acontecimentos. Tinham partilhado cinemas, teatros, restaurantes, concertos, praias, livros. Uma vez por semana passavam o dia juntos, já que viviam em casas diferentes. Era a nossa igualdade de sinal. Uma mulher que fazia os possíveis para eu não abdicar de ter o que era meu, para eu não me conformar com o facto de ser saqueado sem mais.

De repente tudo se esboroara. Tinha-lhe emprestado o carro nunca supondo que teria lugar aquele acidente rodoviário. Ficaria internada num hospital onde para o estado em que se encontrava tanto fazia ser de manhã, ou de tarde. Do outro lado da rua havia um restaurante com uma estrela Michelin. Gente seleta entrava com ar de não haver de ser nada. A luz coada pelo estore tinha um ar pardo. Sem nenhum leitor à mão que comprovasse a minha existência. E contribuir para o negócio de textos póstumos não era o móbil do que escrevia. Se ao menos reencontrasse a oralidade perdida de Matilde que estava ali acamada. Solilóquio vinha do latim soliloquiu. É que Matilde já não era igual a Matilde... Estava perante um mero homónimo mais nada. A imutabilidade da imortalidade: a verdade desdobrava-se na mentira. Qual era qual?

A dúvida remanescente. Imergir numa explosão de luz proveniente de escuridão gélida, ou...

Rumo às três palavras por trimestre. Soçobrava à falta de fala? Um mutismo que não era deliberado. Ou seria eu que a não ouvia? Fosse como fosse não desfitava os olhos dos meus olhos do-me tanto tempo quanto possível.

O interior orfão do exterior: sem mãos para distinguir o veldo da lixa?, sem nariz?, nem sequer podendo comer sem ser graças a uma sonda?, sem tímpanos funcionais?, sem olhos, a fim de perpetuar a cegueira?...

A doença podia implicar a inviabilidade dos cinco sentidos como se não se amasse com os olhos, com o tato, com o paladar, com o olfato, com o ouvido.

E eu?, teria um desfecho em catadupa tornando-me incapaz de ver, de ouvir, de degustar, de cheirar, de tatear? Tão inconcebível a morte como a vida.

Esmero-me por me identificar ante a cidade, face à sociedade, ante a comunidade, face ao país. Falhava. Usurpado a oito. Olandar. Sou eu papá, escrevia o neólogo de modo já intransmissível.

À saída esbarro com a poluição verbal que não levava a lado nenhum. A veleidade de superar a produtividade improdutiva. Evocando o meu país-Literatura. Nessa altura houvera nos Países-Baixos um jornal chamado O Salto. Veiculando uma mundivisão diferente da do statu que então vigente em Portugal. Onde a Censura não se tinha compadecido com a minha liberdade de expressão escrita. Onde não havia como me defender do assédio, da difamação, do plágio, a não ser a fuga, o exílio.

Demasiadamente proscrito.

Ludibriar-me a mim próprio fazendo de conta ter feito a guerra colonial que não fizera? Ludibriar-me a mim próprio fazendo de conta desconhecer a capacidade de poder opressivo de um Estado ditatorial?

Abdicando das minhas raízes, de Matilde, da Língua primeva, podia sumir-me noutra continente, a fim de não cumprir o castigo por ter dado o salto. Mas escolhia sofrer o castigo por ter dado o salto. Imbuído da minha inocência, uma certa inocência linguística: a mesma palavra fazia parte de dois dialetos que integravam uma Língua em vias de extinção significando num, pobre, já no outro era o seu antónimo, rico. GL RAESH? Sim, GL RAESH era o que estava em causa.

Soluços rarefeitos. Perante uma cama de hospital e a partida de Matilde que não era retificável, naquela semiótica do divino.

Uma Parábola não Política

Pela claraboia via o balbucio das nuvens. O desiderato de personagens efémeras. O sibilar do vento outonal passava através de janelas altas com postigos. Também se ouvia um cão a ganir. Não parecia haver nada como ter um futuro simples, assim, de onde Nestor, no quarto das traseiras, divisava o céu voluptuoso da cidade.

Pensando na cor do açafião, ou naquela povoação judaica que falava grego no Egito de então, perto de Alexandria. Tão realmente longínquos os sinos de uma ermida a badalarem o interlúdio das horas. Decorrido muito tempo até chegar ao retábulo feito com o rangido de cabos desses que servem para prender qualquer pequena embarcação. Voltaria à tona de água? Lá em cima devia prosseguir a guerra esventrando o preciosismo sem se poupar a antinomias. Do absoluto é que não se regressava. Por enquanto a salvo dos efeitos de apneia. A Ursa Menor via certamente a irrealidade do fanatismo no seu imediatismo flagrante. Parecia condenado à oralidade do gluglu. Como se fosse em busca do continente perdido. Súbito um arrebol no horizonte. Talvez o resultado de uma explosão. A qualquer instante podia deparar-se com um Estado sem verve. Cá estava o ilhéu acabado de entrar em erupção. E Nestor, o de Nestórea, estava aquém da sumptuosidade de constelações. A quantos metros abaixo do nível do mar é que estaria? Numa metamorfose insuspeita a pele tornava-se cada vez mais dourada.

Passou por casas, pela escadaria do beco terminando no que teria sido um miradouro, não tivesse sido tudo submerso.

Eis fronteiras marítimas artificialmente delineadas. Escorripichar e prosseguir.

Antes havia cordilheiras, vales, lagos, florestas, neblina, poentes, rios, ilhas, ermos, arco-íris, deserto, trilho, riacho verde, bando rosado de aves sulcando um céu esbranquiçado, cabana amarela, cascata, falésia, região desoladamente bela, maré, luminosidade do dealbar de vida, baía azulada, ocre de rochas montanhosas, um cavalo a resfolegar, arbustos escalando encostas, lareira. Depois enumerando a estridência da perda, do estupor. Quase o roçava a escuridão. Tinha de chegar lá quanto antes. Pelo caminho passaria pela patina áulica. A rota era essa. Uma rota ensimesmada contornada pela sociabilidade de um molusco. Um espadarte ia a passar silenciosamente. Súbito uma catadupa de sargaços. Nestor ia-se deslocando ambidestro. Mais acima, numa liturgia sem palavras, uma urzela parecia exangue na iminência de ficar enrodilhada para sempre naquela necrópole feita de redes. Reparou numa corveta imponderável. Entraria pela escotilha. No interior deparou-se com aquela frase misteriosamente esculpida no tampo de uma mesa. Que a sopa ainda não estava pronta?!

Durante a noite visitou-o em sonhos uma aparição feminina, para lhe dizer que por ele estaria disposta a tornar-se batráquio.

Havia estações de reabastecimento tanto de água potável como de oxigênio. De manhã cresceram-lhe umas barbatanas, ou talvez fosse de noite, já não sabia. Virasse-se para onde se virasse, parecia que era sempre a ganhar experiência. Nadou mais como se fugisse de um quotidiano licencioso. Imprevistamente avistou uma comitiva.

-Para escapares às perseguições de uma autocracia mudavas de país como de lenço de assoar-disse um porta-voz, -embora já ferido de morte como estás, será muito difícil atingires a meta. Acolá, daquele lado, ficam as Atlant Idas.

Nunca mais esquecer que já outros tinham sido retidos pelos tentáculos da paixão, já outros tinham sido boicotados para postumamente serem condecorados. O culto dos mortos era como uma reverência ao desconhecido. E alibis periclitantes para crimes imperfeitos, alimentavam a esperança de uma sentença a posteriori.

A viagem dele parecia já ter começado. A bem-aventurança estava prestes a deflagrar. Ia a caminho. Deixando-se levar pela maré. Acolá é que lhe contariam tudo o que se tinha passado. Transportava-o um cavalo-marinho gigante. Não se tratava de imaginário nem de mar incognoscível, mas arriscava-se a pele. Lá para trás iam ficando todos os verões irrealizáveis

Uma foca curiosa acercara-se. Mais acima uma baleia azul matiza a luz. O pensamento translúcido de Nestor segredava já não ter de ler mais do que queria, a fim de iludir o medo de escrever. Trauma que remontava a uma insólita rebelião de livros onde uns se postavam, quais fauces escancaradas perante a ameaça de outros, prontos para o embate. Que não se podia dizer tudo em nome da liberdade de expressão, vociferavam uns. Que a intolerância não era resposta, argumentavam os outros.

Eis uma ânfora à entrada de uma gruta submarina. Estaria quase a deparar-se com uma comunidade mesmerizada pelo canto e pela lira de outras sereias, perguntava-se Nestor enquanto reparava que o mamífero anfíbio já não lhe fazia companhia.

Pausadamente dormiu de olhos abertos. Logo depois tinha de avançar, continuar a avançar sem mesmo se deter a vasculhar rochas, perdendo a ocasião de colher ostras perlíferas adiando provisoriamente a possibilidade de angariar um presente, para oferecer a eventuais Nereidas. Não se podia demorar, mas de repente eis um penedo à frente do qual se encontrava estacionado um trenó submarino aparentemente vago. Pendurado naquela espécie de muralha havia um candelabro de mármore. Abriu-se um portão dissimulado no rochedo. Apeou-se entrando sozinho. Imediatamente após o compartimento se ter fechado a água começou a ser esvaziada. Graças a uma tecnologia que não lhe era familiar estava agora numa espécie de antecâmara a seco. Nestor percebeu na parede um pequeno orifício girando no sentido contrário ao movimento dos ponteiros do relógio que ia aumentando rapidamente até configurar uma passagem. Uma borboleta esverdeada viera adajar ao seu redor. Desatou a percorrer uma galeria construída

com material opaco. A sua sorte estava pendente do lugar aonde iria desembocar aquele corredor.

O clamor tê-lo-ia precedido assim asseverava a dona da pensão que tutelava as servas do amor. A mais elegíaca dissera ter sido ao visitar a Europa que descobrira ser antilhana pesando-lhe a culpa por não ter feito tudo o que estava ao alcance dela para salvar as raízes sagradas. É que todos os familiares lhe tinham morrido. Talvez se tivesse tresmalhado por ter ficado sozinha. No hall havia um canapé que estava disponível. Nestor ficaria aí por enquanto. Eis o que se passara uns meses antes tal como o ia recordando. Prestes a descer uma rampa. Em dado momento havia uma encruzilhada. Uma tabuleta indicava ser num sentido Atlant e no outro Idas. Estar aqui não era a mesma coisa do que estar em toda a parte. Por isso escolhia acolá. Seguiria por Idas.

Não demorou muito até surgir à sua retaguarda uma divisória impedindo-o de retroceder. Simultaneamente o piso começou a alagar. À sua frente surgia agora uma parede onde estava a entrar água por um orifício. Tornando-se aquela fissura rapidamente numa brecha que o estava a sugar. Até ser aspirado. Nestor achou-se novamente no oceano. Avista uma foca. Reconhece-a. Era a mesma com que se cruzara, quando o seu destino era Atlant Idas. Numa interação semiótica o animal parece convidá-lo a segui-la. Deixa-se guiar mesmo ignorando se o percurso viria a ser circular. Ei-los finalmente no ponto onde Nestor se apeara do veículo vivente, a fim de se aventurar num espaço desconcertante. Perto dali as barbatanas de uma tartaruga pareciam dizer adeus. O ritual transfronteiriço não se tinha modificado. Sem acrimónia Nestor voltou a franquear o paredão chegando depressa à bifurcação da via. Ei-lo a optar desta vez por Atlant. Não se podia dizer com propriedade ter percorrido duas vezes o mesmo itinerário, já que o trajeto atual seguia pela margem de um canal como se estivesse a olhar para os canais endémicos de Amesterdão. Para se entreter começou a soletrar o alfabeto da adversidade. O seu vergel de proezas passadas atraía mercadores munidos de garavatos seguindo o fio enclítico de Ariadne; eram comerciantes apressados em apanhar os cacos do espelho de ouro outrora pertence da rainha das fábulas, apressados em chegar antes do evento se desfazer, antes de se tornar pó. E Nestor, inibido com aquela presença, não dizia nada. Precisava de se distanciar, só assim seria capaz de opinar sobre aquela pasquinagem de fâmulos.

Finalmente retomava a rima do mergulhador.

Os hinos dos peixes voadores já não se deixavam ver, o que não deixava de ser eloquente sobre as paragens ermas onde se encontrava. Estaria quase lá. Um conhecido dele também tinha estado quase lá. Tinham-no recompensado outorgando-lhe finalmente um Prémio literário importante. Na cerimónia de entrega colapsara. De repente, a cabeça tombara-lhe em cima do tampo da mesa, sacudindo com o baque o destino crepuscular, tal como a assistência sentada em cadeiras pudera testemunhar. Como se a mão robotizada do diabo viesse quebrar o

cálice do galardoado no momento em que iam brindar ao escritor poliédrico que ele era, ou fora. Nestor só tinha a ver com aquilo na medida em que eram os sinais da vereda. Faziam de conta que ele não dominava o idioma matriz. Tinha de ter muita coragem para continuar a repetir que a sua questão vital não podia ser suprimida; que a sobrevivência da criatividade era a sua questão vital mesmo sendo um homem de um só livro.

No canal emergiam agora sete salamandras de grande porte. Irradiava um certo magnetismo animal, quando teve a primeira visão telepática: um painel cujo desenho se ia modificando imperceptivelmente de forma que os trabalhadores vitalícios permanecessem num estado de letargia hipnótica não sentindo, assim, a condição de cativos. O modo como o sistema parecia profetizar que a sublevação dos escravos nunca triunfaria.

Chegado ao ocaso dele próprio Nestor podia fazer um balanço do seu historial. Teria sido tempo perdido a sua vagabundagem? Enquanto se questionava teve a segunda visão: era um fluxo magmático montanha abaixo rumo ao mar.

Já ouvira falar das noites facundas dos oceanos. E, era aí, naquela espécie de hemicíclo, onde se desprendia agora uma centelha.

No decoro da tradução simultânea entendia um dignitário: -estamos prestes a ser atacados preparando-nos para obrigar os búbios a retroceder. Há uns que morrem na cama já outros terão o privilégio de morrer em combate. O futuro há-de gravitar nestas coordenadas, mas caberá à arqueologia marinha confirmá-lo... Ah!, eis ali alguém que está a fugir de uma monstruosidade. Por ter querido desvendar uma adivinha digna de esfinge tornara-se no tabu da literatura de Nestórea. O preço a pagar fora esse, não fora? Nestor assentiu num gesto mimetista: -parti à meia-noite. Cachalotes vieram despedir-se de mim, mas antes, numa tentativa de escapar ao apagador de memórias exteriores, deixei uma epígrafe geminada caso se perdesse uma restasse ainda a outra não completamente oculta pela hera.

Como podia arrepende-me do infinito, se isso significava quarenta e oito mil anos-luz? Estaria acolá o que me pertencia?, tios?, avós?, pais?, as minhas roupas?, a minha comida?, a minha casa?, os meus livros?, acolá, no quadro que projetava a abóbada celeste mesmo sendo um ponto ínfimo de uma galáxia?... Quem procurava estaria acolá, e, numa tenacidade de estrela longínqua eis-me contrito fixando aquele ponto onde existia uma probabilidade, embora mínima, de achar tudo o que poderia ter significado para mim. Acolá. Porque onde tinha estado não tinha o direito de ver muito menos de dizer. Certa elite já tinha bajulado a Baixa Cultura: não seria ele a fazer também o mesmo. É que a estética, rematava Nestor, cegara a maioria dos ídolos literários vigentes, cegara-os para a ética.

Se se pacificava a guerra colocando jasmíns e asfódelos à beira das campos-perguntara uma salamandra.

Nestor revia os sabres de cavalaria a perfilarem-se, revia o pranto sem lágrimas, a prédica, as eventualidades bélicas onde por vezes, à falta de despojos, não haveria sequer cerimónia crematória. Nestor revia as horas deslavadas, a fundamentação da política vigente que obrigava os dissidentes à clandestinidade, revia-se a si próprio cuja má aura fora o produto da politiquice instalada, apesar de lhe assistir o direito sonogado de invocar em legítima defesa a sua boa consciência.

Obviamente -comentava a salamandra-, não era quem papagueasse que representaria uma ameaça, era quem ousasse discordar, criticar, era quem ousasse parodiar a ditadura, era esse a quem retirariam o direito à vida. No teu caso nunca se tratara de personagem à procura de autor nem tampouco de autor em busca de personagens. Soldados os ingredientes tinham ficado voltaicos.

As ilações de abuso de poder pelo tom de pseudo-familiaridade com que eras tratado. Chegada a licença da mesa censória foste publicado. Já com o livro impresso viera um contraédito do departamento de geografia cultural visando estranhear-te. Subsequentemente assististe ao abate do teu volume. Fora como se testemunhasses a tua própria morte.

Nestor ia recapitulando o racismo endossado lá em Nestórea enquanto a migração dos cisnes o incitava a partir.

A montanha liquefeita dera-lhe passagem chegando ao outro lado sem precisar de escalada. Levaria comigo para todo o lado aquele momento mágico. O instante que me moldara o mundo. Um segredo que se me agarrara aos ossos, à pele. Tão secreto que eu próprio o desconhecia. Um âmago apenas entendido muitas décadas depois como numa revelação à revelia da incredulidade do senso comum.

Eis-te às portas da nova república-reatava a salamandra-, porque vais morrer nessa viagem. Mas fica esse legado provisório, essa convicção de ser possível engendrar o mundo através da linguagem. Mas não era no domínio da linguagem que se combatia o terrorismo, acusava Nestórea nunca te perdoando não teres estado lá ao lado dos soldados daquele pelotão, quando pisaram o chão armadilhado. Alguns, como consequência da explosão, ficaram deficientes já nem sequer podendo fazer uma genuflexão. Mudavas de nome, mas prosseguia o boicote sistemático visando dissuadir a mínima veleidade da tua parte no sentido de regressares à origem. Continuavas mesmo assim em mutação constante, apesar de não ser para alcançar o centro, porque não havia centro antes por teres ouvido falar de um lugar onde a moral da dignidade humana fosse viável.

Eu?... Tinha um passarinho no bolso. Tirara-o para fora e abria a mão. A ave voava por cima de fronteiras para contar que Nestor nunca conseguira chegar à sua cidade natal. Que estava sob a influência dos sonhos, quando captara a atmosfera da época. Enfim!...Devia ser o Espírito Santo encorajando-me a encarar desanuviadamente o troço de caminho que me faltava percorrer. Já me acontecia, então, nas manhãs mais sombrias de inverno, evocar a impetuosidade de

anteontem. Já me encontrava, evidentemente, no poente da mão esquerda parecendo-me distinguir ao longe um riso de cortesia. Obviamente a noite irremível estava cada vez mais perto.

Mesmo tendo sido um sonho dentro do sonho -volveu a salamandra-,o que me é permitido ver a partir deste observatório privilegiado é deveras peculiar.

Encosta-me ao ouvido como se escutasses um búzio. Não, isto não é o purgatório nem tampouco um conto para a infância. Quem não queria entender a tua questão vital pretendia nivelar-te com aqueles que tinham sempre prescindido da criatividade literária. Curiosamente, supunham serem só eles a ter direito ao tom impessoal, e era supostamente dessa forma que exigiam a tua retratação. Ficaste amargurado, mas não eliminado. Nunca te esqueças teres conseguido livrar-te dos matadores, teres escapado aos caiadores, teres emergido de uma tragédia consumada em pleno carnaval...No meio de um torvelinho parabólico, numa evolução seletiva desapareceram as barbatanas ressurgindo milénios depois no meio de uma carnificina vociferante de espécies onde a água podia dar lugar ao fogo, onde o ar podia ceder o lugar a terras queimadas, a chãos inabitáveis, onde línguas inimagináveis podiam suceder às antigas, onde homens podiam desvanecer-se em fumo...Esta gramática das estrelas indica-te como todos os lugares são a tua terra, é um livro que corrobora quem como tu já é um emissário do espaço perdido.

O microcosmo de Theo

O MICROCOSMO DE THEO

«Já ninguém acredita na existência da força das coisas. O futuro é desconhecido, / .../ pois não há a sombra do passado no Presente».

In: Esprit, outubro 2002, As Lógicas e as máscaras do medo, Remo Bodei.

«-Romeiro, romeiro, quem és tu?

-Ninguém!»

In: Frei Luís de Sousa, Ato Segundo,
Cena XV, ALMEIDA GARRETT.

Num dia de maio, anos sessenta. Depois do jantar Theo fora assistir a uma conferência onde se demorara pouco mais ou menos até à meia-noite. Ao voltar para casa deparara com uma nota em cima da escrivaninha. Dizia o seguinte: «calculam que só no Congo, tenham morrido vinte milhões de vítimas desde o início da colonização.»

A mansuetude do espaço que habitava contrastava com aquele incidente contaminador. Relanceou um olhar pelas estatuetas de terracota. Sem saber a razão dessa associação pensou numas escavações arqueológicas perto de casa por onde deambulava com outras crianças colegas de escola, trazendo de lá um maravedi. Ainda o guardava.

Planeara, mal chegasse a casa, continuar a trabalhar na tradução de um texto sobre o enraizamento, da autoria de uma resistente falecida em 1943 a antifascista SIMONE WEIL. Em vez disso invocava as injustiças perpetradas pela antidemocracia vigente.

Retrocede uns quatro, ou cinco anos. Nessa altura, ao confrontar-se com o que se viria a revelar como o primeiro episódio num fio condutor de sequências, tinha ficado bastante perturbado. Precisava de contar em pormenor essa história, o que lhe estava a acontecer, como se tinha tornado o alvo naquela guerra de memória, mas eram fenómenos impossíveis de circunscrever. Como se estivesse a desempenhar um papel num elenco de psicodrama, e, um dia, ao regressares do Almanaque, porta-voz do cenáculo, achas a luz da biblioteca acesa. Tens a certeza de não teres sido tu, são onze da manhã, e habitualmente só às sete horas da tarde é que primes o interruptor elétrico. Tomas precauções, mas a insanidade principia a minar-te.

No começo supusera ser um problema de fechaduras, mudara-as várias vezes sendo a última bastante sofisticada: impossível tirar-lhe o molde por fora... Ao aparecer no escritório um recipiente, contendo um objeto não identificado imediatamente, que não lhe pertencia, apoderara-se dele o medo de estar nas mãos dos «bas-fonds» de Amesterdão. Posteriormente constatou tratar-se de uma PEN onde tinham gravado imagens de um mameluco a intervir para defender um dervixe que estava prestes a ser decapitado por três homens encapuçados. Não conseguia desvendar aquela semiótica. Teria sido, mau grado seu, tomado por outro?, teria havido um erro de identificação?, ou teria aquilo a ver com a organização terrorista do Daech? Tinha passado a calma lavada da rua da sua infância com estante de pau-preto e faixa de carneira na boina.

...Recuando a mil novecentos e trinta e tal, os bõos cahidos, prolifera uma atmosfera anti-histórica, um certo antissemitismo e um ambiente de populismo culminando tudo isso na anexação de países. E na incivilidade de arruaceiros sahiram a offender.

...Viindo da fee de Christi para quedar aquelle forasteiro sem couto.

...Só se houvesse um alçapão comunicando com o andar de cima, ou com o andar de baixo. Não moravam numa casa construída antes da segunda guerra mundial?, não fora Amesterdão uma cidade ocupada? Não tinham os holandeses mais genuínos passado à clandestinidade?

Fora em território de marajás, no Malabar, que os pais se tinham conhecido, ele um

luso-holandês, ela uma acadêmica nascida no Estado de Kerala dando aulas na universidade de Cochim.

Estava guardado, então, para o arrolamento criado pelo desenvolvimento superveniente?

Na iminência de ficar descentrado nas lagrymas...

Não escrevia tabuinhas de barro nem horizontalidade de planura holandesa quando tinham cortado a cabeça de São Dionísio, mas o sancto apanhara-a do chão e caminhou um bocado com ela debaixo do braço. Freud que não era crente religioso, ouvira a história ao guardião da Basílica: «em casos semelhantes o que mais custa são os primeiros passos.»

Hem?... Ele bem podia agora semicerrar os olhos, ver-se estendido na areia fúlvida olhando as nuvens a galoparem no céu indemne às convulsões das marionetas, indemne aos lugares comuns linguísticos daqueles recostados, daqueles que cirandavam pelas jazidas de prata, de cobre, pelas roças, pella Guanabara, pelo bautismo administrado aos escravos trabalhando crispados nos engenhos... À desfilada o cavalo bravio passa pela plantação de coqueiros, avança à beira-mar, percorre o ladrilho límpido por onde escorriam as espumas antepassadas de uma glória ténue, fugaz... O mundo tão localizado afinal nesse diz-me como falas e dir-te-ei quem és ia ganhando forma e Theo respondia-lhe como podia. E a etologia era diversa, mas nem sempre era necessário serem regionais para beberem café porém a fauna era outra tal como a flora, embora se mantivesse o perigo de sarabatanas, embora se mantivesse o perigo de se tornar num cérebro prestes a ser caçado.

... E as pastagens brasileiras falam coalidade primaveril, no rio refletiam-se as manadas enquanto bebiam, mas havia também a lida humana duna abaixo duna acima no vaivém do cesto grande, com varais e suor, para o transporte de bagaço nos engenhos de açúcar, mas também reverdeciam jardins onde batia o sol nos canteiros não faltando o aspensor para o regadio tal um caleidoscópio irradiando a claridade de sublimações artísticas convidando a hum entendimento menos mechanic da vida, e, sem o buscar deliberadamente, prospetivo nessa obscenidade semi-inconsciente,

cenário indecoroso aas dores que eram espírito como se as entranhas a tivessem encurralado pela última vez, e, num bafejo indo-europeu de enraizamento, umbilicalmente, tivesse sido participado cosmicamente a Theo, mesmo estando a milhares de quilómetros de distância, o momento do óbito de sua mãe.

Justiliber

JUSTILIBER

"A terra em que escrevia era estrangeira".
in: Tristes, de Ovídio.

Justiliber era um fugitivo. Não podia descansar enquanto não ficasse livre de perigo. Estugava a marcha, indagava o atalho.

«A vossa bênção ó venerável! Perdi-me» -dizia ele.

«Vede os borzeguins cobertos de poeira, o colete sebento, o fato amarrotado, eis-me numa disposição cada vez mais sombria, consinta orientar-me»

«Não senhor; tomou o viaduto errado»

Indagava no inverno, indagava nas estalagens, indagava na primavera, indagava nas tabernas, indagava no verão, indagava nos bares, indagava no outono. Tudo para atingir o objetivo.

De onde fugia governavam os Loutistas que eram inflexíveis na defesa da unidade indiferenciada.

«É impossível chegar lá antes de anoitecer: encontra-se dentro de um painel de azulejos cujo padrão de desenho geométrico e simétrico não tem a fase de resolução à vista»

«Deve haver um mal-entendido; conheço bem o estilo de azular, passei lá a minha infância... Devo estar a falar com... Com o famigerado Ginoleco -pensou, mas preferiu dizer em voz baixa: que insólito!... TENHA consciência e diga-me, por favorr, onde é que se paga a portagem» «Qual portagem? Aqui não há portagem nenhuma»

Localmente imergindo em diversos momentos que emprestavam sucessivos cambiantes aos gerânios.

Outrora tinha acariciado o camelo; outrora pegara no prato, uma faiança cujos motivos florais também estavam patenteados nos tapetes. Convidava à

oração a canção melodiosa entoada pelo almuadem a partir do minarete, mas tinha de continuar a fugir de atrocidades sancionadas por Deus. Sancionadas por quem? Era o que asseveravam os Loutistas. Estava, pois, em fuga, porque o fanatismo dos Loutistas julgava e condenava as pessoas pelas palavras: se não se evadissem seria executado não por ter cometido um crime para o qual tinha havido provas irrefutáveis, mas porque houvera quem afirmasse que ele o perpetrara, apesar de estar inocente.

Estivera preso várias vezes. Da última vez depois de sair da cadeia voltara a penates. Entrara na rua, entrara no prédio, subira as escadas, tocara à campainha. Todos ali faziam de conta desconhecem o nome da pessoa que procurava. Reconheceu todos, mas ninguém assumiu reconhecê-lo a ele. Fora expropriado e debandou com uma sensação de ter sido usurpado. A qualquer momento iria acordar de um pesadelo, porque aquela opressão certamente não era real.

Mais à frente garantiam que o importante era o adjetivo democrático, relevante -diziam, era o substantivo democrata. O paradoxo era que naquelas paragens todos pareciam alhear-se de tal palavreado talvez por o terem repetido à exaustão.

Estava a interagir com quem? Prestes a certificar-se. No compasso de espera tivera de tragar uma cacofonia já antes testemunhada noutras situações. Com intervalos regulares uma voz gritava num microfone o leitmotiv: «E ele depois quis volver a casa, mas não havia valhacouto onde se acoitar.» E lá se detinha perante uma sinuosidade problemática. Por fim enveredou incógnito

pela via estética que se lhe deparava em Baía Imaginada, da pintora Maria

Helena Vieira da Silva sumindo-se aí jurando a si próprio, ou não se chamasse Justiliber, não cometer o erro de Orfeu, quando fora buscar ao mundo das sombras Eurídice e não resistindo à tentação de ver, se ela

continuava a segui-lo,

olhou para trás perdendo-a para sempre.

Os fatos e os factos

OS FATOS E OS FACTOS

A favor dele tinha a curiosidade dos leitores. Desviara-se mesmo a tempo do hipérbato pensando citar Carl Gustav Jung: «que algo incerto ou desconhecido é preenchido pelo observador com projeções psicológicas.»

Já a vila de Constância não se tinha desviado nem do Zêzere nem do Tejo, já que se encontrava na confluência destes rios. Já seria tarde para se desviar da Cultura, ou da Natureza?, porque para Claude Lévi-Strauss a antinomia mais importante era «a da Natureza e Cultura».

Mas teria de ser um dilema entre a pronúncia de «xiro» em vez de «giro», ou «binho» em vez de «vinho», ou «tchave» em vez de «chave»? Havia quem dissesse «Pworto». Havia quem tendo acabado de chegar de S. Miguel, Açores, pronunciasse caracteristicamente «pöca» em vez de «pouca». Quanto a esse

«Klubi», em vez de «club», traía

inequivocamente alguém oriundo do Brasil. Os fatos desviavam a atenção dos factos, por exemplo os vereditos de certa elite intelectual: -Strindberg que não tinha gostado da pintura de Paul Gauguin; Mário de Sá-Carneiro que não tinha gostado da pintura de Amadeo de Souza Cardoso; Fernando Pessoa que não tinha gostado nem da música de Luís de Freitas Branco nem do escritor José Maria Eça de Queirós...

O oftalmologista ainda não precisava de mudar-lhe a graduação das lentes, mas o oculista tinha de ajustar melhor a armação. Com a ponta do indicador Eupréprio tivera de empurrar os óculos para cima ao longo do nariz antes de iniciar a leitura de Testamento de Mecenas incluído em Últimas Páginas, de Eça de Queiroz. O autor dava-nos aí conta de que morrera o Comendador Peres Cardoso, natural de Cinfães, morrera não sem se ter tornado o protetor de

poetas, não sem se ter tornado o benfeitor de romancistas, tinha falecido lá no Brasil deixando prédios, livros e dinheiro à «multidão de letras». Falecera fazendo testamento em benefício de João de Deus, Crespo, Junqueiro, Camilo, Chagas e Eça.

Descoroçoante era aquela elite de que Juan Ramón Jiménez fazia parte ao não ter gostado de Pablo Neruda, mas em Trás-os-Montes havia uma sebe aromática ornamentada com o branco da flor-de-sabugueiro, e, pelo peito vermelho devia ser um pintarroxo a esconder-se no tojo da orla costeira portuguesa, também, no ano da sua morte, em 1935, Pessoa descreve Salazar como «a alma campestremente sórdida do camponês de Santa Comba», mais, Hannah Arendt, em *A Vida do Espírito – Pensar*: «É melhor sofrer a injustiça do que cometê-la, porque podemos continuar a ser amigos de quem a sofre; quem quereria ser amigo e ter que viver juntamente com um assassino?», contudo, Albert Schweitzer recebendo o Prémio Nobel da Paz em 1952 usando esse dinheiro para a construção de uma aldeia para leprosos no Gabão onde vivia desde há 39 anos dedicando-se filantropicamente à beneficência, e, queimado em efígie em 1761 pela Inquisição, Cavaleiro de Oliveira, no exílio, responde a esse facto livremente em 1762: «Todos os parentes e amigos consideraram-me falecido a partir da altura em que a Inquisição decidiu perseguir-me/.../uns lamentam terem-se coberto de opróbrio por minha causa/.../lamentando todos de modo geral a desonra perpétua que os meus sentimentos farão cair sobre a Nação Portuguesa nos séculos vindouros», e, Heráclito: «A natureza tende a esconder-se», e, nesse fluxo, outra vez Fernando Pessoa in *Atena* 1, outubro de 1924: «se a arte ínfima tem por dever o entreter, se a média tem por mister o embelezar, elevar é o fim da suprema. Por isso toda a arte superior é, ao contrário das outras duas, profundamente triste.»Guernica? O quadro de Pablo Ruiz Picasso pintado em 1937 referente à Guerra Civil espanhola que deflagrara no dia 17 de julho de 1936. O militar Francisco Franco lutaria contra a República eleita democraticamente e teria o apoio da Legião Condor enviada

por Hitler. Outro inferno devia ter sido o de Georges Bizet abdicando da esperança de assistir ao êxito da sua ópera CARMEN.

Em 1878, três anos após Bizet ter falecido, Tchaikovsky prognosticava que a CARMEN de Bizet seria dentro de dez anos a "mais popular ópera em todo o mundo".

E Vincent van Gogh terminando pobre, a fim de "elevar" a "arte" mesmo sem o saber. Às vezes, todavia, as coisas pareciam ser mais simples: bastava uma epêntese para que os fatos se tornassem factos.

Uma candeia

UMA CANDEIA

«Acho que as leio por isso, por não biografarem nada, a não ser uma pessoa inventada a quem atribuímos um nome real, pormenores reais, episódios reais, quando a vida nada tem a ver com essa realidade.» in: ANTÓNIO LOBO ANTUNES, Quinto Livro de Crónicas, As Biografias, 2013, Ed. D. QUIXOTE.

Numa cadência monótona a chuva amodorrava.

Para trás ficara a família de camponeses que sem sequer lhe perguntarem o nome tinham partilhado com ele a refeição. Já sozinho despediu-se do lenço de namorados que a espanhola Marinela lhe tinha oferecido. Num barranco deitou fora o que trazia vestido. Se lhe tivessem dado a escolher o lugar de nascimento!, mas não, nascera ali naquele arquiducado a desmoronar-se na entoação encantatória enfatizando isto, ou aquilo, graças às pausas, declamando, pontuando ora uma pergunta ora uma exclamação, eivando logo presto o timbre protestatório numa sonoridade guerreira qual Satanás no proscénio. Pegou no passaporte falso. Acabara de nascer Candeias. Era como uma antonomásia. Já com a roupa mudada alisou o colete de linho fino abotoado com colchetes de prata, colocou a barba postiça, enfiou na cabeça o chapelório, envergou finalmente o capote.

No escuro ladravam cães. Ajustou as luvas. Lembrou-se do que aprendera nas aulas de «Aiki-do». O tempo nas trevas parecia uma eternidade. Lá mais à frente acendeu-se uma luzinha. Era a senha. Uma candeia por todos, todos por uma candeia ó

Candeias. O sinal combinado a anunciar o render dos esbirros na ronda do posto fronteiriço. Nenhuma aporia, quando estugasse a marcha noite adentro disposto a lutar contra o anátema que o Arquiduque lhe lançara. Sorriu antevendo o ziziar de insetos na conversa de esplanada entre cavalheiros representativos do arquiducado em que o tema ocasional fosse a fuga de um proscrito dado depois como desaparecido.

Europa

EUROPA

...E o céu rasava o *zuidervzêe*, o lago de *ijssel*,

eu comia arenque e tinha de me situar reportando-me à guerra colonial portuguesa sem a qual nunca tomaria o pequeno almoço em Naarden, com o compositor suíço FRANK MARTIN autor entre outras obras da oratória Golgotha. Tento entretê-los com o produto da minha criatividade de então: o fluxo migratório proveniente da Síria visando chegar ao Mar Egeu passando pela Turquia nos Dardanelos...Não tendo suscitado a curiosidade desejada passara à relação hipotética entre linguagem matemática e linguagem musical. Não tinha sido o maestro Ernest Ansermet a escrever sobre o assunto?

O filho do dono da casa era jornalista e fora a pessoa contacto com quem eu travara conhecimento ao desembarcar na Estação Central de Amesterdão proveniente de Paris. A filha, bailarina, anda a ler J. M. COETZEE que eu desconhecia. Só muito mais tarde vim a descobrir este escritor sul-africano: «Não, apolítico não. Eu diria antes antipolítico. Ele pensava que a política fazia ressaltar o pior das pessoas e trazia também à superfície os piores exemplares da sociedade. Preferia não ter nada que ver com isso.»

Que alento dar a escutar no quotidiano à família um certo fraseado pianístico.

Nunca saberei se os meus anfitriões terão ouvido as minhas declarações ao microfone de uma estação de rádio holandesa: -não seria quem sou, se não me tivesse oposto à polícia secreta de Salazar e de Marcelo Caetano; -não seria quem sou, se não me tivesse demarcado de uma política portuguesa antidemocrática.

Subsequentemente ficara alojado na casa de um casal, ele pintor, ela professora de judo. Partilhando o quarto com mais dois portugueses. Um beliche

para cada um. Havia uma semana que estava a trabalhar doze horas por noite numa fábrica de cromagem. Uma vez, a meio do sono, a dona da casa acordou-me. Eis-me de pé, diante dela, em cuecas. Sou esbofetado. Não reagi. Estou perplexo. Sem ter percebido nada do que ela esteve a dizer em holandês. A carrinha da polícia vem buscar-me. Finalmente posso comunicar em inglês. Conforto-me com uma citação de Horácio: «A ira é uma loucura passageira.» Fora uma peripécia insignificante desempenhando eu o papel de bode expiatório mesmo assim registada para o caso de haver antibiografia. Penso na vida de alegada luxúria de Sto. Agostinho antes de enveredar pela via da santidade. Fora Eça de Queirós a chamar a Antero de Quental Santo Antero antes de ter escrito Lendas de Santos.

Não as vejo, mas ouço-as, e isso lava-me: são as crianças no recreio de uma escola circunvizinha. Também não o vejo, embora começasse a ouvir o violoncelo Stradivarius cujo timbre cheio se destacava tanto mais quanto posto em contraste com outros violoncelos provenientes de outros fabricantes.

Um certo magnetismo leva-me ao Centro Cultural de Belém, Lisboa, onde aperto a mão ao Timorense, Nobel da Paz, RAMOS-HORTA.

Ao fim da tarde RAUL BRANDÃO mordisca-me a Língua com AS ILHAS DESCONHECIDAS: «Tenho a impressão que há nas Flores a luz mais delicada dos Açores.» O que não terá sido suficiente para evitar o suicídio de ANTERO DE QUENTAL.

Havia mesmo quem pensasse que eu me disfarçara de mendigo com o intuito de escrever um artigo jornalístico sobre os sem-abrigo... Fosse como fosse eis-me num refúgio estivo de misericórdia destinado aos que não têm teto. Antes tinha-me candidatado ao Prémio literário Mexicano JUAN RULFO. Talvez por isso tivesse lá ido comer anonimamente, uma vez, o diplomata e escritor Mexicano CARLOS FUENTES. Não era uma questão de desmemória antes o respeito próprio que me impedira de lhe ter ido falar.

Estão-me a morrer paulatinamente as testemunhas de defesa. ARIEL

DORFMAN cujas aulas sobre JULIO CORTAZAR eu tinha seguido na Universidade de Amesterdão ainda estaria vivo; escrevera recentemente um artigo sobre ANTÓNIO LOBO ANTUNES com menção na primeira página do «THE NEW YORK TIMES». MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS tinha traduzido para português O VENTO do Nobel literário de 1985 cuja conferência, a melhor entre as muitas a que assisti, dada na Universidade de Utrecht mais de dez anos antes deste escritor francês nascido em Tananarive receber o Prémio... CLAUDE SIMON, entretanto falecido, não precisara de ler o texto que estava em cima da mesa à qual se sentara: sabia-o de cor; e falara fluentemente do princípio ao fim. Ainda tive a oportunidade de lhe fazer uma pergunta. Achei-o inexcedível. Seria a primeira e última vez que pude falar com ele.

No que dizia respeito ao colégio da Quinta dos Azulejos, no Lumiar, onde estudei tantos anos... Mesmo ao lado achava-se um palacete que pertencia à família Espírito Santo; um dos filhos também lá estudava, embora não fossemos do mesmo ano. O primogénito do milionário Champalimaud encontrava-se na carteira atrás da minha. Agora mostrava-me as respostas ao anúncio que a revista PARIS MATCH lhe tinha publicado. Algumas continham fotos mostrando miúdas sexy. Não fora por motu próprio que me cruzara com a nobreza e a alta burguesia. Apenas estava a ter o meu oximoro. Era tão inútil retroceder como tentar caminhar onde já não havia chão. Tiro do baú a fotografia onde estou com dois colegas de turma. Um deles tornar-se-ia Presidente do Tribunal. Não me custa imaginá-lo de toga diante de mim perguntando-me de chofre: «então renegado?», mas era impossível branquear o único passado que tinha. Tal como a luta pela identidade intelectual seria sempre para mim o fulcro da questão, a minha masculinidade não era suscetível de ser devolvida à procedência para troca biológica. Como podia eu apostatar após ter tido interlocutores de tão alto gabarito?

Intermináveis corredores ladeados por portas de quatro em quatro metros

dando acesso a um espaço interior exíguo, um quarto, habitado sempre só por uma pessoa. De cem em cem metros, talvez nem tanto, havia postos de vigilância montados onde funcionários estatais se revezavam, a fim de desempenharem funções de controle. Os alojamentos eram fornecidos atempadamente da alimentação necessária aos inquilinos. Os residentes estavam expressamente proibidos de sair dos seus cubículos. Tampouco lhes era permitido comunicarem com outros moradores. Mesmo assim havia de vez em quando sombras que se esgueiravam encostadas às paredes, a fim de procurarem sub-repticiamente contacto clandestino com quem fosse menos pusilânime no âmbito daquele universo concentracionário. Pouco a pouco a organização recrutava cada vez mais revoltados. Não é guarda quem acabou de franquear uma porta. Resta adivinhar o teor da conversa travada em tom sigiloso.

Tirintintim. Era o telefone. Uma voz conturbada interpelava-me. Se podia soletrar? Consinto: S de serigrafia, I de ião, M de museologia, O de ortografia. Se estava na forja outra personagem de ficção e se a palavra era oxítona? Simo?... Era isso? Pois claro! -respondo.

Um autor criava um posfácio, ou tratava-se antes de um posfácio para inventar um autor? Se eu procurasse socializar-me iria escrever para cafés, mas o pendor não era o de ator, embora me mantivesse disponível. Icástico atinha-me ao código de escrita. O mundo, esse, continuava a ser o palco do poder político, um mundo de aparências manipuladoras pautado pela régie do espetáculo. Os escritores e poetas que pretendiam ser deputados eram a exceção. A regra era ser-se perseguido por se chocar, deliberadamente ou não, com o poder literário caucionado pelo poder político vigente. Não era inverosímil a metáfora da praça pública onde ALMADA NEGREIROS gritasse «Morra a norma literária vigente!» Quem revisitava quem? O poeta ANTERO DE QUENTAL ainda se atormenta em mim na angariação de assinaturas para enviar como protesto ao governo que acabara de encerrar as Conferências do Casino. Também é minha a fuga empreendida por THOMAS MANN condenado ao

exílio americano ao ter discordado da política de HITLER.

Levantei-me a meio da noite para escrever que o debate sobre o sentido da liberdade não era prioritário. Antes de mais era necessário ajudar a fugir da prisão os prisioneiros políticos. Estava a veicular, afinal, um certo descontentamento desmesurado que não me era nada estranho tal como eu o verbalizava.

Que era um luxo eu ter assumido o que fizera? Ainda não devia saber, mas sempre lhe digo: sou um dos filhos de EUROPA, o meu nome é Radamanto.

A migração

MIGRAÇÃO

«O presente que o exilado conserva nas mãos enquanto olha para o céu sem chorar nem fazer perguntas, deve ser esse. Que lhe seja dado o poder da palavra. É a única coisa que pede, pede para aceitarem a sua dádiva acumulada e conservada ao longo do tempo: a liberdade para exprimir a verdade que era parte da sua bagagem, quando se foi embora de que nunca se desfez antes foi acumulando na vida póstuma que não lhe roubaram.»

In: Carta Sobre O Exilado, MARIA ZAMBRANO, Cadernos do Congresso em prol da Liberdade da Cultura, nr. 49, junho de 1961, Paris, pp. 65-70.

Quem passar por Lisboa, junto ao sopé da colina de Santana, vai deparar-se, ainda hoje, com gente proveniente do Leste e do Médio-Oriente que acorria ao local, ávida de notícias trazidas por algum recém-chegado. Em ambientes pitorescos animados tinham lugar intercâmbios coloridos de rua que iam desvendando os meandros ao burgo. Neste fim-de-semana há festa na cidade. Ali representa-se um entremez; o ator cujo papel é Giordano Bruno está a conceber Deus como o universo infinito perscrutando o céu, encontrando a constelação Andrómeda. Numa faia, um pássaro com uma coroa colorida que não se previa fazer parte do cenário, canta. É uma estrelinha-real. Num espaço contíguo exprime-se graciosidade conjugando flexibilidade de movimentos com frescura, com leveza. São os anseios artísticos da bailarina. Vinte, ou trinta metros mais à frente ouve-se a boa dicção de um ator lendo *Christãos Novos E Christãos Velhos*, livro acabado de escrever em 8 de novembro de 1748: «os Christãos velhos por trinta módos o insultão/.../a mayor parte faz acenos que tem rabo.» É

de António Ribeiro Sanches, um médico exilado autor também de Tratado Da Conservação Da Saúde Dos Povos (1756).

Imersa numa luminosidade à Vincent Van Gogh está aquela ave migrante chamada perdiz-do-mar sobrevoando o estuário do rio Tejo.

Um grupo de gente de cor está a lembrar-se da vida inseminada pelos cometas, da savana africana lá onde fora o chão dos progenitores onde haveria algures esse pedaço de zircão que era um dos materiais terrestres mais antigos. Demorara imenso tempo até que um elemento químico se transformasse noutra elemento químico; decorrera imenso tempo entre a formação do Sistema solar e o aparecimento dos primeiros sinais de vida.

Quatro mil anos antes de Cristo os Sumérios tinham inventado a escrita cuneiforme. Já não havia Sumérios, mas a cultura literária deles chegara aos nossos dias.

Longe ia o tempo em que os meteoritos provocavam constantemente colisões. As bactérias tinham-se aguentado, tinham resistido a tudo. «Capta o que paira no ar» dizia um dos conferencistas citando, num anfiteatro, Agostinho da Silva. Também lá estava um sujeito que sofria de polidactilia, um defeito congénito, embora isso não o impedisse de aludir a certos escritores alemães reivindicando Bolsas de criação literária só para poderem deixar de escrever.

E, de repente, a brisa trazia um certo aroma a roselha.

Um dos estudantes inscritos no curso de lusofonia para estrangeiros, organizado pela Universidade de Lisboa, era Zeleu. Proveniente do Iémen o dono da pensão de emigrantes onde se alojara. Os hóspedes eram na maioria russos. Um deles aludira a essa característica da sua língua onde a palavra para belo e encarnado era a mesma. Também estavam lá hospedadas umas ceramistas de porte belo e distante, tão exóticas como a língua que falavam. Oriundas dos confins da Eurásia? Tanto fazia. Para se dirigir à saída tinha de atravessar um longo e sinuoso corredor. A certa altura havia outro colateral que terminava na cozinha. Detinha-se para lhe ver a silhueta. Com o lenço na cabeça, ali, era uma

figura feminina, intemporal, bíblica. Imortal grandeza de banana flamejante. Médio Oriente mais do que nunca embelezado em brochette de Acaba. O rasto imperecível delas. No bazar onde se cruzam fortuitamente nessa tarde, sorriem-lhe amigavelmente. Passeavam descontraídas, imponentes, autoconfiantes,. «Os traslados dos sínodos.» «A Carta Marítima que abarcava a Costa Norte da Grécia entre o golfo da Salónia e de Saros, o Mar de Mármara, o estreito de Bósforo e um trecho Sudoeste da Costa do Mar Negro e parte da Costa Noroeste da Turquia.» É uma estante do Japão em madeira lacada de negro, com incrustações de madrepérola -diz o conservador dos arquivos. E um «Contador em teca com embutidos de sissó e marfim, exemplar de arte Indo-portuguesa.» E «O Tratado de amizade, comércio e navegação entre Portugal e o reino do Sião.»

A sonoridade de certas expressões: «Chancelaria Régia», «antifonário», «Mitra de Braga», «Alvará». Afloram-lhe sensações evanescentes perante o «canudo que transportava os documentos em tâmil destinados ao Vice-Rei da Índia.» No «Arquivo Real» havia «cartas do Imperador da Etiópia». Repara na «Pasta de despacho da rainha D. Maria Pia, encadernada em veludo azul, gravada a ouro». Repara em «Pergaminhos encadernados em madeira coberta a cabedal com cantoneiras e brochos em metal trabalhado. Pergaminhos iluminados, encadernados com pastas de madeira revestidas de marroquim vermelho.» Desvendando rotas que levassem ao «Xá da Pérsia». Dir-se-ia uma camponesa sadia quem passa por mim agora. Na Torre do Tombo o «Mappa mundo que trata de todos os reinos, terras, ilhas que há na redondeza da terra, com suas derrotas e alturas per esquadrias.» Talvez numa dessas ânforas de barro dourado se tivesse escondido uma missiva secreta levada pela Embaixada de D. João V de Portugal ao Imperador Yongzheng, da China.

A tessitura urdida paulatinamente num desenrolar de meada. O desenho arquitetónico entrevisto numa impressão de grandeza. O halo poderoso orquestrado polifonicamente numa suite infindável. O caleidoscópio perspeticado através de vários prismas narrativos. A filigrana do vocabulário.

Sem ter havido rutura com a linguagem coloquial: vertiginosamente passavam os pedreiros e a caligem; passava o ferreiro; passava a varina de salsugem; passava o campino; passava Karnak em obelisco; todos levados pela arrebentação das ondas contra os recifes.

Etnologicamente piscatório: «Venha almoçar connosco um esturjão do Volga» -convidava o boiardo. E a cabreira fazia esguichar o leite da teta da cabrinha para dentro numa vasilha. Outro russo que se definira como viajante, SVIATOSLAV RICHTER, era o pianista a quem MARIA JOÃO PIRES dedicara Impromptus, de SHUBERT. Turistas oriundos da Mongólia e do Lago Tanganica acabados de chegar do Camboja onde tinham visto as ruínas da Arte Khmer seguiam de carro elétrico para o Mosteiro dos Jerónimos. A nubente não ficara queda. De tal forma que os ademanes apeteceíveis dela fizeram-no perguntar. Ele procurava o jejueiro. Se não tinha visto. Para encontrar o que nunca tinha existido. Perante o neologismo dele, ela sugeriu o jacarandá. Numa dádiva as flores cor de violeta. No jardim Conde de Ficalho. Ele estendeu um braço para ela abrindo os dedos da mão num gesto de abarcar a beleza de que ela estava imbuída, ou era simplesmente o magnetismo daquela mulher apelativa. Ela havia de mostrar-lhe a planície aluvial dos freixos, não havia? Em troca ele levá-la-ia ao vidoeiro da sua infância. O vento fazia com que as copas das árvores sussurrassem e ia empurrando as nuvens no céu lentamente. A cor da folhagem, a forma dos arbustos: o verde com tantas tonalidades. Pelo rumo das nuvens depreende-se que o vento mudou de direção. Uma andorinha sulca o céu. Está a clarear. Eis o zumbido do moscardo. Uma borboleta aproxima-se indelevelmente. Indubitavelmente o verão está a chegar. Prementes as campânulas à beira do caminho, tantas flores, tantas aves, e a expressão holandesa «rare Vogel» «pássaro estrangeiro», se traduzida à letra, mas cujo significado, com efeito, é «estrangeiro». E a mudança de cor, consoante a hora do dia, no mármore de Montes Claros. E a ressurreição tinha de ser uma questão de fé tal como o Padre ANTÓNIO VIEIRA o tinha predicado daí a possibilidade

do rei D. João IV poder ressuscitar a qualquer momento incorrendo assim na condenação pelo Santo Ofício em 1667.

Sangrando da ilhargá não tendo onde se agarrar encosta a cabeça ao azevinho. Olhava reverentemente a planta. Conforme a intensidade da luz recebida assim diferia a cor. O verde escuro das folhas à sombra. Aí onde havia quase uma penumbra eram castanhas. E vermelhas nas partes onde o sol as iluminava sem resguardos. Mais adiante o Homo Sapiens fora esventrado segurando agora as tripas com ambas as mãos enquanto o olhar ansioso procurava um recanto onde se pudesse recolher. Sonhara o arrulho de rola numa tarde bendita?, sonhara sob um teixo com o yang, com o yin?

Era um dia soalheiro. O minicomboio descapotável deslocava-se a cerca de 40 Kms à hora. Atravessando uma cidade estranhamente silenciosa onde vivera há uns trinta anos atrás. Numa arquitetura bem ordenada as ruas achavam-se limpas. Notava-se que era uma urbe recente. Edifícios de vinte andares. Andava à procura dos seus antepassados. Permanecia de pé deixando que o vento lhe fustigasse a cara. Na misantropia de duas horas de viagem. Até vislumbrar alguém acenando do cimo dum prédio. Desce. Quando o local se encontra suficientemente perto reconhece o rei D. JOÃO IV de Portugal. Desde lá de cima está a tentar indicar o caminho. Transpõe a porta da rua. Começa a subir as escadas. Não há elevador. A aparência exterior contrasta com o suporte interior da casa. Parece desabitada. O sobrado range. Cede por duas vezes. Tem de saltar a tempo para evitar o pior. A impressão é de estar a franquear um espaço abandonado. Finalmente chega ao vigésimo andar. A mobília é antiga. Pelo menos de há cem anos atrás. Consternado ao dar-se conta de que o ressuscitado vive num ambiente degradado. Fica a saber que residia ali até haver condições para implementar a Carta Dos Deveres Para Com O Ser Humano. As instalações provisórias não eram tão más e a clerocracia confinara-se numa discrição para lá das coníferas.

Fora o primeiro Rei da quarta Dinastia de Bragança, D. João IV que

sonhara Zeleu?, ou fora antes este a ter sonhado D. João IV? Nunca se saberá. Era uma rua comprida, de casas térreas. Só um lado é que estava ao sol. A frescura do branco a condizer com o azul profundo do céu dessa tarde. Silenciosos, sentados à sombra. Eram os velhos do lugarejo perscrutando horizontes ignotos. Um cão perdido latia na distância. Também em fundo as vozes das crianças que brincavam. Já não olhava nem de cima para baixo nem de baixo para cima: acabara de chegar de um dado enfoque sem espessura, sem largura, sem altura... Tinha-se alimentado parcamente a batata-doce acoitado no embondeiro de longe a longe. Ou sem pejo o poejo já se permitia assumir o seu aroma. Ou na taiga sobrevivendo à base de enlatados. Se non é vero, é bene trovato.

Quase a chegar à tundra finlandesa. Ou surge o Alentejo na junção de mármore e cal.

Inadvertidamente esbarra com o bucolismo de uma tarde de verão em que aparecem a cumprimentá-lo um tordo e rãs coaxando. O feijoeiro estava em flor.

Leveza de coração graças à luz macia deste fim de tarde Lisboaeta. Navios que sobem o Tejo. Um barco à vela desce o rio. Põe-se a assobiar baixinho.

Cheira a rosmaninho. Vê bulir os alcatruzes. Lá está a nora da aldeia, a eira, o burro, o pátio com galinhas e patos, uma petúnia, os loendros em flor, pardais saltitando a darem-lhe a pequena alegria de um dia tão evanescente como dia. Pega numa foto antiga. Lá estava ele emoldurado. Junto da casa tão desconjuntada pela refrega. Cacos de jarrões. O sal transportado pela caravana despertara a cobiça. O jardim onde repousa a estátua desmembrada. Vai limpando cuidadosamente o seu esqueleto com espátula e pincel. Ouve soprar o vento vindo da montanha.

Finalmente chegou exangue junto de um tanque onde se banhava um gaio. Deve-se ter assustado, porque fugiu piquinino. Depois começou a escutar estrofes canoras e melodiosas, aflautadas. Devia ser um melro. Enquanto que acolá é o voo estival, rápido e acrobático do abelharuco de peito azul, de

garganta amarela.

Devagar as estrelas iam-se derramando pela noite fora emprestando ao céu a sua luz tremeluzente.

E raiou uma nova manhã para o grou. O sol português rompe preguiçosamente através das nuvens. Entre a vegetação do rio Tejo aparece a galinha-d'água de bico vermelho com ponta amarela.

...Castro Marim é cenário para outra ave, um alfaiate vestido a preto e branco, grande, elegante. Anda a vau indo-se alimentando com a cabeça para a frente e com movimentos regulares, da cabeça e do bico, de lado a lado como se estivesse a ceifar, caminhava, levantava voo, voltava a pousar.

...À volta da Ria de Alvor, hortas e pomares de noites calmas.

...No Rio Guadiana, em Castro Verde, à beira de um canavial, a garça-real espreita aristocraticamente o peixe.

«Nunca mais parte, o raio da liteira. Há quanto tempo estamos aqui?» - perguntou o passageiro. O vizinho levantou-se, afastou as cortinas; abriu o postigo, espreitou para fora. Depois, numa voz soturna, quase inaudível, como se falasse para si: «debruço-me à janela constatando prosseguirmos por essas faldas...» O viandante volta a ensimesmar-se. Afluíam-lhe as atrocidades pós-traumáticas da guerra que deixara para trás: por exemplo um campo de tortura ornamentado com cones ensanguentados: eram línguas ali pregadas, sangrentas, línguas de vaca, de porco, de gato, de lince. No stress daquele impacto o prisioneiro levava sempre uma mão à boca. Tudo acontecia demasiado rapidamente. Antes que se desse conta já lhe escorria um fio de sangue pelo queixo abaixo. Já não tinha língua. Cravavam-na naquele mural horripilante ao lado da dum orangotango, ou da dum puma. Refestelado numa poltrona assentando os pés em cima da secretária estava um dos cabecilhas. O teatro da crueldade não chegaria a tanto.

A carruagem parara. O cocheiro apontou ao viajante um pernilongo a espetar um peixe com o bico. Tinham chegado à lagoa de Santo André.

...Inesperadamente emaranhados pela antecâmara de regiões glaciares. Eis as muralhas erguidas pelos gelos, pelos degelos. Nunca antes franqueado o solo de poliedros estilhaçados. Tamanho espaço desértico era um obstáculo. O estalo do azorrague vem destrinçar o novelo.

...A anfitriã traz uma sombrinha de tule branco cujo cabo é em madeira de bambu. Chega uma vampe vestida de tule preto bordado a fio dourado com missangas de cor turquesa e fio de seda preta. Inesquecível essa jornada em prol da sublimação. Também está presente um alto dignitário do Museu Guggenheim. Era no casarão onde também acorriam os motivos florais e vegetalistas pintados à mão no vestido de seda estampada em tons marrom. Assim sobressaía a burquinense discente de português, língua cujo vocabulário, dizia ela, era como um açafate cheio de opalas e safiras.

Começara a ouvir-se um duo de sanfona e charamela. Noutro grupo destacava-se um vestido bordado a lantejoulas e missangas pretas. Dois homens falavam na cotação de mercado para as tecas e angelins. Numa voz sumida Zeleu confidenciava ao seu interlocutor: «nasci numa cidade populosa do Médio Oriente... Fugi de uma ferocidade carníface onde o meu crime foi ter desejado o decoro consentâneo aos conhecimentos linguísticos... Tinha posteriormente acedido a recessos de lógica e de matemática. Tinham lá estado sempre, embora nunca tivesse reparado em tais postulados. Aquilo não tinha sido religião, antes uma dimensão abstrata que não dependia dos acontecimentos exteriores, contingentes, políticos no sentido destes estarem imbuídos de temporalidade. Fora uma dimensão cuja durabilidade monogramática remontava ao princípio prolongando-se até aos confins dos tempos. Só a linguagem matemática, só essa hermenêutica seria suscetível de responder à pergunta inaudita. Ainda ninguém tinha sido capaz de conceber uma realidade mais digna de confiança. Reconfortava a singularidade de similar filosofia desde que fosse como o oitavo duque da dinastia de Bragança, Rei D. JOÃO IV, amigo e protetor do Padre ANTÓNIO VIEIRA, o desejara.»

A anfitriã que ia a passar por ali, chegou ainda a ouvir as últimas palavras comentando logo para os convidados: «já era chegada a hora para que o mínimo resquício onírico deixasse de ser reprimido, não era?»

Quase posfácio

QUASE POSFÁCIO

Quem é que já no autocarro assinalando feitos certamente dignos de serem preservados para a posteridade? Não era a fama de Eurico S. que estava a ser posta em causa. Nem se estava a fazer uma pergunta quanto ao legítimo direito à imagem de alguém. O que seria verosímil atendendo à mitomania vigente nas chamadas «redes sociais».

No design da montra de uma livraria uma ampulheta e um portulano davam o mote sugerindo a leitura de histórias imorredouras que pertenciam a todos os lugares.

Outra vez no meio do trânsito rodoviário intercalado com monólogo interior. Que a certa altura o pai bastardo começara a invejá-lo por ele não ser igualmente ilegítimo. O gajo sovava sistematicamente a mulher com quem estava casado. «Eli, Eli, lamma sabacthani» lia-se no Evangelho de S. Mateus, 27, 46 (Pai, Pai, porque me abandonaste?): eis o órfão de mãe ajoelhado à beira da campa enquanto restrugia um sinceiro.

Era paupérrima a avó materna e tinha de trabalhar até fora de horas. Eurico S. testemunhara-o durante os primeiros sete anos de infância passados em casa dela.

O percurso de autoviação ia progredindo sem deixar de estimular a hipersensibilidade daquele passageiro sempre de dedo no ar não perdendo nenhuma das estátuas que celebravam pomposamente as proezas candentes de um Santo ou de um Herói, ou de um Génio. Era um menino ávido não se importando que houvesse, ou deixasse de haver triagem a uma realidade falsificada.

Sentia-se o frenesi do Natal na capital. Depois de sair do táxi na Rua da

Misericórdia, em Lisboa, vai entrando no talho uma consorte de dia diáfano. O açougueiro assoma-se à porta do estabelecimento. Lá está o cão dentro do carro enquanto a dona se preocupa, neste momento, em procurar no porta-moedas o dinheiro para pagar a refeição canina, apenas esta, porque diegeticamente a vida não se terá desencostado dela atempadamente, a vida não lhe terá passado suficientemente ao largo por isso endividava agora esforços no sentido de ocupar cada vez menos espaço até que o corpo, tornado diáfano, liberto das leis da gravidade, entrasse em levitação. Outrora tinham namoriscado ainda a anorexia não a tinha desfigurado. Eurico S. pensava não ter havido aviso prévio do destino para que o louva-a-deus devorasse vivo o parceiro sexual após o coito. Aquele inseto carnívoro devia ter visto imprevisivelmente o outro desencadeando-se imediatamente o elo encantatório que iria dar à sobrevivência do mais forte. Duas liturgias tinham tido lugar: primeiro a de núpcias a dois depois a de exéquias a sós. Só para Deus é que não havia sine qua non.

Fora aos oito anos que o tinham tirado de casa da avó. Após doze meses já sabia que o kitsch de linguagem, o assassinato da Língua, fosse ela qual fosse, não era tão grave como infligir maus tratos a uma criança.

Numa espécie de recaída, uma viúva a quem já falecera a filha ia asilar o neto. O tribunal de menores decidira retirar a tutela parental ao genro. Todo o estro seria pouco para tornar patente, em flashback, esse quadro de referência de memória coletiva reencontrada nos antecedentes individuais indispensáveis para traçar a genealogia do seu bordão literário. O troca-tintas podia tornar obscura a identidade de uma pessoa, embora as consoantes não tivessem deixado de crer em Eurico S., mas à medida que a distância espaço-tempo aumentava, o mal-entendido ia-se esboroando. Mesmo mantendo-se incógnito para todo o sempre fora ele o autor de um conto que fazia parte da História da Literatura Luso-Brasileira. Com efeito nunca deixara de acreditar nas relações entre vogais e consoantes. Conquanto preferisse não conhecer pessoalmente os escritores que admirava desde aquele episódio em que a oralidade fora inviável com um poeta

famoso descobrindo isso só à própria da hora por o autor se encontrar mudo.

Remontando às origens ia indagando a data em que lhe tinham incutido os preceitos da religião dominada, perguntava-se há quanto tempo lhe tinham administrado os princípios da cultura religiosa dominante. Não era um dado para subestimar: frequentara simultaneamente instituições cujo cânone era a Reforma bem como aquelas cujo modelo era a Contrarreforma interiorizando aquela epifania de que a verdade era feita de todas as verdades.

Não podia deixar de estar em flor a liberdade que requeria ser expressa numa exuberância de pormenores. A consorte do dia diáfano não era uma ilha. Estava nele. Outrora também coraçãozinho, outrora também bebezinho. Agora uma espécie de santa numa abstinência monástica de jejum perpétuo: era a Lúcia.

Ciente de ser a percepção de uma palavra influenciada pela palavra que se encontrava imediatamente ao lado também não ignorando ir ficar sempre aquém da justificação necessária à reabilitação dela, mesmo pressentindo o seu próprio crepúsculo como iminente, escreveu Quase Posfácio à Vida De Uma Escritura.

A descorrelação familiar

A descorrelação familiar

Era só para me distrair que passava a contar um episódio da minha vida familiar usando, evidentemente, nomes fictícios para as personagens. Podia optar antes por um banho quente de imersão, ou fazer amor, mas desta vez prefiro reconfigurar alguns dados pessoais.

Rute era nove anos mais nova que Willem, e, uma certa descorrelação familiar fizera com que não fossem filhos da mesma mãe. A família dela queria arranjar-lhe um marido rico até porque ela ao ter participado naquele concurso de beleza fora eleita Miss Algarve. Contudo, Silvino antecipara-se. Fora logo ter com ela. Ela dera-lhe volta ao miolo. Tinha sido uma atração visceral. E era um inconveniente que a tribo do namorado se encontrasse no sopé da pirâmide social, embora isso não fosse suficiente para dissuadir a afoiteza de Silvino. Rute não opusera violência à sedução deixando-se engravidar.

Seria pertinente nesta altura fazer publicidade ao direito à vida, como fazia aquela marca de cigarros no maço? Faltando apenas acrescentar que o tabaco era limpo e prolongava a esperança de vida de quem fumasse.

Perante a filha que fugira de casa o pai decide, enfim, vestir o smoking para a levar ao altar da igreja. Ei-lo dando passos embutidos na solenidade da marcha nupcial de Mendelssohn.

Subsequentemente o casamento de Rute não estava a resultar tão harmonioso como seria de esperar: havia zaragatas nas quais no meio da gritaria não se ouviam um ao outro.

O mundo tinha-se pautado tanto pela corrupção colonialista, denunciada por Multatuli, como pelo fraseado oco do Conselheiro Acácio, personagem da lavra de Eça de Queirós. Mas esses horizontes literários só faziam parte do quadro de

referência do narrador não do casal. O que era, era.

Retrospectivamente Silvino dava-se conta de que a sua vida privada era um desastre. Tinha imergido descontroladamente naquele habitat e quando emergiu estava engasgado, ciente finalmente de não ter percebido nada da mulher. Precipitara-se naquele casamento. Agora estava a rebentar de raiva. Como explicar de outra forma o estado de espírito arrebatado que o fizera lançar impulsivamente a televisão lá de cima do quinto andar pela janela fora?

No que dizia respeito a Rute fora contagiada por emoções tão negativas como doências, e, para combater a depressão latente tinha recorrido ao consumo de estupefacientes.

Concomitantemente, no decurso indefetível do tempo, havia um sol dado iluminando os matizes de certa linguagem irremível.

E Silvino perguntava-se quanto tempo iria durar aquela situação incontrolável?, quanto tempo ainda aguentaria não conseguir resolver aquele seu problema familiar? De repente era ele próprio que desabava por não ter entendido nada sentindo-se mortalmente ferido no amor próprio entrevedo como única saída pôr termo a esse turbilhão de sentimentos. Já o alcunhavam de grande cornudo.

Durante uma viagem Lisboa-Algarve empreendida para visitar os pais o marido de Rute embebedara-se. Já não estando na plena posse das suas faculdades mentais apeia-se do comboio em andamento indo estatelar-se no chão empedrado. Estava bastante ferido, quando deu entrada nas urgências do hospital. Acabando por falecer poucos dias depois.

Fosse em inglês, ou francês, ou holandês, ou espanhol, ou português, havia aquela palavra comum a essas línguas que Willem, num momento de frustração, desatou a repetir: ABRACADABRA, ABRACADABR, ABRACADAB...

No seu descalabro emocional sentia-se desprotegida, isolada, confusa. Só assim fora capaz de passar um cheque sem cobertura. Eis como Rute fora parar à prisão.

De pé, ao lado do piano, desvia o olhar da pauta onde o Noturno Nr. 1 em bemol op. 9 de F. Chopin aguarda ser interpretado. Willem sente faltar-lhe o Mantra.

Agora olha através da vidraça da sala reparando num charco que reflete um céu indecente continuamente em mutação.

E o narrador? Inexplicavelmente avassala-o uma melancolia já recordação previsível de desvinculação familiar.

Ordálio

ORDÁLIO

«A compreensão identifica-se com a crítica; a capacidade de compreender/.../é apenas a aptidão para distinguir o verdadeiro e o falso.» in: TEORIA ESTÉTICA, THEODOR W. ADORNO.

Talvez tenham lido OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES. CESÁRIO MENESES sou eu, mas esse texto publicado na Internet era apócrifo, pejado de estereótipos num estilo ominoso, retorcido, na linguagem fanática de quem apedreja. Na altura eu estava a viver em Amesterdão. O FANAL, revista subsidiada pela Câmara Municipal, saía impressa sobretudo em português. A minha colaboração era publicada assiduamente. E foi A ENSAMBLADURA DA «STRIPPER», OU, A VASQUINHA DA «SHOWGIRL», conto da minha autoria, que provocou um produtor de «REALITY-TV». Por isso, para me defender do espírito de vendeta que me ia trocando a identidade através de uma falsificação de OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES, comecei a glosar o título de CAMILO, «VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES».

Também me justificava alegando haver no meu original uma certa paronímia, mas não serviu de nada, a contrafação prosseguiu além-fronteiras. Inopinadamente via-me encalacrado como se uma tramoia desassisada me tivesse invalidado diluindo-me a raiz cultural e linguística, em suma, a proveniência relegando-me para uma terra de ninguém.

Agora vou tomar o autocarro para Linda Pastora, é que estou a viver nos arredores de Lisboa, numa moradia chamada AS FARPAS. Ao alugar esta

mansarda devo ter sentido o apelo de afinidades eletivas com a crítica de sociedade levada a cabo em fascículos mensais por RAMALHO ORTIGÃO e EÇA DE QUEIRÓS. Os donos não deixam de revelar um gosto singular ao terem dado aquele nome à casa. Nem sempre os portugueses andaram pelas ruas andrajosas da linguagem. Haverá quem ainda tenha saudades da Lisboa imperial, grandiloquente, daquela Lisboa opulenta tal como era admirada em 1572, cidade onde Camões leu a sua epopeia, «OS LUSÍADAS», ao rei.

Estava a pensar... Não posso distrair-me com o vocabulário mirabolante. Vejamos para já a encomenda postal que recebi. Folheio esta revista científica que traz um artigo sobre as convicções de KEPLER a propósito da teoria heliocêntrica de COPÉRNICO. Havia ainda, de outro autor, um texto sobre as práticas religiosas dos índios de Titicaca, na Bolívia, adoradores do deus-sol.

Eis-me finalmente nos aposentos, embora a palavra seja um eufemismo, já que aqui o inverno torna-se-me uma escarmenta. Quem anda em bolandas já devia ter aprendido que as águas-furtadas são geladas em dezembro e demasiado quentes no verão. A única janela está ao nível do chão. Nem sequer é possível deitar a cabeça de fora. De outra forma poderia ver o campanário da igreja que fica defronte. A luminosidade numa lura não será maior do que a desta casa, mas o candeeiro podia ser exposto no MoMA de New York. Fico a pensar no logradouro vizinho onde as boninas hão-de desabrochar, quando as condições climatéricas forem propícias. Entretanto ecoa o chilreio dos passarinhos. Não muito longe daqui existe um açude. A dona da casa está grávida. Já eu me darei por muito satisfeito, se nos próximos minutos não vier a encalhar em nenhuma palavra. Deve estar na hora de visitar ~~um eu recôndita~~. A ninfa está sentada na relva. Há ali mais um bebé que sou eu. Tens três anos e eu um. Estou deitado e repouso a cabeça no teu regaço. Olhas-me atentamente. Para mim esta fotografia é um refrigerio. Na viagem de cortesia feita ao Samorim o Almirante levava consigo o comandante da Marinha Portuguesa que era o teu pai. Para ele tu continuarias a ser a Céuzinha

mesmo depois de casada e já com filhos. Recordo uma imagem: era uma manhã silenciosa de verão; tens catorze anos; eu sou dois anos mais novo; vestes um fato de banho; estamos na piscina do Estoril; deitada numa espreguiçadeira estás a ler UM LUGAR AO SOL, de ERICO VERÍSSIMO. Era um dia límpido, exuberante. Vieras assistir ao Coro à Capela num colégio Lisboa de prestígio. Tão inverosímil que tivesse sido um Marquês a ensaiar os meninos num trecho patriótico de GIUSEPPE VERDI como a tua mão direita agarrando na parte esquerda da nuca. Aulas longínquas aquelas dadas pelo organista francês de renome sob a abóbada ogival gótica, a luz coada pelos vitrais conferindo aos presentes um horizonte de imagística perdida. Artigo e desartigo os termos subordinados ao enredo, embora às vezes a linha canora do fraseado o torne irrelevante. Num ato de fé preparo uma elipse. Numa atmosfera de incomensurabilidade por já não usar carapins.

Provavelmente o acontecimento mais importante dos últimos sessenta anos em Portugal, fora a guerra colonial e eu recusara embarcar para África, eu desertara do exército. Depois o general ANTÓNIO SPÍNOLA iria desestabilizar o regime ditatorial publicando o livro «PORTUGAL E O FUTURO» em fevereiro de 1974. Mas antes disso já a minha órbita sofrera uma anomalia. Com efeito, mal suspeitava estar prestes a desmoronar-se todo um mundo posto em causa pelo bater de asas de um inseto num dia qualquer de 1961, no Catanga, atual Shaba, o Congo com o qual os portugueses entraram em contacto em 1482. Só muito mais tarde é que viria a dar-me conta ter a minha juventude terminado ali bem como o meu desafogo material encarado por mim na altura como dado adquirido. Encetava-se um ciclo de ruturas nos conceitos tradicionais de pertença. Os condenados ao esquecimento sublevavam-se. Palmeiras remanescentes no Daomé que passara a chamar-se Benim. Tempo a escoar para que as mesmas coisas fossem denominadas como se fosse a primeira vez.

Ex-prisioneiro dos Mouros em Argel, resgatado finalmente em 1578,

FREI LUÍS DE SOUSA, pseudónimo literário de MANUEL SOUSA COUTINHO, estava destinado a iluminar o ex-exilado e autor teatral insigne ALMEIDA GARRETT. Na impossibilidade de ser linear outrossim eu recorreria a elementos pretéritos para me tornar hodiernamente descontínuo. Por causa do outro que não era eu, por causa da autobiografia apócrifa sentia necessidade de escrever para me tornar patente e esconjurava o judeu vexado à procura de refúgio nos Países-Baixos país particularmente tolerante na altura, esconjurava o cátaro perseguido em busca de asilo na Holanda protestante, esconjurava o escriba mencionado no Índice, esconjurava o huguenote que escapou naquela noite -24.08.1572- de SÃO BARTOLOMEU à matança perpetrada pelos católicos em Paris. Não se era obnubilado de forma neutra. Como se tivesse sido convocado para Amesterdão onde conheceria a correspondente do escritor FERNANDO NAMORA. Era uma pintora «naif», a atestá-lo o quadro que me oferecera onde retratara uma figura de mulher deficiente. Ainda recordo ter sido numa rua de Amesterdão onde me detive diante da FILOMENA, a tarde seguia enevoadada, inexplicavelmente tinhas os olhos marejados de lágrimas e por efeito dos neurónios espelho também eu estou quase a lacrimejar como se adivinhasse que te estava a ver pela última vez. Para cortar o sentimentalismo assevero-lhe que me tinha aparecido na véspera um piolho no púbis.

Quanto à NELLEKE, se não fosse ela provavelmente nunca conheceria o precursor de GANDHI, HENRY DAVID THOREAU e não leria A DESOBEDIÊNCIA CIVIL obra publicada em 1849. Os quadros dela eram nitidamente influenciados pelo construtivismo e eu tinha um pendurado na parede do meu apartamento. Se te voltasse a encontrar como daquela vez em Berlim, na Haus der Kulturen der Welt...

O autor namibiano lido na aula pelo poeta VASCO MIRANDA que em Lisboa fora meu professor de português; ou o historiador de Literatura Portuguesa ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA que na Universidade de Amesterdão

fora um dos meus docentes.

Eu partira com vinte e dois anos regressando a Portugal quarenta e cinco anos depois... E estavam todos mortos como se para eles o tempo tivesse decorrido mais depressa. Eu afastara-me décadas no tempo e no espaço, mas era como se tivesse elidido tempo.

Que a nossa correspondência breve fosse o pretexto para evocar a Poesia de CASIMIRO DE BRITO; que a ilustração de um conto meu, O MÁGICO, por ANTÓNIO PALOLO, no jornal REPÚBLICA, fosse o pretexto para revisitar as artes; retrospectivamente tinham demolido os prédios para construir de novo: que a caixa negra reconstituísse o ocorrido a partir dos escombros da casa na Rua da Esperança onde habitara em Amesterdão.

Que o intercâmbio havido entre mim e EDUARDO GUERRA CARNEIRO no DIÁRIO POPULAR fosse o pretexto de requerer reiteradamente uma certa receção literária. Porque as vítimas estavam cada vez mais encolhidas numa invisibilidade em crescendo. Ruma aos mares do incognoscível minha Barquinha a abarrotar de brinquedos plenos de liberdade. Foge dos horizontes acanhados, foge do solilóquio, foge do participio passado do verbo falar dando antes a primazia a este lugar que é esta página preenchida com sinais gráficos precisando de leitores cuja leitura interpretativa não coincidirá nem no espaço nem no tempo avistando eu daqui um céu toldado por uma nuvem vermelha de flamingos?, antes toldado pelo tópico de parangonas intitulado numa troada provocatória OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES. Se ao menos o ultrajado ainda tivesse a oportunidade de se desquitar desafiando para um duelo, honoris causa...

Em 1969 encontrava-me, pois, em Mafra onde permaneceria seis meses para treinar com a pistola Walter, com a espingarda Mauser, com a espingarda metralhadora G3, já que me fora atribuída a especialidade de atirador. A Inspeção achara-me apto para o Curso de Oficiais Milicianos alistando-me como soldado-cadete. Embora nos Países-Baixos, logo à chegada, os médicos

me tivessem internado num sanatório. Mera contradição dialética. Estendo a mão para a China, para a Pérsia, para o Afeganistão, ouço soprar o Aquilão. Simulo o gesto de agarrar a antiga Turquia pela Antioquia hoje designada Antakya. Na Rota da Seda os arquétipos chamavam por mim. Repetidamente romãs e folhas de plátano no desenho do arabesco. Amiúde tapetes Turcos com uma cercadura cúfica, frequentemente o tapete Persa do século XVI mais concretamente de Yazd.

CAMÕES desfocado, CAMÕES morrendo em 1580 sendo a pátria da poesia, ou antes a poesia da pátria, a loa caía em desuso. Losangos e hexágonos justapostos. A D. FELICIDADE era na terceira classe a minha professora. Um dos filhos do industrial mais rico de Portugal estudava naquele colégio. O padre italiano trazia de Itália os filmes mais recentes de FELLINI para os alunos verem aos domingos. O filho do maestro mundialmente famoso era meu colega. Era com propriedade tratado por Dom o professor de canto coral que morava nobiliarquicamente num palácio semiarruinado. E de repente eis-me nivelado com o «best-seller» OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES que um arrieiro conseguira fazer crer serem os meus. Na verdade o meu texto tinha sido truncado. OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES não eram mais do que um atoleiro. Tornava-se urgente recuperar o sintagma nominal, tornava-se urgente que eu recuperasse o sintagma verbal mesmo não tendo ao pequeno almoço o queijo holandês de Edam, mesmo que tivesse de adiar a visita à coudelaria de Alter do Chão onde aperfeiçoavam a raça fina do cavalo ibérico. Agir, pois, em função do modo como fora incriminado difamatoriamente? Quem era, afinal, esse hacker? Um produto do Zeitgeist provavelmente. Eu é que tinha de fazer melhor: pôr termo a uma lida insana delimitando a intelligentzia de quem defraudava. Era inadmissível que o meu alter-ego tivesse um sócia.

A ductilidade daqueles holandeses que tinham semeado durante quase quarenta anos os alicerces futuros de uma cidade. No restaurante, na mesa ao

lado, a conversa era recheada de «pedófilos» e «moda infantil» alusões veladas a OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES. Entretanto eu ia pensando nos traços de arquitetura holandesa deixados posteriormente, naquela maneira de ser festiva das pessoas residentes em Long Island que fora herdada desses antepassados, no espírito mercantil tão propício à indústria de publicações que surgiria mais tarde, quando o nome Nova Amesterdão fosse substituído por Nova Iorque. E eu era amesterdamês na Rua do Czar Pedro. Podem espreitar. Aquele que está prestes a chegar numa bicicleta de corrida é o ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA. Pela vidraça da sala podemos ver um Ferrari a estacionar. É o carro do meu sogro cuja fisionomia indonésia não podia faltar. O meu cônjuge cozinhava bem. Vinha isto a propósito de quê? Já não vivo em Amesterdão, mas cruço-me inesperadamente com a minha ex-mulher, e, mesmo não tendo voltado a vê-la nos últimos quarenta anos, reconheço-a. Estava parada junto à Estação de Polícia do Metro Marquês de Pombal, em Lisboa. Acérrimo amor! Súbito eis o halo de empatia num sorriso rasgado de holandesa e era como se lhe ouvisse a pergunta não formulada verbalmente: - foste uma dissimilação para eles, ou eles é que foram uma dissimilação para ti?

No restaurante onde estávamos a tomar um chá-mate a orquestra tocava um tango. Lá fora um estorninho não parava de pissitar. Tinha decidido, dissera-me, ir ao Canadá para assistir numa universidade de lá a um Seminário sobre a obra de JULIO CORTAZAR orientada pelo próprio autor. À última da hora cancelara a viagem. Ocorre-me o Soneto LXV de CAMÕES: "vossos olhos, senhora, que competem/com o sol em beleza e claridade.»

O porte daquela que se divorciara de mim... Fora vestida, obviamente, por uma casa de alta costura, e ali estava num esplendor altaneiro, impiedosa para com os gebos, impiedosa para com as aliteraões. Por vontade de JUDITH eu acabava por tomar consciência da minha debilidade pulmonar a conferir-me um certo negativismo. E também da nubilidade dela.

A porta estava encostada. Ela entrou, pois, primeiro. Chegámos a um salão onde havia um bar oval com bancos sem respaldo. Começou a falar com um homem de cor desembaraçado na expressão que já lá estava a beber um copo. Só depois desta metonímia preambular é que ela lhe foi dar dois beijos na face. Ainda não tinha avaliado a representação desta cena teatral quando fui avassalado pelas semicolcheias dos violinos e violetas de um grupo punk, ia já a transpor ao fundo outra porta antes de atravessar um pátio, quando comecei a ouvir uma peça de Bach para cravo bem temperado num telemóvel. Subi umas escadas exteriores que davam acesso a uma casa. No interior o homem que estava a mostrar as instalações a um visitante cumprimentou-me com uma vénia. Detive-me. Encontrava-me numa divisão muito espaçosa. Devia ser um ginásio. Com efeito, víamos acolá um grupo de pessoas a fazer exercícios. Perante a pergunta, o sujeito que estava a prestar esclarecimentos confirmou-me ser aquele a quem me referira, o autor do sainete. Encaminhei-me no sentido de quem me desvendasse, esperava eu, o ato dramático em curso. Já no local visado, onde se achava o indivíduo em questão, constatei surpreso que este se desvanecera. Ao meu redor todos os demais não tinham parado de se exercitar. Fiquei ali postado durante uns largos minutos a debater-me com o léxico. Depois acabei por desembocar num espaço ainda maior do que aquele onde me encontrava antes. Imergira num desassombro. Sucediám-se áreas de dimensões cada vez maiores, extensões que abriam para campos ainda mais vastos. Numa autossugestão continuava a dizer que era preciso dar uma nova forma à forma antiga, mas o significado do termo enformar alargara-se tornando-se indelevelmente mais abrangente. E havia um acontecimento transfronteiriço que despertava mundialmente as atenções. A realidade aí estava independentemente do conhecimento que se tivesse dela e não chegavam palavras para apreender as coisas. Era, afinal, um tema controverso.

Tinha de haver um ambiente semi-noir para eu desertar lá em Chaves, no norte de Portugal.

Fui de alpondra em alpondra até chegar ao outro lado da fronteira? O barqueiro cuja alcunha era Caronte passou-me para a outra margem do rio onde já era Espanha. Foi em Verín que tomei o autocarro para Paris. Fora avisado por um amigo que devia fugir imediatamente, a fim de não ser preso. Não levei bagagem nenhuma comigo. Nada mais que a roupa que trazia vestida. Como se me tivessem roubado de mim mesmo. Por isso durante o trajeto rodoviário tive tempo suficiente para me dar conta de que aquilo não era um mero trocadilho. Apesar de tudo perante o desconhecido talvez me viesse a revelar. Para que é que me tinham treinado? Para já não ia ter rotinas. E, de acordo com os militares experientes, uma conduta imprevisível era a melhor maneira de não cair numa emboscada. De qualquer das formas a panorâmica, a curto prazo, não seria de chitas a disputarem a presa aos mabecos.

O que me levava a ter declinado a ordem de mobilização para a guerra de África? Não era eu a dar a resposta antes OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES, publicação que se sobrepunha a mim desfigurando-me de modo a eu perder a autenticidade, publicação que tinha voltado as pessoas contra mim explorando-lhes a boa-fé, publicação que me atribuía abusivamente uma identidade distorcida completamente em desacordo com a minha.

Tinha sido o único? Fora o único a desertar naquele batalhão. Interesses corporativos precisavam de me estigmatizar infamemente em OS DIÁRIOS DE CESÁRIO MENESES fazendo de conta ser essa a minha liberdade de expressão escrita?

E era uma ignomínia a homonímia desse título!

Em 1540 o Padre e viajante FRANCISCO ÁLVARES não chama África à Abissínia antes «Índias». Pouco, ou nada fidedigna também era a imagem que me forjavam: mal esboçara umas notas incoativas e era logo **deturpado**. Como se, pertinaz e longamente, tivessem preparado o meu **ordálio**.

Anacronismo errático

ANACRONISMO ERRÁTICO

Luis Vaz de Camões intemporal? Nascera há quinhentos anos.

É que elas repercutiam auditivamente, visualmente: aquelas palavras.

Se fosse o autor de um Livro de Linhagens, -e não sou; se fosse o filho-família de um multimilionário, -e não sou. Também não sendo imanente...

Aleatoriamente releio recortes de jornais antigos. Este é de Le Monde Diplomatique, de abril de 2004. A tradução livre é minha: «O racismo de inteligência assentava nos títulos académicos que eram, em muitas sociedades, uma garantia de inteligência tendo substituído os antigos títulos de propriedade e de nobreza.»

Desde tempos imemoriais que me vendiam fiado. Posso apresentar como comprovativo, escrito em português, esta Notícia de Fiadores de 1175.

Por correio registado recebi um livro de argila que pertencera a Assurbanipal, rei da Assíria. Pela mesma via postal, mas com aviso de receção, recebi igualmente um pergaminho de Pérgamo, antiga cidade da Ásia Menor, escrito no século III antes de Cristo.

Também fui o destinatário de opiniões redigidas em papiro egípcio.

Recebi telegramas influentes em mandarim, em idiche, em cirílico, em árabe. São de editores ansiosos que me incitam a terminar quanto antes o manuscrito em questão.

Volto a reler o recorte de um jornal. Desta vez extraído de The Times Literary Supplement, 14 de maio 2004. Passo a traduzir livremente: «A rutura gástrica de uma úlcera causara a morte repentina a James Joyce. Lúcia, a filha dele, está permanentemente internada em hospitais psiquiátricos. Até à morte

dela a empatia que Samuel Beckett sentia por ela leva-o a escrever-lhe todas as semanas.»

E Albert Camus falecido precocemente aos 47 anos de idade num trágico acidente de automóvel num texto de 1948 intitulado O Exílio de Helena: «De certo modo, o sentido da história para amanhã não é o que se crê. Reside na luta entre criação e inquisição.»

O perigo espreitava. Às vezes de onde menos se esperava: Aleixo Garcia, explorador português da América do Sul, ao serviço de Espanha, tinha sido dos primeiros brancos a chegar ao Paraguai. Só para ser comido pelos canibais, os índios guaicurus, isto no ano de 1525.

Súbito eis um número de ballet. Nas pontas dos pés, um poeta da política, ou um político da poética, atravessa o palco. O nome dele? Publicidade enganosa aqui não.

Na Praça da Freguesia, em Lisboa, está ali sentado o primeiro clone humano, está ligeiramente curvado lambendo o focinho a uma hiena. Endireita-se, olha para o outro animal ali postado. Por fim faz uma festa ao chacal. O público aplaude.

Uns neologismos ali, uns arcaísmos acolá. Eis-me naquela biblioteca a ler um trecho do livro Para Uma História do Fado, de Rui Vieira Nery: «não é detetável no discurso oficial qualquer simpatia, quer de Salazar quer de Ferro, para com o Fado. O ditador confidenciará à jornalista Christine Garnier que considera o género Deprimente.»

Eu que acalentara outrora o sonho de ir ao Cairo, à costa leste de África, à Índia refazendo a viagem exploratória de Pêro da Covilhã no século XV tendo em mente Cartas do Terceiro Homem de António Sérgio: «nunca confundir as Nações com os Governos, os Povos com os Estados.» nomadizava-me anacronicamente até chegar ao topónimo chinês «Lieu Khieu» de onde provinha «Ilhas Léquias» situadas ao sul do Japão. Seria essa a origem da palavra «leque».

No céu lá bem no alto voa a sete quilómetros de altitude, plana ainda portentosamente, majestosamente, uma ave de grande envergadura que por causa da confeção de um leque de penas, ou porque podia dar para fazer qualquer penacho de enfeite, corre o risco de ser morta. Não serei eu a fazê-lo. Oxalá o condor possa manter-se errático durante muito tempo sem se tornar num anacronismo!

Andrade

ANDRADE

Faz um dia cinzento hoje. Um ar pardacento emprestado à cidade onde Andrade vai colocando sob o pisa-papéis alguns apontamentos relativos aos Papéis, esse grupo étnico da ilha de Bissau, Guiné-Bissau.

Neste momento os seres, as coisas, mais parecem silhuetas na luz ténue. Será provavelmente ao fim da tarde. Acolá, a chaminé da fábrica a poluir ininterruptamente a atmosfera. Lá em baixo deslocam-se veículos na rua que atravessa a cidade. O ruído, outra vez o fumo e o ruído. Passou-se mais outro dia?... Um dia que ele, antropólogo, não saberia dizer como?

O mongol Gengiscão ocupara em 1210 o território que ia da Coreia aos montes Urais, mas em 1368 já governava a dinastia Ming a qual outorgaria a Portugal a concessão de Macau em 1555.

No âmbito de atividades profissionais estivera na Baixa Mesopotâmia onde outrora os Sumérios tinham inventado a escrita cuneiforme; estivera igualmente no território onde se falara o moabítico essa Língua tão parecida com o hebraico bíblico.

O vale do rio Amarelo já era habitado quinhentos mil anos a. C. A arqueologia atestara na China a civilização do bronze vinte e um séculos a. C. O Taoísmo surgira cerca de seiscentos anos a. C. No Tibete, António Andrade, português Jesuíta, conta em 1624 o que lá vira numa carta.

Numa azáfama os táxis afluíam aos aeroportos.

Andrade, o antropólogo, consulta uma brochura onde se fala de cultura chinesa: a pintura ligada à caligrafia, a poesia lírica já detetada mil anos a. C., aliás a Literatura Chinesa repercutira-se noutras literaturas influenciando-as tal como tinha acontecido com as Literaturas Japonesa, Vietnamita e Coreana. A

certa altura Andrade sublinha uma passagem de Lao-Tsé: «Quando surgem os intelectuais/.../Renunciemos à sabedoria, rejeitemos o saber, o povo sentir-se-á cem vezes melhor.»

Quem pedia a palavra, não necessariamente no país natal, era Maria Helena Vieira da Silva, a pintora a quem Salazar retirara a nacionalidade portuguesa por ter casado com um cidadão húngaro: «Um pouco mais de branco, um pouco mais de verde, demasiado frio, demasiado quente, linhas que sobem, que descem, que se juntam, que se afastam, isto quer dizer muito em pintura e pouco em palavras.»

Ludicamente lúdico, Andrade, vai tocando no mapa o habitat glacial islandês do salmão, os lémures zanzibaritas, os gnus do Ngorongoro, Tanzânia, as regiões setentrionais da Eurásia onde a marta se arriscava a ser morta pelos negociantes de peles, apesar dos protestos de Brigitte Bardot. E o rio Iansequião continuava a ser o quinto maior do mundo.

Começa a ouvir uma cassete gravada com música de bidão de Trindade e Tobago, as pequenas Antilhas junto à costa da Venezuela. Abre uma carta recebida de Lisboa onde um colega lhe diz ter passado por Borba, Alentejo, onde se deteve para ver a extração do mármore.

Falhou a primeira tentativa para acender o cachimbo. O isqueiro!, raios o partam. Sentia saudades de Lisboa. As conjunturas...As conjunturas não eram conjeturas.

É chegada a hora do almoço. À mesa elogia o hors-d'oeuvre à consorte, uma macaense que o questiona a respeito daquele escritor ameaçado de morte por ter ousado caricaturar o Alcorão. Responde com outras perguntas: quantos mundos tinha um dia? E não iam assistir novamente na manhã do dia seguinte ao ballet entre o aljôfar e as açucenas?

Andrade levanta-se estendendo-lhe um brinco-de-princesa: «ainda está tão viçosa esta flor, toma.»

Já no escritório onde tem em cima da estante uma pedra ornamental,

semipreciosa, de cor esverdeada. Com ar alheado agarra no jade. Conta os meses que faltam para terminar o contrato com a ONG. Oxalá não viesse a morrer longe da pátria como tinha sido o caso do autor de Clepsidra. Com a ajuda de uma lupa passa a examinar o Ex-libris de Camilo Pessanha estampado num livro.

Sai para o jardim. Lá estava a flor da ameixoeira, um dos símbolos da poesia. Seria esse o motivo pelo qual Pessanha o tinha incorporado no seu Ex-libris?

Embasbacado com os mundos que os prismas das Línguas lhe ofereciam: na Língua Provençal a palavra abelha também era designada abelha. Estava a ver uma abelha pousada certamente atraída pelo pólen indispensável para continuar a fertilizar outras flores. Um aroma agradável pairava no ar. Planeia rabiscar umas notas. A sinapse lembra-se dele ter combinado encontrar-se com um grupo de amigos no Casino. Finalmente redige no bloco de bolso uma antítese: tão opaco como a água cristalina, tão preto como uma arma branca.

Avista a companheira no vestíbulo. Enquanto lhe pergunta se ela sabia que Camilo Pessanha costumava despedir-se dos amigos com esses dois versos de Verlaine «Et je m'en vais

Au vent mauvais...»

encaminham-se juntos para dentro.

Ostracismo

OSTRACISMO

«não tenho nem pude alcançar notícia dos
fundamentos das censuras/.../nem se me deu
/ .../livro algum»

in: REPRESENTAÇÃO PERANTE O
TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, PADRE
ANTÓNIO VIEIRA, IMPRENSA NACIONAL-
-CASA DA MOEDA, outubro 2008.

«Campo di Fiori

Justamente aqui, nesta praça,
Foi queimado Giordano Bruno.
O carrasco acendeu a fogueira
No meio da gentalha curiosa.

E mal o lume se apagou,
Tornaram a encher-se as tabernas,
Os cabazes de limões e azeitonas
De novo à cabeça dos feirantes»

in: ALGUNS GOSTAM DE POESIA,
CZESTAW MITOSZ.

A telespectadora cirandava em robe de chambre, de cara besuntada com creme antirrugas: ora saía para a varanda, ora entrava apanhando excertos do que o apresentador ia dizendo... Parecia-lhe que era a propósito da Inquisição. Uma pergunta despertou-lhe a atenção, e, deteve-se, um momento, frente ao televisor. Logo a seguir encaminhou-se para a casa de banho, tirou os bigudis, via-se ao espelho, esticava os cabelos penteando-os, enrolando-os na parte posterior da cabeça, voltava à sala de estar onde enfiou um quimono estampado com motivos garridos. Simultaneamente o escritor lá ia respondendo difusamente, nitidamente distraído pela pele da interlocutora à contraluz tão delicada como uma porcelana chinesa até que um dedo premindo uma tecla o erradicou.

Levantou-se e deu meia dúzia de passos, mas teve de se agarrar à borda dum assento para não perder o equilíbrio. O narrador morreu ontem. Fora o pai dele a dizê-lo. Que não podia tolerar um desertor da guerra colonial a viver sob o mesmo teto e expulsou-o. A madrastra corroborou-lhe a tomada de posição chamando ao enteado filho da puta. Desde essas exéquias tem-se vivido postumamente. Um «se» que não o eximiu de pagar a multa ao alvazil: uma moeda de ouro no valor de 4800 Réis. Antecedentes indemnizadores onde os catraios apanhavam a camionete verde. No interior do colégio católico havia a escada atapetada que levava à capela. Os azulejos azuis com cenas pictóricas do século XVIII lá estavam na moldura biográfica dele. Pergunta quem é aquele miúdo ali a olhar para a rosácea? Está à espera que soe a campainha anunciando o fim do recreio. A pouco e pouco o elo deixa de ser esotérico. Ele ainda não deixou de ser eu.

Pedro de Sintra no topónimo Serra Leoa. A prenda datada do século XVI era um olifante proveniente de lá e foi recebida no Paço.

O anticolonialismo Indonésio confrontava-se com as tropas ocupantes holandesas. A Companhia Holandesa das Índias Orientais acabaria por sair da

Indonésia. Também a Indonésia viria a aceitar a independência de Timor Oriental em 2002, mas antes, em novembro de 1991, civis timorenses tinham sido chacinados no cemitério de Sta. Cruz, em Dili.

No Hotel Insulíndia mãos Batávicas incutiam paixões ágeis às marionetas. Sem se fazerem ouvir surgiam, descalços, mordomos sumptuosamente vestidos. «Tem aqui a chave do quarto disponível.»

A criança de cabelo encaracolado a chapinhar nas nuvens amarelas sou eu. Ladeado por galhos vermelhos de árvores longínquas. A navegar num barco miniatura, A tirar do púcaro bolas de sabão que se elevam no ar até se desfazerem. A minha avó curva-se para me calçar a sandália. Os sinos da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França badalam MEDITAÇÃO, de JULES MASSENET. O cio de gatos miando medonhamente nos quintais. Berlindes, pessegueiros, pinhões, figas, ameixoeiras. O rondó talvez fosse:

«Ó malhão, malhão,
Que vida é a tua?
Comer e beber
-ó tirim, tim, tim-,
Passear na rua
Se dançar, dancei
-ó tirim, tim, tim-,
Se fugir, fugi.»

No dedo anelar o carbúnculo do anel de ouro como nunca mais tive nenhum. Ainda ouço as notas de pífaro do amolador que salvara a pardaloca caída do ninho. E a vizinha da minha idade que trazia um fio de prata ao pescoço chamava-se Azálea. Branco casario com noites perfumadas. Despontava o verdilhão na sua plumagem verde, com asas debruadas de amarelo. A destreza do vento nas falésias. OS COLÓQUIOS podiam ser de ERASMO de

ROTerdão, ou de GARCIA DA ORTA. Se estava bom o sável à louceira viera perguntar o superintendente do hotel em 1996, quando RAMOS-HORTA, Prémio Nobel da Paz juntamente com XIMENES BELO visavam por meios diplomáticos a independência de Timor-Leste.

O perfume almiscareiro do rimance solarengo no regaço da rececionista.
Noites e dias prenes de estio.

Antes do alvorecer apareceu o açor cinzento-ardósia a planar em círculos bem alto no céu. Um grupo de pombos-correio esquivou-se levantando voo precipitadamente. A buzina do cabriolé enquadrava uma trepadeira incendiada pelo nascer do sol. Pareciam ser os laivos de outro século. A camoesa oferecia-se a quem a colhesse. No tema setecentista eis António José da Silva que deambula agora pela Rua Nova dos Mercadores a única pavimentada na Lisboa de então. Talvez vá comprar uma prenda para oferecer à sua amada Leonor Maria, já que está a cantarolar uma poesia do trovador JOÃO LOBEIRA:

«Leonoreta
Fin' roseta
Bela sobre toda fror,
Fin' roseta
Non me meta
En tal coita voss' amor.»

Porcelana à venda em lojas ali sediadas. O mijo do bacio despejado de um segundo andar para a via pública quase o atinge. Apalpa o bordado estampado em seda da China. Usos e costumes tão diferentes de país para país. O Ano Novo, por exemplo, não começava sempre no primeiro de janeiro. Ocorre-lhe os judeus a celebrarem o Ano Novo no outono. Os judeus!, que tinham sido expulsos de Inglaterra, de França; mais recentemente de Espanha e de Portugal. Contemporâneos seus tais como Cavaleiro de Oliveira, Ribeiro Sanches, tinham

optado pelo exílio. D. João II deportara os filhos de judeus para a ilha de S. Tomé. E não havia nenhuma garantia de que esse quotidiano truculento não recomeçasse. Já não tinha a Igreja posto em causa a liberdade de expressão de Galileu Galilei obrigando-o a retratar-se?

A luz tinha avassalado aquele espaço durante escassos minutos. As nuvens passam refletindo-se no charco espelhado. As madeixas africanas daquela menina. À cabeça leva a cabaça cheia de castanhas de caju. Logo tem de andar muitos quilómetros para ir buscar água potável. Eis o capim, eis o falcão completamente castanho escuro. Acolá erguem-se os montículos edificadas pela formiga branca. Lá está a plumagem cor-de-rosa do flamingo. Não falta o marabu de aspeto repelente nem o crocodilo quieto à espera da presa. A imobilidade de uma cena aparentemente serena. A manada de búfalos começara a mugir. O impala-macho semiadormecido pela seca indolente. A elasticidade, os reflexos do sáurio não perdoaram. A poeira levantada pelo tropel dos animais em fuga. E a indelebilidade dos nichos onde se acham estatuetas esculpidas em ébano. Repare-se naquela biblioteca onde acaba de entrar... Quem? O dono da casa estava a escrever uma carta.

Achava a escrava sensual. Diz-lhe para limpar os livros. Congemino António José ajeitando no bonifrate as sobancelhas bem desenhadas num traço horizontal, ajeitando a linguagem premente para a boca pequena, para as narinas de bebé, ajeitando o ar esquivo da sua marioneta. Fazendo as vezes de espelho a obsidiana devolveu-me a imagem dos «Inquisidores Apostólicos contra a herética pravidade» zelando incansavelmente para se cumprir a «Santa Obediência».

No meio dos ritos, da pompa, da ostentação, da elegância barroca o perigo espreita quem se deixa entusiasmar com a sua liberdade de expressão.

Numa hora de céu esmaecido António José da Silva volta a sair ladeado pela tonalidade velada das colinas azuis e pela doçura do rio. Dirige-se para o Bairro Alto mais concretamente para o Teatro de marionetas do Palácio do

Conde de Soure. Vai ser lá representada muito em breve uma peça de que é autor. Anela o léxico enquanto não chega ao ensaio. Já ali tinham sido levadas à cena, com êxito, outras peças suas, embora anonimamente. Com 21 anos, em 1726, já tinha sido acusado de judaísmo. Tinha mesmo sido pendurado pelas mãos atadas com pesos de ferro presos aos pés, e, assim, deixado cair com violência nessa tortura denominada Polé. Ao auto de fé a que fora submetido na Igreja de S. Domingos assistira o rei D. João V. Havia lá uma multidão ignescente, era uma selva intumescida de alarido, numa beatitude apocalítica, -por um triz não era carbonizado, comentavam as inglesas à janela divertindo-se imenso com o espetáculo.

Por detrás do fanatismo religioso existia indubitavelmente a motivação económica: foi assim que lhe confiscaram os bens. Era o preço a pagar pelo perdão dos inquisidores. A partir de então passaria a ser considerado como Reconciliado com a Igreja.

Autor anónimo? É que uma vez perdida a boa fama na Inquisição isso acarretava ser-se privado de assinar as obras. O público ignorava o seu nome. Que «o Judeu» era o autor das óperas só se ficou a saber várias décadas após a sua morte.

A expressão escrita demanda-me. Passo por casas caiadas. Miúdos do bairro brincam com caricas na berma de passeios. A trotineta de uma menina que traz um colar de missanga. Roupa ao sol estendida. Janelas altas. Braços luzidios. O som de um realejo. Paira no ar o cheiro a maresia. Congemino a hipótese de António José da Silva ter lido, ou visto o Teatro do autor quinhentista Gil Vicente. D. João V, o rei vigente à data, sofria de epilepsia, mas não permanecia alheio aos assuntos candentes de Portugal. Em 1729 o rei tinha passado, incógnito, pelo Tribunal do Santo Ofício de Évora e assistira ao interrogatório de um preso espiando-o pelas gretas disfarçadas no teto. Posteriormente o monarca dissera quase não ter visto nada e que o Santo Ofício devia ter cuidado com a veracidade dos testemunhos prestados a partir das

"Frestas disfarçadas".

Num dicionário de neerlandês encontro a expressão "de pest hebben aan" que se podia traduzir por Detestar. Detestar o quê? A Peste que em 1569 causara sessenta mil mortes só em Lisboa. Numa altura em que Lisboa tinha esgotos a céu aberto.

Lá está o Palácio dos Estaus a inspirar medo. A concretizar toda a infâmia possível. Parece vir dali o som de timbales. É um criptograma usado nos cárceres. Que nas Antilhas Neerlandesas, na ilha de Curaçau, havia desde o ano corrente, isto é, 1732, uma sinagoga portuguesa. Era o teor da comunicação em código. Na capital portuguesa, naquele tempo, proliferavam araras e outros animais exóticos trazidos de África, da Ásia, do Brasil. Exatamente neste momento, numa artéria central da cidade, está postada uma pessoa a comer um abacate. Congemino António José da Silva a passar por aqui à tarde reparando ser um tucano a ave que um homem traz empoleirada no ombro. António José comprazer-se-ia com a cena tanto quanto o Santo Ofício suspeitaria dela.

Já chegou ao Teatro do Bairro Alto onde finalmente a arte se pode tornar numa irrisão da vida.

Tanto o objeto como a palavra que o designa tinham sido importados do Japão: agora está ali no palco um biombo na sua homocromia. O biombo impede que se veja as roupas amarelas com que a estirpe dele era obrigada a andar. Posteriormente viria a experiência de conviver na prisão com polícias disfarçados de presos. Por enquanto era apenas alvo de troça. Estava em curso a construção do Aqueduto das Águas Livres, a propósito do que já circulava uma anedota: a obra serviria para os judeus se poderem também finalmente lavar.

A novidade chegara a Portugal duzentos anos antes. A viagem demorava um ano entre Lisboa e Nagasaki fazendo escala em Goa. Os portugueses tinham sido os intermediários entre o Japão e a China, por estes dois países não manterem relações diplomáticas. Da China os portugueses tinham levado para o Japão a seda trazendo em troca a prata nipônica. Remontava a esta troca comercial as janelas estarem enfeitadas como estavam com os bordados profusos de colchas da China sempre que tinha lugar os festejos ocasionados por um auto de fé.

Se era uma nefelibatice o epitalâmio entre um cristão-velho, o pai, e uma cristã-nova, a mãe, porque engendraria obviamente uma prole de "relapsos", de "recalcitrantes", de "ímpios", de "mentirosos", já que o desfecho estava predeterminado pelo falso testemunho de espiões? O amor emprestava significado à vida daí dar-se a vida pelo amor.

Nessa noite António José da Silva teve um sonho. O Cardeal-mor, o Grande Inquisidor fora assistir incógnito ao ensaio desta sua peça e detestara.

Uma paleta ameaçadora transmitia cores acentuadas, nubladas ao céu.

No hausto da turbamulta, as braçadas de jarros aos pés de santos recamados de oiro, iluminados pelas lanternas multicolores, homenageados pelos lábaros num friso de opas, de cruces de prata, de rubis. Numa revoada atávica, num transporte fúnebre, o carrilhão chamava. O silêncio do bailio era tão eloquente como as palavras do edil. O horizonte descortinado pelo afã de rumores disseminados apocaliticamente. Trombetas a soarem, chamas a crepitarem, faúlhas a saltarem, toros enegrecendo, rachando, os ombros a derreterem, a carne a rasgar-se contorcida pelo fogo, os ossos a romperem. No desígnio inescrutável de lamparinas votivas o cortejo ia turibulando, num ritual de preciosismo final. O alarido, o estalo das labaredas sumia-se num sorvedouro. O escarcéu distorcia, triturava, consumia alegadas bruxarias onde teriam participado um sapo, um galo, uma gata preta. A persistência erosiva do clamor elidia qualquer veleidade artisticamente heterodoxa. A chusma era embelezada por uma poalha carmim de cinzas.

Despertou com medo. Ainda tinha presente o modo como o tinham torturado aos vinte e um anos. A mão direita ficara incapacitada.

Passo por um canteiro de alteias. O céu de náide era uma mancha de azul pesado a desenrolar-se em tons cada vez mais claros até quase chegar ao cinzento. As nuvens tinham contornos fosforescentes de ouro e como desenhavam fantasmagorias através das quais rompiam catedrais, um lastro de luz. Planos sobrepunham-se a planos. Formas que se extinguíam davam origem a novas formas. Por cima o céu, ali inegavelmente real, com um azul claro e límpido só intercetado de vez em quando por nuvenzinhas rosadas, ou brancas. Passo à porta do Teatro Nacional D. Maria II, outrora Palácio Estaus onde António José esteve preso na cela número 6. Calabouços por onde terão passado tecelões, tintureiros, ladrilheiros, azeiteiros, peliqueiros, sericultores, gente que sob o efeito da intrusão de uma organização não portuguesa já não devia saber nem o que tinha nem de onde vinha. O sol refletia-se na água do lago do parque orlado pela relva húmida. Numa irrealdade o pato nadava. Aves migradoras

sulcavam o espaço tartamudeando desvelos por irem já a caminho do sul rumo à África onde inverniariam.

Havia uma mancha de luz na colcha de croché, a cortina de gaze deixara-a passar, e ali estava quebradiça, fugidia tal como o léxico escoado ancorado no incunábulo da biblioteca de António José da Silva. Não tinha sido a oralidade o que mais o seduzira nela antes o modo como entornava no rosto a mobilidade de expressão a condizer com multivariadas paisagens humanas. João Mendes Silva, o pai, e Lourença Coutinho, a mãe, aprovaram o noivado. Para que a existência não se esvaísse improficuamente António José da Silva casaria em 1734 com Leonor Maria de Carvalho, uma cristã-nova.

Pela janela vejo a cauda de um pavão abrindo no leque de flama cromática. Folheio um livro onde as cenas de taberna do pintor holandês seiscentista Jan Steen patenteiam uma liberdade quase desbragada, mas inequívoca.

Freguesia do Socorro. Nem a imagem de Cristo nem de Nossa Senhora nem de Santos, tampouco quaisquer quadros de teor religioso na decoração sóbria da casa onde os recém-casados António José-Leonor Maria se instalaram. A vaticinar, dir-se-ia, um recolhimento perante um certo mundanismo.

António José da Silva e Leonor Maria não fumavam nem tampouco consumiam bebidas alcoólicas. Em contrapartida eu estou a beber uma caipirinha. Reparo na página sublinhada de um livro aberto que tenho em cima da mesa. É de Anne Frank, uma adolescente vítima do Holocausto: «Não me é possível construir a vida tomando como base a morte, a miséria e a confusão.»

Não era ouro genuíno o daquelas arrecadas que estavam à venda? Leonor devia gostar de receber uma prenda assim. À volta dele esvoaçou uma borboleta. Parecia a mensageira de um amor qual fogo sagrado, quais opalas multifacetadas trazidas desde muito longe. Suspira por Leonor. Esboço de esperança traduzida nas flores aromáticas do jasmineiro-do-monte.

Lourença Coutinho é filha do dono de uma plantação de cana de açúcar

no Brasil, e, em 1735 torna-se avó. A neta dela vai chamar-se Lourença. Voltava a esperança de mudança a António José. Haveria certamente tréguas para aquele ódio de que se via cercado. Mais dois talvez cinco meses e dar-se-ia o ponto de viragem. Já não devia vir longe o dia em que finalmente se acharia em uníssono com o resto e os demais. Já não queria pensar como e quando é que aquilo começara tão mal. O causídico das causas perdidas?! Proveniente do Brasil o café que ia bebendo. Sequelas da última prisão na mão meio estropiada. A pensar que tudo havia de passar. Mas a engrenagem estatal ainda lá estava prendendo outros como ele às galés pelo tornozelo. E a América do Sul permanecia tão longínqua como ele continuava a sentir-se afastado das origens. E parecia ter de caminhar sobre magma. Ai a melodia interior dele. Antes o garrote do que ser queimado vivo. Condenadas antecipadamente ao estigma perpétuo a mulher, a mãe, a filha. Mas renegá-las nunca. Lá vinha o leitmotiv e não poder ele modificá-lo. Miserere mei, Deus. Na terminologia eclesiástica a relaxação à Cúria secular significava terem sido condenados à morte. Mesmo que o não fossem, os seus descendentes perderiam o bom nome e a honra para sempre. Inevitavelmente. Talvez D. João V lhe comutasse a pena, se houvesse um interlúdio nos encontros com a madre Paula no convento de Odivelas.

O Inquisidor tinha dado ordem de prisão a António José da Silva no dia 3 de outubro de 1737. Um ano depois de ter falecido o pai ao teatrólogo português. A cor esmaecida do outono transbordante de pólen. Matizes coloridos a transformarem-se incessantemente adquirindo as mais diversas tonalidades consoante o dia ia avançando. Não soprava brisa nenhuma. Uma rola arrulhava. À beira do trajeto iam-se acumulando folhas. Tinha oito anos no dia 9 de julho de 1713, quando viu os pais num auto de fé, caminhando descalços, cabeças rapadas, vestidos com roupas amarelas. Não sabia estar a olhar para o sambenito, não sabia que o X vermelho, nas costas e no peito daquele traje, era a cruz de Sto. André tampouco sabia que da Cunha era o apelido do Inquisidor Geral e que Clemente XI era Sumo Pontífice. Convinha que a percentagem de

blasfêmia não diminuísse daí os pais terem sido presos em 1711 no Brasil e julgados um ano depois em Lisboa. Mais de duas décadas depois dava-se conta de toda aquela destrutividade. Evadir-se realmente, seguindo o exemplo apontado pelo cientista Abraão Zacuto, nunca o fizera.

Não deviam ter castigado a escrava preta deles, Leonor Gomes, porque pouco depois ela tinha-se vingado denunciando-o à Inquisição. Por alegadamente praticarem a Lei de Moisés não comendo carne de porco; fingindo estarem doentes para descansarem ao sábado; por jejuarem. Era previsível a visita do capuz do Santo Ofício. Aliás fora avisado antes por alguém de alto coturno. Entretanto havia novo Papa. Agora era Clemente XII, mas as políticas referentes à Inquisição mantinham-se as mesmas. Foi detido por relapsia em judaísmo no dia 5 de outubro de 1737. Tivera de desembolsar para as «despezas do Santo Ofício» uma dobra de 16 escudos (25600 Réis), moeda de ouro cunhada em Lisboa no ano de 1731, um dos anos de surto de Peste. Enquanto estava a ser escoltado teve de ouvir comentários pejorativos tais como «marranos» e apertou a comissura dos lábios. Já no cárcere, sozinho, sussurra o nome da mãe. Evoca a prosódia cadenciada e o riso cristalino dela. Com efeito fora ela a contar-lhe episódios tais como o Papa Clemente XI condenando da Bula Unigenitus a doutrina teológica do Jansenismo cujo autor tinha sido um bispo dos Países-Baixos, um tal Cornelius Jansen; fora ela a contar-lhe como o Papa Pio IV ordenara que tapassem os nus do Juízo Final, de Miguel Ângelo, na Capela Sistina, em janeiro de 1564, desgosto responsável em parte pela morte do artista ocorrida cerca de três semanas depois dessa decisão ter sido tomada; fora também ela que o levava a ver uma dança nupcial de groux cantando em dueto enquanto apontavam o bico para o céu; fora ainda ela a recomendar-lhe contenção quando confrontados com a facécia, ou com o charivari grosseiro; mais uma vez fora ela a besuntar-lhe o nariz com compota; e fora ela a mostrar-lhe como o granizo era capaz de destruir uma safra. Ainda não tinha sete anos

quando a família sofrera ostracismo. Num caleidoscópio surgiam-lhe imagens soltas da infância. A mãe Lourença parada na praia de Copacabana diante de uma colubrina semienterrada; ou chamando-lhe a atenção para a cor do mergulhão, camuflagem perfeita de pássaro junto do caniçal de uma lagoa glauca; ou dizendo-lhe para se agarrar à crina do alazão enquanto, por ser a primeira vez, levava o cavalo pela **rêdea a passo.**

A alacridade do navio a singrar rumo a Portugal, a quilha cortando as vagas deixando o Brasil cada vez mais para trás, e o tombadilho varrido pelas ondas. Fizera escala nos Açores onde o cabeço vulcânico do Pico se escondia no céu. Assim fora a deportação deles. Chegados a Portugal entregaram-nos ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. E agora aos 32 anos era a sua vez. Ei-lo na cela número 6 do Palácio Estaus onde estava como recluso tendo sido acusado de pertinácia. De que servia ser advogado e ter estudado Direito Canónico em Coimbra durante três anos? Como iria resistir naquele mundo carcerário?, tendo um horizonte de minutos, de horas, de semanas, de anos?, podendo até desaparecer nas masmorras saindo já morto 26 anos depois de ter sido encarcerado, o que a dar-se não seria inédito. **Eram as tribulações a que se referira antes Samuel Usque.**

Na Torre do Tombo folheio o Testamento Político póstumo do embaixador D. Luís da Cunha falecido no ano de 1749 onde no que diz respeito às fogueiras inquisitoriais se lê: «Atos de Fé que os nacionais vão ver como uma festa de touros/.../lastimosa tragédia que desonra Portugal nos países estrangeiros.»

O oficial a quem cumpria vigiar presos e guardas, o Alcaide, viera às seis da manhã dar os bons-dias a António José da Silva. E ridicularizara-o comparando a veia artística dele ao donaire, à plasticidade oratória do Padre António Vieira.

A notícia do dia é estarem atracadas nos Paços da Ribeira as naus Nossa Senhora da Ajuda e São Pedro de Alcântara. Acabadas de chegar de Goa com o esbulho confiscado a um judeu. O tesouro ficou à guarda da Casa da Índia e da

Casa da Guiné. Os gatafunhos do escrivão que fizera o inventário referiam vestidos de tafetá, um cabochão, uma sobrepeliz, safiras, vestidos de cambraia, um açafate de ouro, tecidos de granada, topázios, turmalinas, berilos, ágatas, jade, turquesas, esmeraldas, ónix, jaspe, diamantes, pérolas.

Ali perto uma varina de xaile preto pelas costas, com uma canastra à cabeça, apregoa o peixe que tem para vender.

Como avançava na cela número 6 a criatividade teatral de António José da Silva? O corpo sacudido por soluços, as mãos enclavinadas. Proibido de revelar o que visse, ou ouvisse na prisão, ou seria severamente punido. Casos de minorias étnicas perseguidas é que não lhe faltariam para relatar. Ali ao lado uma presa sofrera várias vezes assédio sexual por parte do alcaide. E havia o exemplo de polícias fazendo-se passar por presos. Escrever? Só quando era intimado é que lhe forneciam papel e tinta, e mesmo nesse caso o papel vinha rubricado, numerado. Escrever era um privilégio quase exclusivo dos inquisidores, quando tinham de exarar juízos deixando transparecer, então, como não podia deixar de ser, o baixo nível cultural de que padeciam. Em 1712, tinha sete anos, recorda, quando chegara a Portugal com os pais em circunstâncias humilhantes. Sente saudades dos traços fisionómicos melancolicamente delicados de sua mulher Leonor Maria de Carvalho uma covilhanense. Revê a primeira vez em que a beijara. Tinham casado em 1734. Só estivera com ela três anos, uma vez que fora preso em 1737. Lourença Coutinho, a mãe, não cirandava. Não se detinha um momento frente ao televisor, porque não havia televisão, mas por um instante teve a estranha sensação de que tudo aquilo era recorrente, como se fosse o destino dela não se encaminhar como não se encaminhava, para o «boudoir», e não tirar diante do espelho os bigoudis, como se já tivesse sido previsto que naquele preciso momento não despiria o roupão de seda estampado num desenho floreado, porque não o tinha. Tampouco ia pegar numa cerâmica ornamental de Delft. A «gente da nação» como chamavam à sua raça, chegara a emprestar dinheiro ao rei, tinha sido a idade de ouro, de

pimenta, de noz-moscada, de açúcar. Num leilão comprara um instrumento musical chinês à data completamente desconhecido em Portugal, o Guqin. Adquirira-o, porque fazia parte do espólio de Fernão Mendes Pinto falecido em 1583 julgando poder assim obsequiar o filho António José. E agora ali estava prendendo, soltando o cabelo. Sentia a falta do gancho de cornalina que lhe tinha oferecido a nora, mas fora-lhe confiscado.

Na cela número 6 José Luís de Azevedo provoca verbalmente o seu vizinho António José da Silva: que a mesquita tinha sido substituída pela Sé, olhasse por exemplo Córdoba que fora em Espanha de 765 a 1263 a capital muçulmana; olhasse o Peru, onde índios engalanados com plumas coloridas tinham recebido os tipos na Casa das Virgens do Sol, os nativos dando as boas-vindas aos gajos no Templo do Sol em Cuzco que já lá estava desde o século XI; olhasse Pizarro o conquistador espanhol que em nome da religião matara, roubara, aterrorizara; e a ele não lhe tinham confiscado a casa onde vivia?, uma casa adornada com azulejos neoclássicos e vasos de alabastro? Ah! Bem podia citar o Eclesiastes naquela parte onde se lia «Vacuidade de vacuidades» pois quem mais do que ele, António José, se podia referir aos carros de luxo, aos banquetes de luxo perdidos?, quem melhor do que ele podia falar com propriedade dessas mulheres de pálpebras nacarinas cujas sobrancelhas emprestavam uma sombra paliada ao rosto?

António José da Silva entra no jogo inventando uma peripécia: - recordas-te daquela vez em que pescámos à linha? Lá íamos nós mesmo entre a Alemanha, a Suíça e a Áustria pelo lago adentro. Não muito longe do nosso saveiro nadava um pato de bico vermelho. No dia seguinte fomos à cidade de Constança e pudemos testemunhar como João Huss, esse pioneiro da Reforma, foi queimado vivo.

Súbito uma interrupção causada por uma cantilena anónima acompanhada à guitarra dedilhada algures lá fora que a brisa ocasional trazia até mim como um favo inacabado. Lisboa fora e continuava a ser uma caixa de ressonâncias.

Entretanto António José vai arquitetando a sua defesa em função de conjeturas, uma vez que os inquisidores nunca lhe revelavam o nome dos seus denunciantes muito menos o dos espões dentro da prisão. António José não se tinha enganado no que dizia respeito a quem o teria denunciado: a ama branca Maria Rosa que dizia ignorar o lugar de nascimento; a escrava preta Leonor Gomes; a vizinha Antónia casada com Pedro Ferreyra bem como a criada destes, Theresa.

À noite põe-se a congeminar uma hipótese de encenação para a «ópera» seguinte. Os adereços seriam uma arca de sucupira ^{do} século XVIII. O enredo seria uma missão para um aventureiro cujo destino era a Anatólia. O protagonista teria experiência comercial já tendo navegado os rios Tigre e Eufrates. A certa altura teria de atravessar o estreito do Bósforo que ligava o Mar da Mária ao Mar Negro. Para alcançar, enfim, o céu desbotado que pairaria sobre o Reino do Ponto. Aqui António José adormece e tem um sonho premonitório. Estava diante de um quadro intitulado O Relógio, de Marc Chagall, um pintor francês judaico de origem russa que ainda não tinha nascido. Faltava aos inquisidores um utensílio para medir o tempo, a fim de saberem

situat o que lhes estava a dizer: não podia sentir-se melhor: tanto o alcaide, como os guardas, como a comida, eram excelentes, assegurava-lhes.

A sós. Desalento. Recorda os tempos de estudante em Coimbra sentado à beira do Mondego. Os hibiscos furavam o céu de chumbo. O chão prestes a aluir. Que a literatura dele fosse barata, ou cara tanto fazia. Dez anos depois de ter sofrido a tortura da polé na prisão, travara conhecimento, não por motu próprio, com outro espão disfarçado de preso posto na sua cela para o vigiar, um tal Bento Pereira, incapaz de assinar o próprio nome por ser analfabeto. O Tribunal acabará por decidir fundamentando-se no depoimento faccioso de esbirros como este. Deitar a sopa na sanita, não comer o pão que o guarda lhe trouxera, era interpretado pelo «Familiar», ou pelo Inquisidor, como um ritual de

jejum hebraico. Mais de uma dúzia de «Familiares» e espiões tinham corroborado a primeira deposição do «Familiar» Maximiliano Gomes da Silva que tinha acusado António José da Silva de ter jejuado na prisão.

Em 24.09.1738 ouve de pé o libelo acusatório dos inquisidores que consiste em ter feito na prisão cinco jejuns hebraicos. Instado por sua vez a interrogar por escrito quem ele supunha serem as testemunhas de acusação, fica a saber que Leonor Gomes, a escrava, tinha entretanto falecido na prisão.

Pela caligrafia do processo transcrito em ata cujo dossiê é encerrado a 11 de março de 1739 vê-se que o escrivão era pessoa pouco instruída. A 13.03.1739 o Santo Ofício excomungara-o e expropriara-o de todos os seus bens. Esta sentença não lhe tinha sido participada. Como se tivessem pretendido deliberadamente causar-lhe sintomas de ansiedade.

Pego num romance de Camilo Castelo Branco, O Judeu I, «Os/.../que assistiram/.../lançaram ao chão as bilhas/.../quebrando-as/.../Os esposos beberam depois algumas gotas de vinho numa taça comum, e quebraram-na também/.../Depois, a esposa fez três giros em redor do esposo/.../Os circunstantes/.../espargiram alguns grãos de trigo sobre os esposos/.../a esposa à/.../direita do marido/.../ela/.../cobriu-se com um manto/.../ do qual também se cobriu o esposo/.../Eis que és minha esposa, conforme o rito de Moisés e de Israel.»

Um soluço de ciprestes condoídos, choupo emudecido, distintivo no vestuário, a delação, o dogma católico oprimindo, colinas infestadas, modorra crepuscular, nuvens afogadas no gengibre-de-dourar, e, no útero da tua filha havia uma conversa bracejante de película surda não legendada, irremediavelmente irreversível, e era níveo acre-doce o púbis de Leonor semelhante a pele de veludo voluptuoso ah! «Leonoreta fin'roseta», onde começara um feto num destes dias numa nebulosa em que os plátanos se erguiam altos, e, estavas comprometida, choro debelado, e a trémula melancolia dos outeiros, da árvore multiseccular, do campanário...

Ensimesmado ouve o veredito a 16 de outubro de 1739. Deixam-lhe o consolo do padre jesuíta Francisco Lopes a quem se submete exprimindo-lhe o seu desejo de terminar a vida como bom católico, a fim de lhe outorgarem o direito de morrer no garrote antes de ser queimado.

Conforme o procedimento usual a Inquisição entrega-o à justiça civil. Como se houvesse um desígnio indómito em não abdicarem de raízes familiares, culturais, religiosas, resolveram chamar-lhe Lourença. A neta de Lourença Coutinho, tornava-se, assim, no fio condutor da família. E ali estava aquele ente pequenino a dormir agarrado a um boneco de serradura. Era a filha de Leonor Maria.

Rostos duros não destoando do juízo exarado nas injúrias rosnadas entre dentes pela chusma apinhada nas ruas à espera de ver queimar os apóstatas cujos descendentes tinham perdido o bom nome, condenados à infâmia pública, amaldiçoados durante várias gerações. Também o verdugo rejeitava a mais ínfima afinidade com os condenados à morte daí não se vislumbrarem nem nele nem nos seus acólitos nenhuma piedade. António José da Silva pensa nos parentes. A mim ocorre-me que a independência portuguesa fora restaurada em 1640 tendo havido em 1641 uma conjura contra o rei D. João IV da qual fizera parte o Inquisidor Geral D. Francisco de Castro desejoso de restabelecer a ocupação espanhola em Portugal.

Retrospectivamente vê-se mandando a escrava buscar um cesto com cachos de uvas maduras. Fora um pretexto para Leonor entregar o último manuscrito de António José da Silva à cunhada, Antónia Alaria, uma cristã velha casada com Balthasar, irmão de António José. Pretendia dessa forma pôr a salvo o projeto já bastante adiantado do cônjuge para uma Ópera. A melomania era uma moda no reinado de D. João V. No carnaval de 1737 fora levada à cena Guerras do Alecrim e da Manjerona musicada pelo compositor português António Teixeira. Tendo a bom recato o produto literário do marido regressou a casa. No dia seguinte levaram preso o pai de Lourença. Leonor pensa no modo

como o marido António José evocava o Padre António Vieira preso em 1665 e 1666 pelo Santo Ofício, por ter profetizado a ressurreição do rei D. João IV na sequência de ter lido e acreditado no sapateiro de Trancoso, o Bandarra falecido em 1566. Tão efémeras as colinas verdes de Lisboa. Lourença, de quatro anos de idade, montava um burro. Fugiam. Ao longe a diminuírem cada vez mais o porte. Mas elas não conseguiam esquecer as labaredas a derreterem os hereges como se fossem figurinhas de cera.

Era um lugar comum recomendarem à justiça secular usar da maior das benevolências para com António José da Silva. Já se sabia estarem a pedir a fogueira para o preso. Era um Tribunal cujo Ofício se arrogava ser Santo. Devia existir outro mundo onde fosse natural um malgaxe cumprimentar um canaca livremente; um mundo onde não ficasse excluída a possibilidade de um tuaregue atento à toada da cachoeira poder trocar o camelo pelo rappel para não se precipitar sobre as fragas lá em baixo; um mundo onde fosse possível um mongol e um manchu coexistirem pacificamente; devia ser possível um mundo onde não fosse crime ter nas mãos o Talmude; devia ser possível um mundo onde Galiza e Galícia tivessem o seu próprio espaço.

Faço uma pausa. Olho para umas palavras desenterradas numas escavações lexicais; espanejo-as, e, vejo como o tempo as esculpira conferindo-lhes uma patine indefetível : Tartessos, Turdetânia, Turquestão.

Recuperara a didascália bem como o texto-base para o projeto da nova Ópera do marido. A personagem feminina usava um chapéu conífero que a tornava mais esguia e mais alta ao som da rebeca. Contracenava com um trovador perdidamente enamorado. A vontade expressa do autor era estreá-la à luz do Cruzeiro do Sul, ao som de cantares e de violeta, no hemisfério austral. Ela faria publicar postumamente a obra inédita de António José. Mas presentemente sonha com o céu de Amesterdão onde há telhados sem espigão em forma de trapézio. Zumbe soalheiramente um inseto procurando estivalmente o pólen das pétalas rosadas do arbusto denominado silva,

procurando o arbusto aromático de ramos castanhos eretos chamado alecrim, procurando a madressilva tão verde emprestando o seu odor característico a quem como elas caminhasse ao longo daquela sebe. Fazia lembrar a Leonor Guerras do Alecrim e Manjerona. Via António José em tudo. Em Espanha a Inquisição prendera-a numa cela subterrânea. Havia uma infiltração talvez devida a inundações que tinham ocorrido pouco antes. Mediavam dois segundos e meio entre o cair duma gota e a que se lhe seguia. **Esse estribilho.** Também ouvia crianças a cantar: «A judeu nem a porco meter no seu horto.» Quando finalmente a soltaram o advogado António José da Silva esperava-a à saída. Um aguadeiro que passava dera-lhes de beber. Fora assim que se tinham conhecido.

Tinham sido proibidas de sair de Portugal. Podiam ser presas por qualquer Familiar, ou Official do Santo Officio. E as testemunhas de defesa de Cristãos Novos não podiam ser outros Cristãos Novos.

Cananeus na poeira dos séculos. Podia-se ouvir falar aramaico, ou hebraico na Antiga Síria. A partir do alemão surgiria o ídiche. Mas era uma estória que tinha começado no Próximo Oriente há centenas de anos atrás.

Pego num livro de Abdullah Saeed: «recusamo-nos a alimentar imagens primitivas do -judeu-.../ Reconhecemos o direito de Israel existir direito reconhecido pelo congresso da OLP em Argel em 1988 e pela Cimeira de 2002 da Liga Árabe em Beirute. Ao mesmo tempo apoiamos o povo palestiniiano e o seu direito a fundar um Estado e a ser libertado da ocupação.»

Lourença Coutinho, a velha mãe, estava sentada sob uma árvore cuja copa emprestava à lagoa tons esverdeados. Colhera umas flores. Eram despedidas-de-verão. Foi então que começou a falar da viagem Brasil-Portugal: no convés do barco o grumete atirando peixe às gaivotas. Era um rapaz que já tinha visto a aura de mistério dos minaretes a romperem num sortilégio a manhã, já tinha atravessado o estreito de Dardanelos entre o Mar Egeu e o Mar de Mármara. A voz embargada. Não controlava a pulsação nem a temperatura do corpo nem a

respiração nem a pressão arterial. Não houvera nenhuma monja tibetana a reencarnar nela. D. João V preferira não usar o seu direito de veto à pena de morte aplicada a António José da Silva. Afinal tratava-se de mero retábulo de minorias. O Brasil cumulava-o de uma riqueza faustosa, e o rei podia acariciar o luxo nas moedas de ouro a circularem no seu império: o Meio Dobrão, o Cruzado Novo ou Pinto, a Dobra de 8 escudos, a Dobra de 24 escudos.

Como se nunca se tivessem separado, como se tivessem permanecido juntos: ainda via o peito do filho arfar brandamente; fora honrado com tanta benevolência! Mal continha o pranto. Escorriam-lhe, silenciosas, as lágrimas pela cara abaixo. A ação tinha de obedecer à unidade de tempo e lugar daí o escambo negreiro. António José metia-se com a escrava recitando-lhe de cor Camões:

«Pretidão de amor!
Tão doce a figura,
/.../
Esta é a cativa
Que me tem captivo;
E, pois que nela vivo,
É força que viva.»

Uma certa distinção na estrutura da frase, a ironia teatral de cujo preço nunca suspeitaria.

Embrenhada em reminiscências ainda ouvia chamar-lhe mamã, «mamã vem ver», e ela ia, e via o seu menino rodeado pelos bonifrates, esses fantoches articulados em arame. António José identificava-se com aquelas figurinhas de cortiça pintadas.

Os censores teriam visto no que António José da Silva escrevera alusões demasiado críticas aos poderes vigentes? Apenas retratara o mundanismo de

certos círculos poéticos de então interessados em bagatelas e futilidades a que árias musicais em voga vinham emprestar leveza e graça.

Mas para quê demorar-se a constatar os erros do passado? Talvez fosse para forjar armas, a fim de melhor lutar contra o que tinha estado mal. O meio hostil fundamentado no preconceito e no erro, não era invencível, não devia sê-lo. A razão acabaria por prevalecer, porque o espírito não estava consumado, «o espírito não»-balbuciava Lourença.

O resvalamento no desmesurável

O Resvalamento no Desmesurável

«Némésis veille,
déesse de la mesure,
non de la vengeance.
Tous ceux qui dépassent
la limite sont, par elle,
impitoyablement châtiés.»
in: L'été, Albert Camus.

Homofonia

- I. Os cingaleses de Taprobana, aliás Ceilão, aliás Sri-Lanca que falavam o tâmil.
- II. O som característico que faziam ao arrastarem-se pelo chão empedrado. Vinham na sua direção empurradas pela aragem matinal. A curiosidade suscitada. Virou a cabeça: uma folha amarela caída da árvore a prenunciar o outono que ainda não chegara.

III. Arrozais desvanecidos a perder de vista. Entrevê-la ao longe. Chapéus de camponesas colocados por cima de lenços. Paris: refugiada vietnamita em 1968. Época periclitante. Prolongada até à linha do horizonte a planície aluvial. O delta do rio Vermelho. Plantações de bambu. O padre Gaspar do Amaral tinha deixado manuscrito um dicionário anamita-português publicado posteriormente por um confrade seu. A nordeste do delta do rio Mecão ficava a cidade Ho Chi Minh. Búfalos pontuando a tarefa paciente a que tinham sido votados. Os desejos epistolares de um contexto que não te fosse ignoto. Golfo de Tonquim. Mazagrã e ortofonia. Mais do que a gravura da Cochinchina tão superficialmente livresca. Registo evanescente, definitivamente inacabado. Tempo irremediavelmente inacessível. Ó compatriota de coração!...

IV. O país do sul:

Viet. O quebranto da
monção.

v. Nos cabelos dela apalpara a palavra miosótis, nos cabelos dela achara o aroma a cedro bem como a recordação do soluço, a recordação do bramido do mar.

O que é que presenciara para ficar emocionalmente alterado? A evocação daquela vez em que se tinha recolhido nas vestes pregueadas, nas tranças envergonhadas da vietnamita. Tentava ocultar, sem êxito, a condição de camponesa, traída nos pés parcialmente à mostra cuja sandália dúctil e estival, cujo torneado de perna macio ao tato... **Dera-lhe um alfinete de gravata com o nome de Saigão.**

Uma expressão assustada de corça .

Seixos

ondulosos na orla marítima a cerzirem-lhe o nome. Não havia a mais pequena aragem.

VI. O modo interessante como falava do horto, ou como tornava imarcescível o

manjeriço...

Finalmente eis chegado o emissário e a sua comitiva: «só os santos é que falam com os pombinhos»-disse. Como se compreendesse, o animal, de aspeto saudável, parou um momento para o olhar atentamente.

VII. eis a cataplasma preparada para aplicar na testa de Benício. não queria antes ir ouvir a canção das baleias? a suplicarem, a queixarem-se, a chorarem...

VIII. Chegara a ser marinheiro. Há séculos... Tempos vividos não pateticamente.

...Mar alto. O navio vence às vagas a custo. No temporal o oceano torna-se um labirinto intrincado. Chuva. Vento quase ciclónico. Vogando à deriva. Não se vê nada através da escotilha. Parece, enfim, começar a amainar. Apesar de ginetes negros galoparem no céu. De repente ouve-se uma espécie de trompa guerreira. A borrasca voltou. Naufrágio iminente. A caravela portuguesa começa a afundar-se. Já não vai atracar em nenhum porto. Braçadas vigorosas. Salvos imprevistamente. Turbantes à chegada. Vão ser conduzidos ao palácio. Seda, cetim, cores variadas numa vertigem. Um **sultanate**? Tâmaras em bandejas de prata. Danças hipnóticas. Volúpia. Pedras preciosas engastadas na trela do leopardo. Ambiente majestoso. Aromas inebriantes. Um arauto vem anunciar uma competição de tiro ao arco. Reposteiros exóticos. Acolá uma odalisca recostada. A varanda do quarto rente a uma árvore, por onde, numa emergência, a **residente poderá, ao raiar do dia, voltar secretamente para o harém.**

IX. Oriundo de várias partes do mundo. Impreterivelmente elíptico ouvindo a palavra
-horta- dita em malaio, dita em maldivano.

x. Recordando-a a ela que o vira nascer. Países interpostos entre ambos. Fora ao correio mal sabendo que o destinatário morreria, em Portugal, duas horas depois de lhe ter enviado aquela carta.

XI. Pretendera despir-se de entoação, de prosódia, despojar-se da contumélia, do sarcasmo. Daí a veleidade de sobriedade, de pretender plasmar o que de outra maneira se dissiparia, fosse aquela hora-carmim da cidade, fosse aquele janeirar, fossem os minutos em que permanecera ajoelhado no cemitério como última homenagem prestada aos antepassados tentando reter o halo breve da bem-aventurança partilhada.

XII. Numa culminância ímpar, numa interseção qual íman de vertentes, de encruzilhadas, de heterogeneidade, de homogeneidade. Sem nunca deixar de ser oriundo de Lisboa.

XIII. no restaurante-bar tomava um café com amigas. para Lisbeth não era por acaso que REMBRANDT tivesse nascido ali em Leiden que na opinião dela era a cidade mais bela dos Países-Baixos.

XIV. EDGAR ALLAN PÖE traduzido por FERNANDO PESSOA fazendo ouvir o estribilho «NUNCA MAIS» em O CORVO. E VINCENT VAN GOGH pintando numa premonição o preto da última tela mostrando corvos a esvoaçarem.

Saía devagar da Avenida Guerra Junqueiro, em Lisboa, o Chevrolet vermelho. O fim de semana era passado na quinta da Venda-do-Pinheiro. O enleio dos dez anos. A avó paterna levava-o para o campo. Aconchegado no banco de trás espreitava o ponteiro de velocidade que nunca ultrapassava os 80 Km/hora . Prestes a chegar às Líricas galego-portuguesas do CANCEIONEIRO COLOCCI-BRANCUTTI.

XV. As tábuas de declinação solar. O apelo da Gesta empreendida por aquela gente portuguesa.

XVI. A língua oficial do Camboja: o khmer que sofreu influências do sânscrito, do siamês, do chinês e do vietnamita. O Mimus polyglottos que é a ave capaz de imitar o pipilar de outras aves, os cachos dourados ao cair da tarde, os acantos do capitel...

XVII. Recordava a avó recém-falecida cujas últimas notícias tinham sido relativas à angiografia. O aneurisma no cérebro acabaria por matá-la. Um bago de zimbro caiu no chão. O narrador lia Carlos Amaral Dias.

XVIII. a cristalinidade do rio espelhava as nuvens do céu. era uma paisagem amena a estender-se preguiçosamente pelo dia adentro. e Benício segurava na mão um bilhete que não era de ida-e-volta. o jardim municipal era rodeado por um gradeamento a que se encostavam bancos. um pardal surgiu, nervoso, como se pretendesse dedilhar todos os utensílios ao seu dispor. às grades agarrava-se na horizontal, na vertical, chegando mesmo a empoleirar-se de cabeça para baixo. passou ao nível inferior que era o assento de pedra. brincava sozinho, prazenteiro, à medida que ia explorando os lugares por onde ia passando.

XIX. Obtuso, o ângulo, não era uma palavra pejorativa como o seu homónimo.

A imagem que o espelho devolvia: o «p» transformava-se em «q» numa linearidade do abecedário. À parte isso havia um solstício de verão fugaz que à escala do infinito era tão efémero como o período glaciário.

xx. o Lago Malawi banhava a Tanzânia, Moçambique e o Malawi. no avião Benício a afastar-se, e o Lago tornava-se cada vez mais minúsculo, ia-se tornando num ponto que num ápice deixaria de lá estar. a tremeluzir o Boeing, a oscilar. um alô cada vez mais difuso até não restar nada. no céu via-se um Quarto Crescente. as estrelas continuavam a pulsar. o clarão da explosão só foi visto quatro mil anos depois devido à distância. Portugal hodierno? Carlos Amaral Dias: «Mas se toda a dor é a dor de uma separação e a (in)tolerabilidade perante a distância,»

que seria no resvalamento do desmesurável.

XXI. relance de infância onde a tagarelice do dia se manifestava naquela lagartixa; avançara, movera a cabeça para a esquerda, imobilizara-se a meio do muro sem ninguém com quem contracenar. o sol inundava o quintal. o casulo do bicho da seda: Benício levava-o debaixo do braço dentro da caixa de cartão. para mostrar aos outros meninos. tinha de passar por um carreiro entre os canteiros. de manhã cedo seguia por aquele caminho ladeado pelas couves das hortas. dentro de cinco minutos chegaria junto do pinheiro manso. havia pinhas no chão. apanhava uns pinhões, metia-os no bolso das calças. ficava a olhar para um formigueiro prosseguindo depois. após o que avistaria as telhas encarnadas da casa branca: o edifício da escola erguia-se diante de uma nespereira muito antiga. a essa hora fazia-se sentir uma fresca aragem matinal. de uma quinta vizinha ouviu-se o latido de um cão.

XXII. Um dia em MI não era a mesma coisa que um dia em FA. O batel adernado vogava à deriva no rio Tejo.

XXIII. do tamanho do Malabar, mas longínquo como o iaque, longínquo como o abominável homem das neves. mais só do que os outros, porque Benício era oriundo de Sofala... e era como se estivesse a desbravar as sendas do órix.

XXIV. Assestando os binóculos para verem melhor a Estátua da Liberdade no porto de Nova Iorque. Quem? WALTER GROPIUS que era chefe do departamento de arquitetura em Harvard, Estados Unidos; MARCEL BREUER que era arquiteto do Whitney Museu, em Nova Iorque; HERBERT BAYER, Designer, consultor artístico, em companhias americanas; JOSEF ALBERS, pintor a dar aulas no Departamento de Design, na Yale University, New Haven, Estados Unidos.

Tinham-se radicado nos Estados Unidos da América após o encerramento da Bauhaus, em abril de 1933, pelos nazis.

XXV. entornara o caldo. a aba do sobretudo sujara-se. saíram para a rua. a avó dava-lhe o braço enquanto desciam a ladeira. Benício tinha quinze anos. calçava sapatos de borracha, porque -explicava ele- escorregava-se menos no empedrado da calçada. numa esquina achava-se uma leitaria. logo à entrada havia um lavatório. com o lenço molhado Benício começou a esfregar a roupa onde se via uma nódoa de gordura. o dono veio cumprimentá-lo. conhecia Benício desde a meninice. «não temos água» - disse o senhor Canha. «já terminei» -desculpou-se Benício. e o outro, em tom grave, olhando-o atentamente: «gosta do amarelo alaranjado desta pedra preciosa?, é uma granada, gosta?» -e abria a mão vazia.

Benício não se esqueceria daquela situação insólita já a prenunciar o internamento ocorrido dois meses depois num hospício psiquiátrico.

XXVI. Tinham acabado de jantar numa esplanada ao ar livre. O carro tinha ficado estacionado próximo dali. Dirigiram-se para lá. Ao meter a mão no bolso para procurar um lenço, tirou também o relógio de pulso, e, inadvertidamente, deixou-o cair. Teve de retroceder para o apanhar. Tinha parado. Finalmente entraram no carro. Arrancaram. A um minuto dali o automóvel estacou. Estavam atravessados numa passagem de nível. Quem conduzia tentou repetidas vezes pôr o motor a funcionar.

Não conseguia sair da linha férrea. De repente os faróis da locomotiva incidiram neles. A porta estava trancada. Não estando a conseguir abri-la disse: «Meu Deus!, vamos morrer aqui!»

XXVII. quem é que lhe oferecera um par de sapatilhas confeccionadas com fibra de esparto? quem é que lhe falara no ouro encontrado junto das nascentes do rio Volta? a certa altura Ghislaine sentiu saudades daquele a quem chamava o seu garimpeiro. fora ele que se referira ao fresco de Persépolis no Irão, ao Vale dos Incas, ao Tabernáculo, ao estilo Mudéjar, aos califas de Damasco, à cascata do rio Iguaçu, no Brasil, ao cavalo ajaezado com uma sela de veludo carmesim e verde, ao alforge feito de cânhamo, à dança dos lamas no Butão, à Capadócia, ao cedro com mais de dois mil anos, à mesa portuguesa do século XVIII, ao cinzeiro de madreperola, às ruínas de Tikal, na Guatemala, ao zigurate, à igreja construída em 1521, a mais antiga das Américas, em Tlaxcala, no México, ao ouro da folhagem, ao orixá, às petúnias tão garridas no canteiro.

XXVIII. numa situação daquelas, in extremis, sucedeu uma coisa estranha: o tempo de Noémia tinha sido compactado, e, enquanto refém do veículo, numa iluminação de memória, reviu-se passeando outrora, ao ar livre, no mercado das Caldas da Rainha entre cabazes de ameixas e de pêssegos, num dia ensolarado e feliz.

XXIX. Excerto do manuscrito enviado à editora Dição:-Desde muito longe. Algures um homem pegara numa toleta. A Praça de Azamor. Uma relíquia a Carta portuguesa de Módena. Uma porta dava para o mar. Turvava -se o planisfério. No mapa faltava nitidez a Alcácer Ceguer. A tábua solar servira para chegarem a Safi. Lá ao fundo a torre de menagem de Arzila. Irradiava uma enorme tristeza de um alfange abandonado ao lado de um roteiro da Insulíndia.

xxx. cômico, porque Lisbeth não sabia do que se tratava, quando viu pela primeira vez aquele gesto de Benício. para dizer muito bom, a mímica nos Países-Baixos não correspondia à de Portugal.

XXXI. Noémia não fora capaz de lhe perguntar a tempo o que tinha querido dizer com aquilo:-que o cristalóide não era cristalino.

XXXII. pelos dedos cada vez mais amarelados era como se estivesse a envelhecer. era Benício a fumar ininterruptamente cigarro após cigarro.

XXXIII. iam em busca de enseadas transitivas cheias de avelãs, mirtilos, amêndoas, quando o namorado transitório dela não havia meio de pôr a viatura a funcionar. a ponto de vir a enrugar, mau grado Noémia, o lençol nevado onde se encontrava o automóvel.

XXXIV. A consultoria literária da editora Dição treslia um manuscrito à sombra da umbela e comentava que o autor era como se fizesse a triagem das suas personagens através de vários enfoques.

XXXV. correntes, ciclones, anticiclones, depressões, amanhecia, anoitecia. um silvo. nordeste. metia água. planificar o retorno?, mas não conseguia sair dali onde ia delapidando a doença. era Benício dando a cara ao barlavento. nenhuma calmaria. desnorteado. rumo ao dentro? rumo ao fora? a cigarra não se deixava ver, embora continuasse a cantar para quem quisesse ouvi-la.

XXXVI. olhou para um abeto. era Raimundo quase a caçar Noémia transportada ao seu lado que era como o arco-íris.

Sândalo

I. A criança arregalou os olhos ao ouvir o acento circunflexo segredar-lhe existirem letras com que não simpatizava. Havia uma língua que precisava dele. Noutras, ao revés, não o deixavam entrar. Era para esse reino, onde seria bem-vindo, que se encaminhava. Se quisesse podiam ir ambos a cavalo numa nuvem anil.

II. deambulava por lá um traficante de ouro. no tempo em que o Gana se chamava Costa da Mina; no tempo em que Biafra se chamava Nigéria; no tempo em que o sextante se chamava astrolábio. mas não era Benício que ia esculpindo o tempo.

III. A tripulação ficara repentinamente imersa numa luz acre, num deslumbramento, surpreendida com o mercado das especiarias, deslumbrada com a paisagem colorida: frutos exóticos, turbantes bordados a ouro. Quem eram aqueles homens nus da cintura para cima contando maravilhas do Benim, do Samorim, de Omã? Garantiam haver, não longe dali, tudo aquilo de que viessem à procura após tão esforçado e longo périplo.

IV. A meta era alcançar uma abside perdida nos confins dos Himalaias. Supostamente algures num lugar remoto. Tinham ouvido a propósito relatos fabulosos. Ignoravam, se a fonte de informação fora fidedigna. Passaram pelo bazar, pela escrita rúnica de um túmulo sumptuoso. Mais adiante foram roubados. Agora subiam com neve até ao pescoço, os sapatos duravam um dia, numa emergência os Tibetanos levavam-nos às costas. Atingido o cume. Desceram a encosta. No sopé havia um bosque de cedros. Beberam de uma fonte. O gelo provocara lesões graves num dos padres: perdera alguns dedos das mãos. Prosseguiram por precipícios, por

charneças, a pé, de gatas, ao relento, mal-dormidos, mal-comidos, não raras vezes secando a roupa no corpo. Prosseguindo viram alguns abelharucos. Talvez houvesse abelhas por perto. Até chegarem a uma aldeia. No ar um cheiro a iaque. Uma alta individualidade mostrou-lhes, julgando estar-lhes a fazer um favor, já que andavam disfarçados de árabes, um Corão do século X. Logo que lhes foi possível, os Jesuítas ajoelharam e deram graças a Deus.

v. Fugazmente levada a ver aquela substância vermelha, corante, a sandalina, extraída do sândalo. Pela árvore acima subiam formigas cujo rasto odorante era deixado pelas feromonas. Uma emanção fisionómica plena de graça era o traço horizontal dos olhos uma redundância naquelas paragens. A Dinastia Ming bem como o rio Amarelo em fundo. Em primeiro plano o filho de um dos quadros da editora Dição. O pai fora em viagem de trabalho ao extremo-Oriente. Pelos gestos, pela entoação, pela postura, embora a criança não entendesse verbalmente aquele idioma chinês, percebeu que a atitude para com ela por parte do senhor ao lado estava a ser amigável. Sobrevoavam finalmente o rio Tejo agora belo e luzente. E o acento circunflexo despedia-se do menino num aceno.

VI. Lá para trás ficara essa língua semita extinta o siríaco proveniente do dialeto aramaico de Edessa cidade que sob o domínio turco passara a chamar-se Urfa.

VII. A porta do quarto onde se encontrava estava fechada. Abriu-a e caminhou por um corredor até parar diante de outra porta. Teve de rodar a maçaneta, a fim de entrar. Houve um ranger de gonzos. Penetrou na nova divisão. Sentiu que a temperatura tinha mudado. Estava na assembleia do solar onde galgo rimava com baronesa. Não se deu conta imediatamente devido à semiobscuridade da sala. Era aguardado. O que lhes ia dizer? Não podia dar-lhes a oratória do oratoriano. Ouviu pigarrear. Levou a

mão ao lenço do pescoço.

VIII. Uma certa opalescência tão ontologicamente inerente ao desempenho exímio da dobadeira, da fiadeira, do baleeiro, do almocreve...

IX. Garcia da Orta sobre o sândalo: «crescem/.../em Timor/.../na Índia/.../servindo para o fabrico de cofres/.../portas do templo de Somnath, ainda conservadas em Agra, e que se diz terem mais de mil anos/.../Gastava-se e gasta-se, sobretudo, como perfume/.../Igualmente se consumia na cremação dos cadáveres dos hindus muito ricos.»

x. tentava interagir com Benício que dizia não ter objetivo na vida. sabe-se lá porquê ocorria-me, então, o Estreito. a passagem entre o Oceano Pacífico e o Oceano Atlântico no Chile. a circum-navegação planetária de Fernão de Magalhães que fora morrer longe. junto à estátua do navegador português, em Lisboa, homenagem da República do Chile, é que eu tinha apanhado todos os dias úteis, impreterivelmente às 7h45, a camioneta para o colégio. tentava, pois, superar com humor o desânimo do meu conterrâneo dizendo-lhe para retroceder, ou avançar, não se preocupasse, mas tinha de acreditar nele próprio para chegar aonde queria chegar. «o quê?»-perguntava ele. e eu: a magnitude da problemática teria de ser o orvalho intervindo a tempo para travar a murchidão das rosas. ainda ouço o modo nervoso dele a rir em sacada.

XI. a caminho da estação fluvial. nobreza de fisionomias. a luz. fim de tarde. quase verão. um chamamento: «ó Arlete olha os teus filhos!» ...trechos impressionistas. cheiros emitidos pela beira-Tejo. o som desprendido pela guitarra. grasnidos de gaivotas junto ao paredão. às dezoito horas, num kit de telemóvel, Lisbeth ia ouvindo uma gravação de Amália Rodrigues enquanto atravessava a Praça do Comércio em

Lisboa.

XII. por um triz que a locomotiva não os apanhava: no último momento Raimundo tinha conseguido pôr o motor a funcionar.

XIII. tinham visto o monumento ao gaúcho uruguaio, a pampa, a sepultura do capelão português. a correspondência trocada entre os bisavós: Noémia ia-a pondo dentro da caixa. Montevideu ao Largo. deparando a certa altura com um inventário do qual constava uma almofada bordada com renda de bilros, um lençol com monograma, uma mesa de pau-ferro bem como um par de arrecadas minhotas em filigrana.

XIV. embora não soubesse tocar cítara Ghislaine podia ver a constelação boreal Lyra.

XV. havia de visitar as várias províncias na qualidade de conferencista. à medida que a bandeja ia trazendo os licores ia explanando a sua conceção de novela de Partículas. o interlocutor ia prestando atenção ao timbre de voz, apenas ao timbre, já que era cego. na inauguração da exposição de Lisbeth já se falava, entretanto, em «acelerador de Partículas».

XVI. a claridade de montes. a praia fluvial de Macedo de Cavaleiros. na ementa lampreia do mar. um muro de quintal semicoberto pela trepadeira. tinha falado da alcateia de lobos que já não estava em vias de extinção. e no voo majestoso, solitário, do grifo em Idanha-a-Nova. sexta propícia à **concatenação de lembranças in**
termitentes a ronronarem por Noémia adentro. terra de figo, terra de amêndoa.

XVII. **Devia** ter sido a cortesia imarcescível. Uma questão de protocolo. Ao que se teria seguido um silêncio soturno. Representar essa estirpe devia implicar outra inflexão de voz. Às vezes talvez lhe faltasse a máscara mais adequada ao ritual adotado. O agrimensor tinha lá estado com as «flores do verde pino» antes de as personagens assentarem no tabuleiro. **Antes dessa paisagem humana cuja linguagem gestual tinha de ser diferente.**

XVIII. a azáfama. o exotismo do norte de África. deambulando por ali Lisbeth ouvia os mercadores dirigirem-se-lhe numa língua estranha. agarravam-na pela manga numa atitude irredutível. acabou por entrar num cubículo cujo tamanho não ultrapassava os quatro metros quadrados. ficou ali uns minutos diante do tintureiro que emanava odores coloridos.

XIX. **ladeava-a** uma vide-virgem. era uma casa marejada pelo bergantim, ou talvez fosse pela fusta sob um céu amarelo de giesta brava aí onde Noémia era soletrada pelas bagas vermelhas debicadas pelo pássaro do pilriteiro.

xx. não devia tratar-se da prata de Potosi. Bartolomeu já tinha estado ali. o intento dele ao voltar à Bolívia era ir outra vez àquele lugar em busca de minério. pouco depois de chegar a La Paz tinham-lhe roubado o mapa. a mina não figurava em nenhuma cartografia disponível. também não fora possível reencontrar o caminho que trilhara inicialmente. lembra-se de ter olhado para a constelação de quatro estrelas chamada Cruzeiro do Sul, assinalada em 1500 por um dos pilotos de Pedro Álvares Cabral. depois tinha sido preso.

XXI. «não sei se amanhã haverá muita gente a patinar nos canais gelados»-dizia Benício no contexto de um inverno amsterdamês.

XXII. mobília barata transfigurava-se no baú de couro que continha o escaninho para as peças de ouro bem como o bragal perfumado com lavanda e menta. em vez dos talheres vulgares eis agora o faqueiro cujas facas tinham cabo de madreperola, e, como tocados por uma varinha de condão, os garfos e colheres eram agora de prata dourada. o plástico do leque transmudara-se em marfim, e, em vez daquela colcha fabricada em série, estava ali outra bordada no século XVIII. o terapeuta Carlos Amaral Dias: «Falar de, não é falar com». Ghislaine já sentia o efeito da mezinha. **linguísticos**, mas também poéticos eram os halos que vinham marginar o texto.

XXIII. Filologicamente herdada dos Suevos a palavra broa. O rasto dos Visigodos deixado na palavra trégua. Na **geografia** do léxico Bética passara a chamar-se Andaluzia.

XXIV. **auras** da ilha da Tanzânia, Pemba, o maior produtor mundial de cravo-da-índia, impregnavam o ambiente de Lisbeth.

XXV. Na editora Dição iam trocando impressões a propósito de um manuscrito recebido: -igrejas de ouro em Portugal?, talha dourada no barroco português?, música portuguesa intemporal em Carlos Seixas?, Miguel Ângelo Buonarroti ultrapassando a Renascença?, o pintor Rubens cujo estilo pictórico Barroco correspondia ao gosto da Contra-Reforma?, Rembrandt Harmenszoon van Rijn meditando na sua pintura sobre a força do destino humano?

XXVI. maio afora a rolar até Raimundo ter um acidente rodoviário aparatoso.

XXVII. No cerimonial com que se realizava a obra o sofrimento alimentava a

energia. Talvez fosse essa a razão pela qual existiam aquelas duas tribos: os ZVED e os XLOF. Os ZVED não tinham experienciado aquilo de que falavam. Daí a ostentação deles. Por detrás da Miséria que não era a Miséria? Já se sabia tratar-se de um ZVED. Por detrás da Dor que era apenas a fazer de conta? Era indubitavelmente um ZVED. Os XLOF ficavam perplexos, emudeciam, embora tivessem mais direito ao depoimento. Viviam na montanha. Conheciam aquele vento que descia às vezes as encostas de sotavento, mas a gente da planície invadira-os espoliando-os. Desde então tinham deixado de poder referir-se com mínima credibilidade ao «foehn». Tinham sido roubados dessa palavra que fazia parte da cultura quotidiana deles. Mais: os outros tinham caricaturado essa palavra. Desde então «foehn» já não significava nada. Numa dialética insofismável ia decorrendo a partida entre os ZVED e os XLOF. O evento era coberto numa reportagem lida na editora Dição.

XXVIII. Eis o porto de Orão, e, entre duas bebidas, tomadas na hospedaria, ouviam falar da Tartária, da Índia: era lá que estava o Preste João. Tinham desembarcado lambéis e conchas exóticas. Tinham feito negócios. Tinham atravessado as montanhas eternas. Eram os marinheiros do barinel que ia zarpar de madrugada rumo a perigos infestantes.

XXIX. não, Bartolomeu não ia de vento siroco em popa. na prisão interpelavam-no, mas não entendia aqueles fonemas cavos que lhe pareciam patoá. e, de noite, sonhava com a beluga branca.

XXX. Em busca do cobre, do ouro, dos diamantes, dos amendoins, do café, do algodão sem os quais não teria havido colonialismo, sem os quais o navegador português Pedro de Sintra não chegaria, em 1460, ao território que chamaria Serra Leoa.

XXXI. savanas remanescentes de Daomé que passara a chamar-se Benim país

vizinho de Burkina Faso, situado no curso superior do rio Volta daí chamar-se antes Alto Volta tal como Benício ainda o evocava.

XXXII. no holograma de Bartolomeu o tiquetaque não parava. transviado sentia precisar de encurtar o espetro de tempo.

XXXIII. o texto desse crítico devia ser literariamente suculento. Benício ficara à porta. daí não ter percebido qual seria a nacionalidade do autor. à distância também a língua em que estava a ser feita a apresentação lhe parecia ignota. de qualquer das formas ressaltava uma certa fosforescência, um certo brilho consonântico. parecia tratar-se de delinear o percurso de um comediante de cinema. quando o lançamento daquela publicação, pela qual era responsável a editora Dição, terminou, não conseguiu ouvir o que acrescentava uma atriz ali presente, deitada sensualmente num canapé, mas o tom fora adequado para despoletar na audiência uma carga emocional indubitavelmente relevante.

XXXIV. De caixa em caixa. Coreograficamente o diálogo de caixas; sobrepunha-se uma à outra. Até resvalar para o chão. Ambiguidade no jogo de palavras. Não era o vocábulo do jargão jornalístico. Como guardava os discos na caixa. A namorada falava da outra. Qual? A da notícia em exclusivo. Sorrisos no ar. O corredor atravancado de caixas de cartão vazias. Os bailarinos atirando com as caixas. Dança sem música. Faziam de conta já não poderem com as caixas de tão pesadas que estavam. Metidos nas caixas. Caixas pelas costas. Em equilíbrio instável caixas aos ombros. Castelos de caixas. Vivia-se em caixas. A enterrar numa caixa. A caixa do elevador. A borboleta sucedia à crisálida. Correlativamente a heurística da editora Dição emprestava ao glaciário uma cor cerúlea. Num momento de luminosidade um urso branco aproximou-se o suficiente para se tornar azulado.

XXXV. . . . a ver esta palavra?, estás? nem sempre se pronuncia da mesma maneira. esta palavra pronuncia-se assim numa região do sul, estás a ouvir?, estás?...

Mas numa região do norte já tem pronúncia diferente. num sítio com acento agudo noutra com acento circunflexo, estás a ouvir?, estás a descobrir esta noção?, na região do centro traduzida por aquela palavra, todavia já numa província do nordeste expressa por outra palavra, estás a descobrir?, embora a noção se mantivesse, estás a descobrir?...

a pomba branca não cambaleava com a patinha no ar imobilizada como se espreitasse, desde a sacada, escutando atentamente Lisbeth.

XXXVI. sem se apropriar daquele espaço desleixado, sujo. a habitação forrada com as páginas amarelas da lista telefónica. vivia com um patrício. os psiquiatras confinavam-no. oriundo de Moçambique país que se tornara para ele cada vez mais inalcançável. Benício pedia constantemente dinheiro emprestado incapaz de gerir a mensalidade auferida por doença. mas o Benelux era mais do que isso.

XXXVII. a carvão, mas também usando um frasco de mostarda, uma embalagem de concentrado de tomate, uma lata de tinta verde, Lisbeth ia encontrando a forma pictórica.

XXXVIII. para embrulhar em papel de fantasia: talvez amarela?, ou preferiria o grená?

fio de seda natural sobre fundo de linho caseiro. colchas de Castelo Branco. uma criação das bordadeiras dos solares beirões. Ghislaine tinha dito a quem lhe vendia, ser uma pobre emigrante.

XXXIX. estava sentado junto ao fontanário a ver um moliceiro?, era Benício?

XL. O muezim estava a olhar o Nilo Azul? E se o dissesse do cimo de uma mesquita? Ei-lo, pois, prestes a chamar a Núbia para a oração. O «mihrab» desfazia qualquer dúvida quanto à direção em que se devia rezar.

XLI. Lisbeth passara pelas cariátides que a tinham cumprimentado. agora postava-se diante do quadro em vias de ser terminado.

XLII. eis o resplendor de Noémia no que fora outrora o condado da Holanda tão imprescindível na formação do país independente. agora está ali a ver o Dique do Norte.

XLIII. Numa hagiografia submetida à apreciação da editora Dição via-se uma gravura de São Francisco Xavier a bordo intercedendo com êxito para os portugueses saírem vitoriosos após serem atacados em Malaca pelos navios de Achém, reino de Samatra, Indonésia.

XLIV. mesmo quando separados por longa distância havia um certo magnetismo entre Ghislaine e o namorado. como era o caso em que Bartolomeu estava a tomar sozinho um cacau em Kumasi, no Gana.

XLV. Lisbeth ia rumo à Guiné-Bissau onde deambularia no Mercado visto antecipadamente numa fotografia. viagem até à alacridade daquela alforria a crepitar. toda uma gama de matizes nos frutos, nos tecidos, no fôlego. uma das etapas era Cabo-Verde, porque lá havia uma particular eloquência na luz refratada pelas salinas.

XLVI. o quiproquó consoante se ouvisse a palavra na Holanda, ou na Guiné-Bissau, ou em Portugal. na Holanda era um Banco aonde se ia depositar, ou levantar dinheiro. em Portugal podia significar Bonito enquanto na Guiné-Bissau podia querer dizer Maldoso. também podia ser a forma singular da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo girar. Ghislaine ia recordando como Bartolomeu lhe ensinara os primeiros vislumbres da Língua Portuguesa.

XLVII. numa tarde de verão à beira-mar enquanto decorria uma transmissão televisiva do festival de Jazz de Newport, Rhode Island, Estados Unidos da América. veleiros na linha do horizonte. de mais perto podia ver-se a expressão de rostos descontraídos. contagiante um certo sentimento subjetivo de liberdade. Lisbeth conferiu na agenda a data em que viajaria para Aruba, essa ilha das Antilhas Holandesas.

XLVIII. artisticamente irisando o mosto como dizia Lisbeth. o devir num ângulo de visão que tanto podia ser em profundidade, ou obliquamente, ou transversalmente, ou desde uma plataforma situada num ponto alto a olhar para baixo, para aquele amontoado parecido com caixotes, ou desde o sopé de um arranha-céus a olhar lá para cima tentando alcançar a janela do centésimo andar situada diante de outra e a formar um estreito entre dois prédios encimados pelo céu.

XLIX. a esplanada em Amesterdão. o beco de sentido único, com sete metros de largura. clientes sentados sem outra vista que não fosse o muro de defronte. e Singapura não passava de uma pequena aldeia de pescadores, quando os portugueses tinham conquistado Malaca: «olha um guazil a navegar tal como nós pelo Golfo de Cambaia adentro...»-dizia-lhe a semiótica não verbal do empregado de serviço seguindo-se a risota alucinada de Benício que era uma espécie de bobo da corte.

O Manná

I. Se os mantimentos não se deteriorassem e não havendo um surto de escorbuto a bordo, se não fossem abalroados por piratas, a rota passaria pela Patagónia, pelo Chile, pelo Estreito de Magalhães, pelas ilhas Marianas até chegarem às Filipinas. Tal como se lia no diário de bordo.

II. Pareciam senadores da antiga Roma, embora estivessem no século XX, e, o lugar fosse Amesterdão. Era uma instituição destinada a pessoas do sexo masculino que não tivessem abrigo. Temporariamente podiam ficar ali. Entregava-se tudo o que se tinha à entrada, para ser guardado num cacifo. Vestiam todas túnica branca conforme exigia o regulamento. Obrigados a sair logo de manhã cedo podendo regressar apenas à noite. Ali era só para dormir. Não mais do que três noites. VOU CONTAR-TE TUDO prometia o naufrago de uma época. Perdera mulher, casa, emprego. Se mais tivera mais lhe tirariam. Porque carecia, alegadamente, de uma determinada proteína indispensável ao bom funcionamento do sistema nervoso. Tratava-se de uma questão biológica. Não fosse esse pormenor albuminoide as enxárcias do êxito seriam produzidas com genes similares aos dele. E se tivesse sido confundido com um dos membros de uma organização terrorista extremista por detrás da qual estavam militares portugueses descontentes com o modo como estava a evoluir a democracia pós-25 de abril? O tempo encarregar-se-ia de esculpir um desenlace político menos dramático do que se poderia esperar.

III. a fotografia publicada na Grande Enciclopédia Portuguesa-Brasileira: montes da Capadócia. Ghislaine passa o dedo pelo Mar Negro, pela cordilheira Tauro no sul da Turquia, pela Arménia, pela Ásia Menor. como se subisse agora uma íngreme encosta por onde a água torrencial vai descendo.

IV. A fonte é Garcia da Orta o médico que conheceu Camões na Índia. De acordo com este autor filho de hebreus, falecido em Goa no ano de 1568, o Manná vinha do Balochistão que corresponde hoje em parte ao Paquistão e em parte ao Irão, mas também era importado do Turquemenistão.

V. Remotamente as florestas de carvalhos na confluência dos rios Tigre e Eufrates «de que os árabes tiravam muito manná».

VI. penhascos pletóricos, escarpas calcinadas à espera de Noémia. havendo também comerciantes usbeques à espera de lhe vender um casaco de lã caraculo.

VII. o dacnis azul, essa ave da América do Sul, sobrevoava o canto sem letra do coro masculino da Mongólia, vozes de baixo no concerto captado pelo satélite, a fim de ser transmitido noutro continente. a essa hora Bartolomeu estava a visitar a Sala do Consistório onde se podia ver Aspetos de Lisboa, painel de azulejos na Igreja da Ordem Terceira, Salvador, Bahia, Brasil. à saída reparou num cafezeiro pensando que as bagas ainda teriam de ser descascadas, secadas antes de se tornarem num expresso servido ao balcão de qualquer pastelaria.

VIII. Lá ao longe numa duna do litoral latiam cães.

IX. Ghislaine fora à escola de ensino especial procurar o sujeito que dava aulas de cecografia, não era o amor cego?, mas este em vez de lhe dizer qualquer coisa de concreto sobre Bartolomeu contou-lhe uma parábola: a daquele mercador habituado a ir buscar carregamentos de lacre ao Pegu, a antiga capital da Birmânia. mal conquistara a ilha de Baharem mudara logo de nome passando a chamar-se António Correia Baharem. continuava a luta pelo comércio do cravo oriundo das Molucas, ou Malucas como os portugueses também lhes tinham chamado.

x. D. Afonso V apoderara-se de Tânger em 1471. O pintor Nuno Gonçalves que acompanhara o rei em campanha, tinha desenhado os acontecimentos nas tapeçarias de Pastrana.

XI. Raimundo ainda mantinha sequelas do acidente rodoviário sofrido, mas não desistia do sonho de ser rico, era nesse sentido que fazia planos para uma viagem misteriosa a Ladakh algures na Caxemira entre a China, o Paquistão e Índia. entretanto ia comendo compota de ruibarbo.

XII. Ghislaine pegava na foto de Bartolomeu. enfiara na cabeça um chapéu branco de verão com uma fita preta. tinha, pensava que tinha, embora estivesse sob o efeito de marijuana, vestido um colete cinzento abotoado a madre-pérola. o colarinho não ficara sem o vermelho do laço.

XIII. a consultoria da editora Dição lia que os príncipes russos tinham deixado de pagar o tributo à Horda de Ouro. na mesa ao lado, no mesmo café, à mesma hora,

havia quem tivesse acabado de beber a sua bebida espirituosa. um novelo emaranhado de estranhos a cruzarem-se, às vezes durante anos, sem nunca se conhecerem. Raimundo, era aparentemente Raimundo, olhou ainda distraidamente para aquela mulher embrenhada na leitura. depois saiu anonimamente à procura de um fim de tarde ameno.

XIV. Ghislaine olhara para a agulha imaginando ser capaz de cerzir, num lenço, a letra B de Bartolomeu.

XV. o doente mental desenraizado que era Benício não acalentava qualquer ilusão quanto a vir a sanar o rompimento ocorrido nas coordenadas geográficas da sua existência.

XVI. Desde o século XVIII que se fumava tabaco em Portugal, embora talvez não estes charutos de 20cms, estes charutos de 17cms, estes charutos genuínos de 14cms. Aqueles são de 12cms. Importa saber cortar-lhes a ponta. Atenção aos charutos falsificados, ao humidificador de charutos, ao aroma do charuto, à cor. Sabia a quê o charuto?, quanto tempo demorava a fumar esse? E o calibre do charuto? Uns de 49 outros de 47, mas tinha de se furar o charuto. Havia-os também de calibre 42, de 38, de 50. Charutos Premium, mas era importante saber acender o charuto. Havia charutos Super Premium, havia charuteiras de bolso, havia charutos vintage, para fumar antes do almoço, para fumar depois do jantar dando realce a relógios de parede, ou a relógios de pulso, ou a relógios de mesa, ou a relógios de torre, ou a relógios de bolso, ou a relógios que indicavam o ano, a estação, o mês, o dia da semana, ou dando realce a cronómetros da marinha, ou a relógios de pêndulo, ou a ampulhetas, ou a relógios de sol numa geometria encenada, a fim de que os minutos fossem sentidos na sua dimensão de tempo. E para quem o narrasse a esse Comissário

de âmbito internacional não seria despiciente traduzir à letra o idiomatismo holandês «de sigaar zijn» que significava ser-se vítima de.

XVII. pegou no guardanapo de linho enrolado e preso com um aro. estava atenta Noémia à elocução do mundo difundida pela estação de rádio que noticiava ter sido bloqueada a entrada no Mar Vermelho.

XVIII. no fundo do poço, era como se exprimia em holandês estar com a neura tal como Ghislaine se estava a sentir.

XIX. de repente um dromedário azul. trocas de bijuteria de vidro por âmbar cinzento. beber chá no Magrebe. beduínos. berberes. Bartolomeu concluiu que tinha sido traído pelo sipaio. numa associação de ideias viu-se longe dali no meio das couves, junto à nora, bebendo leite de cabra, ouvindo outros fonemas, outras intonações, outra diacronia.

xx. encontrava-se em Amesterdão. os ladrilhos daquele pavimento tinham sido desenhados com arabescos. Ghislaine atravessou-o em diagonal.

XXI. Os nativos não sabiam o que fazer com o ouro em pó. Trocavam-no por um quilo de sal.

Noutro azimute a aljama fizera-se sentir.

XXII. ...e a coelhinha de Barcelos?-perguntava Benfício.

-nua com babete.-era o que lhe respondiam.

XXIII. O manná era transportado em caravanas que atravessavam cidades do Afeganistão como Kandahar e Kabul passando por Baçorá no Iraque.

XXIV. quando Bartolomeu passou por Tegucigalpa já o centro mineiro de ouro e prata deixara de ser comercialmente interessante. as Honduras estavam viradas para a agropecuária.

XXV. carrinhos de areia -Lisbeth distinguira seis matizes de amarelo-, pás, alicates, baldes -Lisbeth diferenciara três matizes de preto-, cimento, penumbra, silhuetas, grelhas, moldes, fita métrica, giz -Lisbeth não vislumbrara nenhuns matizes no branco-, números, marcações, placas, plainas -Lisbeth discernira dois matizes de castanho- transporte, andaimes, luz plena, encaixar os painéis uns nos outros, fios numa espécie de imbricação, a junção, operários, rampas de acesso, emaranhado de ferros - Lisbeth assinalara sete matizes de vermelho-, brocas gigantes, o disjuntor, tubos empilhados -Lisbeth divisara cinco matizes de verde-, instalar as plataformas, nivelar, medir, correntes, suspender, cálculos, içar, ferragens, deslocções, alagadiço o terreno em construção, cabos, corrimão, capacete, apertos de mão, escadotes, blocos de cimento, fissuras, fato macaco -Lisbeth notara três matizes de azul-, pranchas, joeirar, cortar o betão, sorrisos, fotos, traves, enfaixar, guindastes... numa azáfama tectónica.

XXVI. numa rua de Amesterdão, parado com um copo na mão, Benício dizia que se ia juntar aos operários dos altos fornos siderúrgicos. passava-se isto numa noite de verão em que os aromas das pétalas brancas da murta talvez lhe dessem ouvidos.

XXVII. Vendo a brisa dançar com a folhagem das árvores um pardal empoleirava-se

num ramo tentando talvez decifrar-lhe o sussurro. Por detrás, mas mais alto, a luz crua do azul do céu. O sol brilha generosamente. No fato de banho de filme a cores, incógnito, parece uma silhueta pronta a ser desenhada tal como está estirando-se em cima deste tapete verde de relva salpicada de flores minúsculas. Mesmo ao lado o rio Tejo deixa-se pontear pelas velas brancas de meia dúzia de barcos de recreio. Reflexos prateados de esmeralda. Uma ou outra gaivota num voo liquescente. Em ruído de fundo o trânsito não é suficiente para abafar o chilreio daquele passarinho. Um petroleiro vem descendo rumo à foz. Inundado pela luminosidade Lisboaeta um barco a remos vai em sentido contrário. Parece o treino de desportistas. Uma melodia esbatida em tecnicolor prossegue. A palraria exuberante de crianças que passam de bicicleta. Cumpre-se a tarde no eco do riso límpido duma rapariga: é o namorado a brincar com ela molhando-a com o esguicho do chafariz. Uma avioneta sulca os ares. O olor a maré que está a baixar.

XXVIII. para diante da vitrina de um talho a olhar para uma carcaça pendurada num gancho. desembrulha a carcaça comprada antes na padaria. ávido de migalhas um pombo acerca-se de Benício.

XXIX. Numa noite onisciente, estrelas cadentes rasgam o céu em traços finos de cor azulada. As sebes dos quintais Lisboaetas só se adivinham, porque não se deixam ver. A fragrância de hortelã, numa lufada, entra pela janela.

XXX. No começo do outono a folhagem das árvores atinge colorações de vermelho, de castanho, de verde, de amarelo. Tudo se esconde em tudo: desenhos cubistas de poliedros irregulares bem como formas góticas de abóbada a recortarem-se contra um céu silvestre quase azulado meio esbranquiçado, ou aves canoras adestrando-se ao emprestarem o timbre longínquo, ou de proximidade, ao reflexo do edifício-

-restaurante no mini-lago. Desta natureza semicampestre desprende-se uma certa calma. Ainda há casas no centro da cidade aonde se chama com uma aldraba. Não longe da trepidação do trânsito pode ser que haja musgo a trepar surdamente por uma árvore acima. Foi nesta cidade de grilos e cigarras que nasceram o Padre António Vieira e Fernando Pessoa.

XXXI. Neste enquadramento é que tinha de se aferir o dia: o que restava dessa tagarelice? A locutora entrevistava o político que comunicava de modo confuso a sua mensagem. Não chegava a um minuto o que se podia aproveitar. Mesmo assim ficava-se na expectativa do milagre imprevisto. Se as coisas corressem de feição a editora Dição agarraria uma poalha de estrelas em dez segundos de esplendor.

XXXII.

Topónimos: nigeriano, ou nigerense?, serra-leonino, ou serra-leonês?, surinamense, ou surinamês?, japonês, ou nipónico? Qual estaria emocionalmente mais perto de quem o escrevia? Como se escolhia por exemplo entre «chávena» e «xícara»?

A etimologia não era a mesma. Tampouco a subjetividade dos falantes da escolha de cada um mesmo sem saberem que era a proveniência chinesa e malaia, ou asteca a determinar a sonoridade dos vocábulos.

XXXIII. à hora matinal em que o Tejo está prateado. chama-se Ancoradouro essa pastelaria à beira-rio. entra-se e nota-se o aroma a canela. foi onde Benício marcou encontro com Lisbeth. logo as nuvens hão-de ficar rubras, enlanguescidas, retocadas a baunilha.

XXXIV. o manná de Ghislaine conferia-lhe um certo presbitismo, ou talvez fosse miopia. daí não se ter dado conta de que entrara o mago envolto na capa trazendo os mapas, a fim de levá-la a salvo para lá dos recifes, dos ciclones, para atingirem a tão almejada feitoria em Arguim, ou alcançarem a Costa da Mina posteriormente chamada Costa do Ouro presentemente Gana onde não haveria burocracia em detrimento das pessoas para ela se poder tornar finalmente a princesinha cujos cabelos seriam alisados sem fim pelo pente de marfim.

XXXV. no écran televisivo surgiam, na comitiva de uma embaixada, coches dourados por fora. tecidos bordados por dentro. este vai forrado a veludo roxo. aquele preferiu antes um interior a brocado vermelho. noutro há o tejadilho em veludo azul. sem faltar quem tivesse querido representar a cena mitológica na madeira entalhada. o licorne emblemático. o brasão em prata maciça. a moda seguida pelos altos dignitários de então. conchas, grinaldas, acantos. motivos decorativos vegetalistas. séquito perene. Benício bocejou. muda de canal. eis uma elefanta com um lacinho cor de rosa dando uns passinhos em cima de uma bola.

XXXVI. Lisbeth escrevia para Amesterdão a uma colega referindo-se aos túmulos de amor indescritível entre D. Pedro I e D. Inês de Castro de que tomara conhecimento ao visitar o Mosteiro de Alcobaça.

XXXVII. ir trabalhar num matadouro a céu aberto era o que pretendia Benício.

XXXVIII. Ao longe os contornos esbatiam-se como que mergulhados num halo azul. Acolá os meandros fluviais. As montanhas em fundo. **Uma região amena cuja flora selvagem parecia estar em vias de extinção.**

XXXIX. No Vale de Lisboa. À hora do crepúsculo. O sol dá na encosta do Castelo de S. Jorge. Ao fundo: um pedaço azul escuro do rio Tejo. Uma hora mais tarde ao lusco-fusco: estava virado para o lado oposto. Havia uma série de outeiros como que desenhados a tinta da china. A luz fugira toda para cima. De onde dimanava uma cor celeste despejadamente suave, nítida.

XL. no século XVII a ingerência holandesa nos assuntos vietnamitas não tinha sido menor do que a portuguesa. já a conversa travada na pastelaria Ancoradouro entre Lisbeth e Benício mantinha-se em castos liames.

XLI. Numa Biblioteca de Lisboa um investigador anónimo mergulhava nas profundezas do tempo para constatar serem as sandálias o único calçado de que dispunham não sendo isso impedimento para Estêvão Cacula e João Cabral atravessarem, em 1626, os Himalaias.

XLII. o ladrão trazia uma meia de nylon enfiada na cabeça. sem perder o sentido de humor a assaltada ainda disse: «chamemos a polícia».

Noémia suspeitara sempre de Raimundo.

XLIII. entre guinadas e ventos já desejosa de bonança? esmiuçara os mapas, a fim de traçar a rota do manná? experimentara instrumentos, calculara as correntes? a qualquer momento Ghislaine não deixaria de avistar a nau do companheiro ancorada numa enseada.

XLIV. quando chegou a Amesterdão sem saber a língua holandesa Bartolomeu reparou que todas as agências de viagem se chamavam Reis, todas tinham uma

tabuleta a dizer Reis. julgou, erradamente, que ali, naquele país, a família Reis tinha o monopólio das agências de viagem. mais tarde aprendeu que Reis não era apelido, era um substantivo holandês que significava viagem. tinha grandes expectativas quanto a encontrar lá uma família portuguesa rica e poderosa. todavia a realidade revelara-se no sentido oposto. ia ter de reaprender a ler o mundo não à imagem do que deixara para trás, mas à medida da invenção futura. era preciso passar para lá de limitações descoradas para atingir a região do sonho brilhante. via-se já a decifrar os vestígios deixados pelo aramaico. e refazia a cartografia, a fim de descobrir o paradeiro do Grande Khan. no rasto de uma ficção síria, ou arménia. à procura do azul-turquesa para encontrar o azul-ferrete? o seu projeto do portulano. era necessário contactar o insigne cosmógrafo. navegar dia e noite! manejar a piroga pelas águas do Rio do Ouro. lobrigar, na margem, gente que andaria aos saltos. e perguntar-lhes em que direção ficava a Arábia Feliz. assim Bartolomeu se ia esquecendo de quem era e onde é que realmente estava.

XLV. Tinha sido submetido à consultoria da editora Dição um manuscrito:-O Levante atraía-os. Havia aventureiros a comprarem o mapa que localizaria as minas de ouro, ou de diamantes. Um deles vestia túnica, usava turbante, trazia uma cimitarra a tiracolo. Viam-se hábitos de bonzos, até não faltava a indumentária de Lamas. Havia quem se perdesse no meio da multidão. Num pequeno grupo junto ao Cais dos Pilares estavam os informadores de Yongzheng o imperador da China a quem recentemente D. João V enviara um embaixada. Não longe dali mediam a altura do sol. Um mercador acabava de vender um ginete árabe. Um turbilhão. Lisboa fervilhava. Incumbidos de levar uma carta ao palácio do Quirinal os emissários de Sua Alteza Real estavam a ponto de embarcar. Enquanto não o faziam iam falando de eclipses, de conjunções.

XLVI. olha à volta de si. este espaço portuense data dos anos vinte. decoração Arte

Nova. bancos aveludados. madeiras envernizadas. espelhos de cristal flamengo. candeeiros em metal trabalhado. fachada em mármore. o empregado do Majestic Café pergunta a Raimundo, se não quer ver o jardim de inverno nas traseiras.

XLVII. ir trabalhar para as pedreiras vulcânicas era, parecia ser o objetivo de Benício.

XLVIII. havia que dirimir os conflitos na boca dela. Raimundo achava a boca dela uma flor ora vicejando ora murchando. de qualquer das formas o que luzia na cara dela era a boca. boca mimada. boquinha amuada. os álamos apelativos tão ofuscados por esse enfeite que era a boca dela... álamos não ansiando mais nada do que rimar com a boca de Noémia.

XLIX. Ainda um excerto do manuscrito enviado à editora Dição: -À noite os tripulantes já não precisam de tantos agasalhos. Registrando o aparecimento de aves nunca vistas, para as quais ainda não havia nome. Não tinham tantos eclipses de lua como seria de desejar, já que se serviam deles para os cálculos de orientação. Em alternativa, quando não está encoberto, recorriam a relógios de sol. O mais importante era **o rumo**. Para o que contribuíam os compassos, as ampulhetas, os astrolábios. Estavam nos Trópicos? **Velejar** com, ou sem ventos alísios. Apontando a proa no sentido desejado? Estaria a convicção deles quanto às coordenadas certa? Ontem tiveram de remendar o traquete...

L. sob o efeito do manná Ghislaine imaginava Bartolomeu vindo pelo Suez navegando no Mar Vermelho. indo de Adem até Porto Sudão. a vela adequada para tirar maior partido do galerno seria a moneta. aliás, houvera quem opinasse que fora esse vento de noroeste a trazer gaivotas. alguns marinheiros tinham visto um peixe a

que chamam Pit-Pit.

LI. o rio Nabão ao passar por Tomar. Lisbeth alude à flora e fauna contadas em pedra tendo em mente o Convento de Cristo. ei-la na cidade que foi dos Templários escrevendo o postal que enviará para Amesterdão. as glicínias estavam em flor.

LII. Benício achava que o mundo melhoraria, se fosse trabalhar para a Central hidroelétrica no rio Paraná, América do Sul.

LIII. Do manuscrito endereçado à editora Dição:-Ao Largo onde seriam assinaladas as maitacas, aves nunca antes vistas; ao Largo onde um marinheiro de camisa mourisca aponta a Constelação do Cruzeiro do Sul...

LIV. -aí a tens, se nunca a tinhas visto-dizia Benício a Raimundo indicando-lhe uma mulher de jaqué, linda, diante da bilheteira do Museu Van Gogh.

...» pimponice de Lisbeth esbatendo-se na longínqua reminiscência de quem?

LV. Benício perdera a mala de mão preta onde guardava documentação diversa e pessoal. desviada do trajeto por onde supostamente deveria seguir, encontrava-se à sua disposição, apesar de tudo, num local onde ele nunca tinha estado. para lá chegar atravessava agora um desfiladeiro. cautelosamente avançava por uma ponte tosca, uma ponte estreita feita de ripas e cordas. não cabia mais ninguém ao lado dele. a paisagem era montanhosa. os passos iam abanando a estrutura que franqueava o precipício. depois deparou-se com a arquitetura surpreendente, não vista, presidindo às instalações da organização. aguardavam-no quatro mulheres que teriam entre vinte e cinco a trinta e cinco anos. tinha a sensação de já as ter encontrado antes, mas não

se lembrava onde. uma delas, em particular, destacava-se pela esbeltez. trazia uma fita no cabelo. foi a que se acercou permanecendo durante o resto do tempo bem junto dele. o colorido do vestuário emprestava uma nota alegre à receção prestada.

a que ombreava com ele segredou-lhe, a certa altura, qualquer coisa numa língua misteriosa completamente desconhecida dele. no entanto entendeu, de modo mais ou menos semiótico que ia poder recuperar os seus pertences. a luz aturdiu.

LVI. ...O leque cromático . . . ao longe. O vento acaricia os rochedos.

Bebia-se a luminosidade marítima .naqueles semítonos do harmónio.

...Com o esquadro atingia uma certa linha de pensamento. Ergueu o olhar extravasando o livro.

LVII. Ainda um fragmento do manuscrito enviado à editora Dição: -A urzela rendia. Concomitantemente também se dedicavam à pesca do coral.

LVIII. os vagões na mina entrechocando-se. Benício já se via a trabalhar lá.

LIX. O manuscrito de Folha de Palma tinha realmente existido? As condições de preservação requeridas quanto à humidade, temperatura, luminosidade. Lá estava o algodão manufaturável. Se se traduzisse Florim para holandês obtinha-se uma palavra homófona de guilda que em português era uma associação corporativa medieval, na Flandres, quando o fabrico em série ainda não competia com as fiandeiras, com os tecelões, com o tear, com a roca.

Havia uma personagem coletiva nos meandros da leitura, quando os portugueses tinham tido o monopólio do comércio no Coromandel, quando, sem o saberem tinham sido pioneiros daquela globalização, os Zulos a serem expulsos do seu

território pelos Boers holandeses até os ingleses os substituírem na Cidade do Cabo. Houvera disputas coloniais no Botsuana entre Portugal, Holanda, Reino-Unido. Pondichery fora outrora a sede da Companhia Francesa das Índias Orientais. OUTRORA, quando os imãs de Omã, os portugueses e suailis andavam em negociações... Ruínas belas de uma casa vendo-se o mar através do espaço onde houvera antes uma **portada**.

LX. A paleografia dizia que Portugal precisara de firmar alianças internacionais: primeiro com o Papado depois em 1372 com a Inglaterra, e em 1641, por ocasião da Restauração, com a Holanda e com a França. Contra a Inglaterra a Espanha enviara a Armada Invencível, mas os marinheiros espanhóis não viam os bivalves vermiformes que perfuravam e digeriam a madeira do casco. Travava-se uma guerra invisível contra o monarca espanhol Filipe II. Os navios iam ao fundo. Numa amplidão requerida pela poeira cósmica. Pairava no ar um aroma de sassafrás a condizer com o hindustâni uma dessas línguas faladas no Indostão. Um escalracho artisticamente quotidiano. Em cursivo a palavra xilofone fazendo recordar o som do instrumento xilofone. A paleta era um pouco isso, era como uma praia límpida, era como uma matriz evanescente, era como as cordas fabricadas com a fibra extraída do sisal servindo para atar os embrulhos expedidos para a Via Láctea, era como a tarantela da tarântula, era como os quasares na imensidão dos céus, toda a amplidão requerida por um desígnio vasto. A perder de vista a fortaleza portuguesa de Arguim, na Mauritânia; também a arquitetura remanescente de Safi em Marrocos atestava a passagem dos portugueses.

LXI. a indubitável esquizofrenia de Benício julgando que só faltava ele na lista dos trabalhadores a contratar pelos estaleiros do porto de Roterdão. e ripostava a quem se metia com ele não ser o Conde de Trava, nunca se ter travado de razões com D. Afonso Henriques antes pelo contrário.

LXII. A Holanda permanecia uma cultura, uma memória, uma língua. Eis os primeiros planos, as deflexões imprimidas pelo operador de câmara à ação em curso. De que maneira a Holanda chegara a fazer parte do reino de Espanha? Filho do imperador Maximiliano da Áustria e de Maria de Borgonha de quem herdara os Países-Baixos eis Filipe I, o Formoso, soberano holandês desde 1482 e rei de Castela desde 1504. Ao ralenti, de pé tendo à sua volta a roda do mundo que os pés de bailarino impeliam a girar sem parar.

LXIII. Era o artista holandês Rembrandt cujos tons iam da sombra à luz para retratar o século XVII.

LXIV. ...Outra espécie de Manná provinha do Irão, da Síria, da Arménia e chegava a Goa via Ormuz...

LXV. o esquadrinhador Bartolomeu vira uma baleia cerca da península Valdés, na imensidão do mar verde argentino.

LXVI. bastava ouvir o balido da cabra para o lobo saber não estar longe da presa. a voz de Noémia tornava-se mais aguda quando experienciava o medo.

LXVII. Ainda um extrato do manuscrito pendente na editora Dição: -Durante demasiado tempo os inquisidores tinham-se aviltado eles próprios ao aviltarem as vítimas. Fernando Alvarez de Toledo, duque de Alba, Governador dos Países-Baixos, notabilizara-se pela sua crueldade acabando os seus dias como Governador de Portugal em 1582. Só a Constituição de 1820, com o decreto de 31 de março de 1821, viera pôr cobro ao tribunal eclesiástico da Inquisição.

À parte isso havia as forças naturais eclodindo de modo catastrófico, era o caso do terramoto de Marráqueche, ocorrido na primeira metade de setembro de 2023.

Noutro registo havia as efabulações Muçulmanas nas quais os Jesuítas tinham acreditado. Não tinham sabido logo que Catai era o mesmo que China.

Esgotados perceberam não ter havido nenhum fundamento científico para aquilo: meros boatos. Fora preciso irem ao Turquestão, ao Usbequistão, ao Afeganistão para finalmente compreenderem que nunca atingiriam esse domínio cristão próspero em conventos, onde Deus abençoara prodigamente todos os habitantes. desse reino de Preste João tão procurado pela credulidade de católicos em 1602.

Fora, com efeito, fantástica a hermenêutica daqueles exploradores portugueses. Como não tinha sido porcelânico o voo do pisco-de-peito-ruivo no céu da Mongólia. ...Em nome de D. João III, rei de Portugal, tinham sido pioneiros no século XVI e XVII, tinham sido os primeiros europeus a chegar ao Japão, tinham sido precursores na África do Sul, em Ceilão, na Índia, em Malaca, nas Molucas.

...Acolá havia um perfume de manjerico, acolá havia um gladiolo cujas pétalas eram da cor do trigo pela manhã tornando-se azuis à tarde.

... O céu de antologia: em cor de laranja, em amarelo, em vermelho, em lilás...Uma tela.

...O vento não lhes contrariava o propósito de rumarem para casa: finalmente tinham os ventos alísios a favor. Mas antes ainda tinham de fazer escala em Tunes.

... Já na véspera tinham assistido a uma Tromba-de-Água. Tinham agora uma noite escura e com chuva. Sentia-se a eletricidade no ar. Durante mais de meia hora viram atónitos o mastro do navio inexplicavelmente iluminado. Seriam posteriormente elucidados quanto ao fenómeno: tinham presenciado o Fogo de Santelmo. Sob um céu alto pontuado por alguns cirros, prosseguiu o caminho retemperado pela bonança. Em terra viram inscrito numa estela o desenho de uma alforreca.

...Que já tinham deixado de existir os khanatos de Astracã, de Kazan, da Crimeia? Que o khanato era a jurisdição do Khan? Que a Horda de Ouro era como os russos tinham chamado ao khanato situado na parte mais ocidental do império Mongol? Que fora um neto de Gengiscão a fundá-lo? Que Cavaleiro do Tosão de Ouro não deixava de ser um título sonante? Já os portugueses na Costa da Malagueta, os portugueses em Malaca, os portugueses e a pimenta de Samatra, os portugueses e o sândalo de Timor, os portugueses e o cravo das Molucas, os portugueses e a canela de Ceilão, os portugueses e a noz-moscada das ilhas de Banda, **essas especiarias**. Aquelas peugadas portuguesas, essa retórica portuguesa cadenciada. **Aquela concorrência fe-
roz à escala mundial.**

...No Oceano Glacial Ártico o narval de seis metros cortejava dando curvas exibicionistas, a fim de acasalar.

...De estarrecer que o zigurate tivesse ficado transformado em magma.

...Caixotes cheios. Transportes rodoviários internacionais. Docas. Petroleiros. Pela linha férrea seguiam carruagens de carga. Hangares. Embalagens suscetíveis de conterem uma descodificação do título de soberania análogo ao de sultão existente entre os Mongóis, isto é, cã, um sinónimo de palavras como khanato, ou cão.

...Um apelido gritado. Era como um apelo. Qual convocatória. Estrépito. Em jogo o território. Tocava a reunir. Iminente o confronto bélico. O siroco estava conotado com certas paragens geográficas. Na Holanda bebiam essa aguardente aromatizada com bagas de zimbro, a denominada Genebra. A fragrância da madeira dos cedros na serra do Buçaco, Portugal. Ora se afastava ora se aproximava em passadas vigorosas como se fosse um nómada que buscasse intrepidamente a sua textura de efabulação.

LXVIII. que os chilenos chamavam Páscoa à quadra natalícia? desatava a rir num estilo peculiarmente nervoso, sacudido. fosse da matemática euclidiana, fosse do Papa a reabilitar Galileu em 1992, Benício ria de maneira a denunciar o seu descontrolo emocional.

LXIX. embutidos de marfim? teca? quadrados cromáticos? o vinhático entalhado? um colar de couves-de-Bruxelas? o arcaz? a papelreira? a cómoda de jacarandá e pau roxo? tanto fazia, já que o único sucedâneo de Noémia parecia ser tomar o manná.

LXX. a espiral tragando tudo o que era rude? o vórtice de Raimundo. Eh-eh-eh-eh-eh-Ahó ò-ò ò-ò...yyyyy...

LXXI. seriam os arquétipos? seria a psicologia coletiva a aflorar num momento de tédio? conjecturava ir até à antiga capital da Costa do Ouro. de Accra seguiria para o lago Malawi. tinha seguido? Ghislaine não saíra de casa em Amesterdão, o subconsciente dela é que sonhara com as deambulações de Bartolomeu por terras insondáveis.

LXXII. desde um âmagô longínquo ecoava aquela frase-matriz na cabeça de Benício: não deixarás de ser o ator da tua própria existência até aos confins dos tempos. e não havendo ninguém que te convoque, convoca-te a ti mesmo não renunciando a compareceres.

LXXIII. ambiente delineado por linhas geométricas. a bola de marfim corria ao longo do pano verde. um dos jogadores ia esfregando com giz a parte mais delgada do taco. acolá vê-se um cigarro não apagado deixado em cima da tabela. a bola branca marcada com pinta negra começara a rolar. este é um café onde se respira lisura. quando aqui vem Raimundo gosta de se sentir mundano jogando o bilhar. ei-lo a fazer uma carambola.

LXXIV. O autor pretendia uma resposta e insistia telefonicamente junto da editora,

mas esta preferia não se precipitar. Subsequentemente a consultoria da editora Dição começou a ler uma passagem:-Mercadores de lambéis rumavam nos barinéis para outras paragens deixando para trás a cartografia do Rio Lima. Um marinheiro não tinha mão no rolar incessante dos barris no convés. A fajã não ficava no itinerário programado. Tinha a certeza de que na sua campá haveria uma pedra-de-ançã. Um dos tripulantes navegara antes no rio Lis, mas a Costa do Natal era a África guardada pelo Adamastor, era a África do Sul, Durban onde Fernando Pessoa vivera, a África dos Coptas, da Abissínia, do negus, do rio Zambeze, das cataratas Vitória. Estariam suficientemente abastecidos de água doce para dobrarem o Cabo da Boa Esperança? Tripoli esperava-os, Tiro também. O naire ouvira falar de Trebizonda na Turquia. Não era lá onde estavam à venda as musselinas de Mossul?, onde os frutos do damasqueiro, onde o alumen, onde os vendedores provenientes da Crimeia discutindo com compradores oriundos das margens do Mar d'Azov, onde, enfim!, pululava toda uma amálgama de feirantes?, onde havia uma confluência de Tártaros e de tribos nómadas a regatearem nos bazares o preço das mercadorias trazidas de Bagdade?, a regatearem o preço dos brocados de oiro, a regatearem o preço circassiano do aloés?, da púrpura, do damasco, de zambucos? Toda uma miscigenação.

... O súbdito mandara traduzir o que tinha sido escrito em parse. Por onde passavam, os emissários de Sua Alteza, deixavam um rasto de grandeza. Testemunho disso era a vassalagem a Portugal daquele rei de paragens remotas. Dentro do cofre de prata seguia a carta. Letras gravadas a buril numa folha de ouro. Pontos a azul.

...Os nestorianos teriam convertido ao cristianismo o rei-sacerdote Preste João assinalado por Marco Polo como vivendo algures na Tartária. Encarcerado em Génova o viajante veneziano recebe a visita de uma admiradora. Ouve-a contar que o irmão fizera a travessia do deserto, e, após uma tempestade de areia, chegara a comer besouros e gafanhotos para sobreviver. Estava a ver aquele guarda-sol de veludo? Fora uma prenda do Doge. Ela prometia interceder por ele.

LXXV. aqueles Mongóis iam no encalço de Tártaros desejosos de saírem da Mongólia numa caravana de mil camelos em demanda das regiões do sul da Rússia.

ao mudar de canal televisivo Lisbeth tentava fugir ao tédio.

Cravo-da-Índia

I. O visitante casual vê a lã finíssima da camisola de vicunha à venda em Amsterdão. Para a estação fria, noutra montra, eis uma preciosa pele de marta. Para pôr à volta do pescoço no inverno, o reclame sugere uma pele de zibelina. Os ambientalistas protestam por um leão-marinho estar a vomitar algues numa costa da América do Sul, protestam por haver animais doentes por engolirem lixo civilizacional. A indústria de perfumes precisa do âmbar-cinzento suscetível de se encontrar nas entranhas dos cachalotes encalhados numa praia qualquer. Os interesses entrecrocavam-se. Por mais que o casuar corra, a paisagem dos Galápagos continua a atrair turistas cujo troféu pode ser a fotografia de uma iguana alcandorada numa rocha de lava costeira.

II. Marfim lavrado. Dentes de elefante. Manilhas de prata. Crucifixos em bronze. Olifantes afro-portugueses. Fabricados no Benim os saleiros com iconografia portuguesa. Feita na Serra Leoa a píxide afro-portuguesa. O varano caçado no Nilo estava embalsamado. Era a coleção de sonhos que o dinheiro tinha podido comprar.

III. Numa vociferação sufocada em tubos de ensaio, permaneciam latentes atrás do vidro arreganhando monstruosamente os dentes. Era o preâmbulo de uma descoberta científica importante.

IV. O último imperador inca do Peru, Atahualpa, mandado matar pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro. O colonialismo implicara isso.

v. A Luisiana seria vendida por Napoleão I, de França, em 1803, ao Presidente dos Estados Unidos Thomas Jefferson que fora o autor principal da DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA AMERICANA proclamada no dia 4 de julho de 1776. Tornar-se-ia no décimo oitavo Estado.

VI. Do manuscrito cujo destinatário era a editora Dição:-Servia não só como condimento, mas também como perfume: o cravo-da-índia só se cultivava nas Molucas, arquipélago entre as Celebes e a Nova Guiné, quando os portugueses as descobriram em 1511 e construíram pouco depois, em 1552, a fortaleza-feitoria de Ternate. O comércio dessa especiaria tornar-se-ia altamente lucrativo.

VII. certo dia, a hereditariedade juntamente com o local onde se encontrava fizeram com que a doença se manifestasse de modo inesperado. fora num restaurante Indonésio, quando estava em curso o diferendo Jacarta/Lisboa. na altura de encomendar começou a sacudir a ementa dizendo- toureava-me bem por isso merecia pelo menos uma orelha. tenho de cortar a orelha para oferecê-la à putinha respeitável. pode emprestar-me uma navalha? o empregado encarou-o perplexo. ah!, é Deus a deter a minha mão; Deus segreda-me que não é chegado o momento. Benício fora acometido por um ataque esquizofrénico. chamaram uma ambulância. os enfermeiros olhavam agora para ele que continuava a zumbir. levaram-no dali, a fim de ser internado urgentemente. o paciente ia intercalando gritos de socorro. depois abria os braços e inclinava o corpo passando a crocitar como se estivesse a imitar um corvo a voar. por fim começou a dizer que ia combater em Timor-Leste por uma causa justa. dias depois os boatos sobre o assunto tinham alastrado em várias versões. ora lhe atribuíam ganidos, ora grunhidos, ora rugidos, ora o punham a coaxar, a bramir, ora tinha sido ele aos guinchos, ora tinham sido ouvidos grasnidos...

VIII. Na editora Dição um excerto de manuscrito referia-se a Banguê, sinónimo de bango cujo significado era haxixe. Ainda de acordo com o autor «bang» fazia parte de uma expressão holandesa, «bang zijn voor» cujo significado era: ter medo de. Depois leram:-...Sem uma fresta por onde respirar assanhava-se, embora não tivesse havido placenta e fosse um mero ente de laboratório.

IX. As formas gráficas que as letras assumiam no códice datado do século XIII: requeriam uma descodificação. Liam levando em linha de conta o que encontraram numa gramática antiga onde a palavra Fim era, no século XVI, do género feminino. Isto passava-se na editora Dição onde **a atitude não era de derrelicção para com os autores em vias de avaliação.**

X. numa estação radiofónica um jornalista perguntava ao compositor Xenakis o que tinha influenciado mais a sua música, se ter sido assistente de Le Corbusier, ou a lógica matemática. simultaneamente Lisbeth ia desenhando.

XI. E havia o manuscrito sobre o qual a editora Dição se debruçava: -Tentavam com denodo persuadir o Tibetano de que ele era quem eles pensavam que era. Queriam oferecer-lhe uma lamparina, devolvê-lo a um culto ancestral. Bem sabiam que os rituais se tinham, entretanto, perdido. Desejavam apenas que o interlocutor os recuperasse. Mera questão de direitos, afirmavam. O anfitrião ignorava do que estavam a falar. Olhava atónito a postura orgulhosa daquela espécie de jogues. Pretendiam o quê aqueles homens ignotos chegados do fim do mundo? Queriam Cristãos. Sulcando o céu daquelas paragens lá ia o rouxinol-azul.

XII. no Hospital era como se Benício tivesse finalmente caído em si, embora a

pulsação se mantivesse acelerada. já não sabia o que tinha acabado de vivenciar. e embasbacava-se com o que via à sua volta.

XIII. Enquanto a mascote, um gato, ronronava, a consultora da editora Dição, zelosa, pega num manuscrito: -O habitat fora violado: celerados tinham irrompido inesperadamente lançando granadas de mão sobre um dos expoentes máximos da lavra arquitetónica cisterciense. Encolhida a um canto uma criança está a chorar. A polícia acabara por evacuar o local e prender os criminosos. A imprensa sensacionalista atribuía o sucedido à al-Qaida. Especulavam, já que ainda não havia provas de nada. Ficou ali a sacola de pano abandonada no chão, semiaberta, deixando ver dois lápis de cor e um caderno. Bordada amorosamente com um nome. Pertencia à menina que fora com a turma visitar o Mosteiro de Alcobaça.

XIV. Noémia estava a contar como fora ter estado nas ruínas do Palácio Fortaleza, em Goa. numa anuência muda Benício escutava-a.

XV. na ausência do namorado Ghislaine evocava-o no modo como ele lhe descrevera a baía da Guanabara a tremeluzir, ou a cidade da Mina atualmente no Gana, ou a praia no Gabão. Ghislaine ia também recordando a ereção de Bartolomeu que o fármaco, aprovado por um instituto oficial do medicamento, fizera durar trinta e seis horas.

XVI. Entretanto na editora Dição interrogam-se sobre um fragmento de um manuscrito recebido: -Pelo cavername do navio ancorado no porto de Antuérpia parece ser um navio-escola.

Que a moeta do autor ainda devia esperar por vento propício?

...à luz de génese incidindo na montanha retalhada onde o azul adumbrado ia sucedendo ao azul esverdeado, onde nuvens de cor diáfana, onde desenhos caldeados em brancos leitosos nas águas do lago... No século em que se alcançava a grandeza do assunto descobrindo flores ainda sem nome, peixes nunca vistos, regiões que ainda não figuravam nos mapas existentes...

XVII. Lisbeth detinha-se na igreja protestante de São Bavo onde estava sepultado Franz Hals que nascera em Antuérpia, mas tivera de fugir à ocupação espanhola. prea da pintura ocidental em quadros precursores do impressionismo. e tinha visto a luz coada pelos vitrais na imponente catedral gótica da sua cidade natalícia. acabando os dias ali em Haarlem em 1585.

Os Quilates da Margarita

I. À luz rosa de um medronheiro no matagal imaginário, Benício ia planeando uma revisitação a raízes fantasiosas.

não deixaria de passar pela serra da Gardunha onde procuraria casas de xisto. onde surpreenderia em flagrante uma menina ali nascida a tirar água da nora. programada também a visita a um afluente do Tejo, o rio Zêzere onde outrora se fazia a travessia por meio de barcas. num cenário onde não faltasse o cortiço, o pasto, e ovelhas rodeadas por essas flores amarelo-douradas, as papoilas das praias. na Beira-Baixa indagaria, se ainda deixavam à porta de casa as vassouras feitas de rama de giesta. faria questão de ver as portas com postigo, se ainda existissem. respirando o aroma púrpura do rosmaninho a excursão continuaria até ao Castelo de Porto de Mós onde D. Fuas Roupinho tinha sido alcaide. seguidamente iria ao ponto mais ocidental da Europa, ao farol do cabo da Roca. depois rumaria para a enorme lagoa denominada Pateira de Fermentelos, em Águeda. finalmente havia de visitar o Museu Guggenheim, em Bilbao.

II. Era içada enrolada, mas quando chegava ao cimo do mastro o marinheiro, com um puxão, desatava o nó de catau desfraldando a bandeira imediatamente. Entrara numa pequena embarcação de vela usada no rio Tejo na pesca de arrasto, a chamada muleta. Às vezes vinha até ali ler um manuscrito. Amarrava o veleiro com o nó de aboço. Costumava encontrar o silêncio que lhe aprazia, mas naquela manhã, algures na vizinhança, um realejo tocava. De qualquer das formas começou a ler:-Um Estado insular do Golfo Pérsico formado por trinta e três ilhas agrupadas em dois arquipélagos sendo Bahrein a ilha principal. Havia ostras piscatórias, quer dizer,

pescadores de pérolas. Fora ocupada pelos portugueses entre 1521 e 1602. Também na terceira maior ilha do mundo, também na que era a maior ilha da Insulíndia, havia pérolas em grande quantidade. Portugal mantivera aí uma feitoria entre 1526 e 1604. Esta ilha, o Bornéu, fora partilhada entre o Brunei, a Indonésia e a Malásia... A consultoria da editora Dição faz uma pausa. Atenta num ornamento que é um pequeno exemplo de cerâmica berbere.

III. num café de Amesterdão Benício vai lendo no jornal as ofertas de emprego. ao lado dele há quem comente: -o que te falta é o quadrante, a fim de manteres o rumo desejado.

IV. postada numa rua de Amesterdão à espera. de Quê? até perceber que a solução não era achar um sucedâneo. afinal estava à espera de se tornar ela própria no instrumento. teria de ser ela a encontrar-se na Via-Láctea. Lisbeth ia observando as cores a passarem por ela: a cor que fazia doer, a cor que encorajava, a cor que debilitava, a cor que inspirava força, a cor que incutia medo, a cor que desinibia. cientificamente já tinham sido catalogados os matizes das cores, mas Lisbeth não tinha isso presente, não podia quantificar exatamente naquela altura. sabia intuitivamente que as cores influenciavam o estado de espírito das pessoas tal como os artistas podiam criar cores. de repente **a gana** de ir experimentar as tintas na paleta.

V. eis como fora suscitado coloquialmente o equívoco. em conversa amena, Benício opinara, a propósito de um certo exoterismo. bastara isso para se constar que ele era um homem de ideias esotéricas.

VI. Amesterdão: polainas, alamares de ouro numa casaca de gorgorão azul agaloando

o mais inverosímil dos dias de Noémia. rodeada por aquela agitação em crescendo tudo tendia a tornar-se cada vez mais fútil: **com alento** , ou não, já tanto fazia.

VII. Do lado do texto inédito candidato à chancela editorial Dição:-Iam buscar as margaritas mergulhando sem escafandro... Margaritas pescadas de modo artesanal na costa do Qatar, na costa dos Emirados Árabes Unidos, na costa do Bahrein, na costa da Arábia Saudita, na costa do Koweit. Margaritas de cores variadas desde o rosado ao azul, desde o negro ao amarelo e ao branco.

VIII. em Amesterdão não houvera defenestração. que algoritmia suprimira a vida dela? fora a tacanheza que viera ter com Noémia enquanto vários satélites continuavam a girar à volta de Úrano.

IX. onde é que entrava a ironia? Benício lia no jornal o obituário. auto-imolando-se em Amesterdão aquele refugiado chileno deixara de ser um homem apagado para se tornar numa tocha viva. **um jovem no meio de labaredas como meio desesperado de chamar a atenção para uma causa inesquecível.**

X. que não se sentia nem morta nem viva, era como amigos comentavam postumamente Noémia. como se já não conseguisse emergir de uma espécie de letargia.

XI. na conversa de acompanhantes e amigos enquanto o cortejo fúnebre desfilava à beira de amieiros, mais uma vez se especulava sobre a morte por esclarecer de Noémia.

XII. Raimundo fletia a galinha sem lágrimas.

XIII. durante a sua estadia naquela cadeia sul-americana, a linha equinocial tinha deixado de preocupar Bartolomeu.

XIV. mas era mesmo verdade que Benício chegara a residir no Hotel Artiste, em Amesterdão? fora ele a afirmá-lo reiteradamente. também dizia ter pescado no rio Senegal. e que na meninice ouvira a ama contar histórias do sítio de onde ela viera: Monomotapa que posteriormente se designaria Rodésia, e, ainda depois, Zimbabué e Zâmbia.

Benício recordava o projeto de Noémia viajar até Arguim, perto do cabo Branco, onde os portugueses tinham estado no século XV. dessa vez incitara-a a ir conhecer Baçaim, no distrito de Bombaim, Indostão que o rei de Cambaia oferecera aos portugueses no século XVI.

XV. Entretanto na editora Dição uma assistente lia:-O emissário chegado à ilha de Angediva, em 1508 na posse dos portugueses, era portador de um documento secreto. O intérprete chamado para traduzir a língua guzerate, era um homem que sofria de uma doença de movimento patente na falta de cinestesia. O documento em questão era um mapa que ficara à guarda do vice-rei, um mapa negligenciado durante sessenta anos até ser examinado por um perito. Fora este cartógrafo português, Fernão Vaz Dourado, a enviar pela primeira vez cartas desde o Japão e Sri Lanka.

...Em Portugal capturava-se a cochinhilha: era graças a este inseto que tingiam os tecidos de vermelho. Na produção de vernizes usavam uma resina que chegava do Norte de África: a almécega. Da Serra Leoa vinha o pau vermelho. Essa substância azulada usada como corante tintorial, o anil, chegava de Cananor, cidade indiana e porto na costa do Malabar onde o vice-rei, D. Francisco de Almeida, erguera uma

fortaleza em 1506. Imprescindível na tinturaria, muito usado em tintas, o zarcão, era um pigmento vermelho transportado pelos navios portugueses para a Índia. Para a cor violeta usava-se a tinta extraída a partir de um líquen, a urzela. A feitoria de Safi, em Marrocos, recebia de Lisboa carregamentos de um reagente usado para fixar os corantes nas fibras, o alúmen tão requerido pelos fabricantes de pano. Para acautelar os interesses da Feitoria de S. Jorge da Mina que é hoje território do Gana, havia lá um castelo construído pelos portugueses em 1482. Na Feitoria de Azamor, uma cidade marroquina vassala de D. João II, era lusófilo o monopólio da produção de lã.

...A segunda maior ilha do mundo, a Nova Guiné, fora descoberta pelo português Jorge de Meneses em 1526.

...A cortesia, a graça, o decoro, abandonaram a cidade. A ignorância e malevolência já se fazem sentir. Ali o pundonor perante o charivari grosseiro. Os pintores fugiram. O duque de Alba arrasou Antuérpia. Pouco mais ou menos na mesma altura, o imperador da Índia, Akbar, tinha publicado um édito onde se podia ler, entre outras coisas «Ninguém pode ser interpelado pela religião que professa nem ninguém tem de receber autorização para mudar para uma religião que lhe apraz.»

...Fora construída com madeira de pinheiro e sobreiro. Prestes a franquear S. Julião da Barra no malogrado ano de 1606. Vinha carregada de especiarias. À vista de Lisboa os cachopos transformaram-na em destroços. A praia de Carcavelos ficou negra de pimenta.

Portugal permanecia sob ocupação espanhola tendo a usurpação exacerbado a necessidade do culto identitário. Subsequentemente um certo fulgor iluminava os passos de arcanjos.

...Entre 1505 e 1507 a Fortaleza de Quíloa, hoje Tanzânia, consumira 354 sacos de carvão. Pedro Álvares Cabral passara por lá em 1500. De lá viera o ouro para confeccionar a famosa Custódia de Belém. As Casas da Mina e da Índia, em Lisboa, abasteciam as feitorias portuguesas no Índico. De alcofas, de cestos de vindima, de cordas, de esteiras, de cera, de cortiça, de mel. A serra do Marão fornecia as ardósias.

Em 1471 D. Afonso V conquistara a cidade marroquina de Arzila que à volta de 1506 recebera várias dezenas de remos de caravela. Também em Marrocos, Safi, a feitoria comprava lã aos habitantes. Cerca de 1529 navios portugueses patrulhavam o litoral situado entre a Serra Leoa e o Golfo da Guiné, a chamada Costa da Malagueta assim denominada por ser o centro da pimenta vermelha. Pela feitoria de Sofala, porto na antiga Beira, Moçambique, transitavam couros à volta de 1507; também pela pequena ilha que pertence hoje à Mauritânia, descoberta em 1443 por Nuno Tristão, Arguim, transitavam em 1500 os couros. Navios portugueses transportavam a seda entre a China e Malaca, entre Cochim, na Índia, e Portugal. A construção de navios, a intervenção militar portuguesa em África precisava de ferro que importava, à volta de 1510, da Flandres. Em Portugal, cerca de 1550, as oficinas metalúrgicas de ferreiros e armeiros estavam em expansão. Entre as feitorias portuguesas espalhadas pelo mundo e Portugal, havia um intenso comércio de metais como o aço, o ferro, o chumbo, o cobre. Em 1514 seguira de Lisboa, para a cidade marroquina de Mazagão, hoje El Jadida, um sino de bronze. Pelo Golfo de Cambaia, na costa oeste do Indostão, onde estão situados Damão e Diu, passara em 1518 a Nau de São Marcos carregada de estanho. Portugal exportava os mármore de Estremoz e a cantaria da Serra de Aire. Os portugueses tinham passado pelos Camarões no século XV. Ao Togo tinham chegado em 1471.

... No portulano podia-se circunscrever algumas dissensões mundiais: os astecas tinham de entregar à Espanha o cacau, as papaias, as xícaras, os tomates. Eram os quadrantes e balestilhas náuticos que tornavam possível ir buscar a mandioca e o milho à América; instrumentos náuticos que tornavam possível ir buscar o café e a malagueta à África e trazer da Ásia o gengibre, a canela, o arroz.

Em O Manuscrito de Florença, o português Pedro Nunes, falecido em 1578, tornara patente a -Linha de Rumo-, posteriormente denominada -curva loxodrómica-, uma súpula de conhecimentos matemáticos que determinaria as expedições marítimas.

XVI. era arroxeadada a ametista que Ghislaine trazia pendurada ao pescoço. atravessara uma alameda de mármore púrpura para ir escutar a aristocrata Teresa Noronha cantar o fado.

XVII. Lisbeth dizia, ao pintar, não ser ela quem estava a fazer aquilo antes ser aquilo que a estava a fazer a ela.

XVIII. numa janela do prédio fronteiro havia uma mão feminina a afastar cautelosamente a cortina. Raimundo vislumbrava um roupão branco enquanto na serra da Malcata era o olhar felídeo de um lince que espreitava.

XIX. no tempo em que a menina tirava um cigarro da malinha de mão e numa solicitação amável pedia lume a qualquer homem para caso este desejasse poder assim travar conhecimento com Noémia malbaratada.

xx. A consultoria literária da editora Dição plasmava, lendo, um estado de alma em Zambujeira do Mar:-Jesuítas portugueses encontravam-se na China e andavam em busca do CATHAYO ignorando estarem no lugar que procuravam: ainda demorou muito tempo até descobrirem que o CATHAYO e a China eram a mesma coisa.

...Chegam a Malabar em 1498 sendo Calicute a primeira povoação que os lusitanos lá visitam.

XXI. Benício sublinhava António Sérgio em Cartas do Terceiro Homem: «o homem que exerce autoridade e mando se sente sempre tentado a renunciar à cultura e a impedir os outros de se erguerem a ela.»

XXII. no cárcere a adarga dele fora invocar as relações interculturais que os reis portugueses D. João II e D. João III tinham mantido com o reino do Congo. desejara ter vivido entre 1490 e 1530, quando houvera intercâmbio cultural significativo entre Portugal e a Serra Leoa, ou entre Portugal e o Benim. agora Lisboa estava perdida nas brumas do longe. eis Bartolomeu evocando também a Freguesia dos Mártires onde vivera e que remontava ao tempo da fundação da nacionalidade.

XXIII. Ainda em Zambujeira do Mar onde fora passar o fim-de-semana, a consultoria da editora Dição continuava a ler:-Ao verem o Brasil (no português de quinhentos VER significava DESCOBRIR) pela primeira vez, os marinheiros que tinham recebido ordem de descer à costa mal continham o medo; finalmente houve um que tomou a dianteira pondo-se a tocar gaita de foles, então, para espanto de todos, aconteceu o seguinte: os índios desataram a dançar à volta deles.

XXIV. Lisbeth lia em voz alta um trecho de Nietzsche:«Wagner/.../condescendera, passo a passo, com tudo o que eu desprezo -até com o anti-semitismo...»
essa viera mesmo a calhar, uma vez ter ela lido recentemente um livro de Stravinsky, intitulado Poética da Música, onde o compositor opinara que as óperas Lohengrin, Tannhäuser e Der Fliegende Holländer, de Richard Wagner, padeciam de «frouxidão».

XXV. Já a leitura na editora Dição remetia para outro quadro de referência:-No ano de 1582 os portugueses tinham desembarcado na Ilha Formosa, hoje Taiwan. Em 1606 o navegador português Queirós descobre a ilha de Taiti, na Polinésia.

XXVI. ia ouvindo Raimundo referir a prisão de Noémia; que para os delinquentes os interstícios não eram poros assexuados. a certa altura a fala de Raimundo chegava-lhe

num emaranhado de sons distantes, parecia ser ele a falar do Regimento comandado por Simão da Silva enviado a Manicongo pelo rei D. Manuel?, ou do infinitivo pessoal de Vir coincidindo com o futuro do conjuntivo de Ver numa combustão lenta de melopeia que acabou por adormecê-la.

Ghislaine despertou noutra meridiano. um metrónomo invisível acertava o compasso do bater do coração dela pelo de Bartolomeu que lhe escrevera da Bolívia contando ter ouvido a língua dos quéchuas, ter visto alpacas, vicunhas, lamas, embora sem a cela prisional talvez não tivesse redescoberto daquela maneira, de memória, a topografia do corpo dela: cada gruta, cada vulcão, todas as estalagmites, todos os lagos, todos os fiordes.

O Incenso de Java

I. Desde o Mar de Java até chegar à capital do Império Português do Oriente havia que passar pelo Golfo da Tailândia, pelo Mar de Andaman, pelo Golfo de Bengala, pelo Mar da Arábia. No ano de 1580, cerca de doze anos após a morte em Goa de Garcia da Orta, ex-médico de D. João III, botânico, autor de Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia, a Inquisição manda desenterrar-lhe os ossos para os queimar publicamente lançando as cinzas ao rio Mandovi. Mais uns alambiques, mais umas retortas, a fim de criar o tangido lacrimoso de uma guitarra portuguesa. A tarde resvalava para a noite.

II. a empatia sentida por Lisbeth para com as árvores que estavam a ser cortadas na sua rua. esvoaça um corvo da cor dos melros. entretante confirmou telefonicamente à agência de viagens o lugar na volta turística pelo Mar das Caraíbas.

III. Benício julgava ter garras e afiava-as na cadeira curul ladeada por um gibão de cetim e outro de burel, tudo grotescamente à venda na Feira da Ladra, em Lisboa. a piteira da falésia frente ao mar estava quase a florir.

IV. Recém-contratada pela editora Dição é ela que se debruça sobre um manuscrito à espera de leitura:-Primeiro tinham de atravessar o rio do Ouro a sul do Bojador, esperavam depois rumar para a ilha das Garças. Entretanto iam conversando e perguntavam-se, se haveria realmente marfim no Sudão e ouro no Mali.

v. Num Dicionário de referência da Língua Portuguesa: «Benjoeiro-nome masculino 1BOTÂNICA árvore oriental,/.../que fornece uma espécie de resina perfumada denominada benjoim.»

Também numa Enciclopédia Portuguesa de referência:«Samatra. Ilha da Indonésia, a maior do arquipélago de Sonda/.../Fica a SO da península de Malaca e a oeste da ilha de Java/.../Grande potência produtora de especiarias, a Samatra atraiu os interesses de Portugal, que, de 1509-96, manteve com ela contactos comerciais.»

«Sião. 2. Reino do SE da Ásia, no centro da península da Indochina, desde 24.6.1932 denominado Tailândia/.../Java:Ilha da Indonésia a SE de Samatra e a oeste de Bali. A capital é Jacarta» Ibidem.

Garcia de Orta: «e os Mouros lhe chamao/.../encenso de Jaoa/.../o Antonio Musa diz que o benjuy he a assa dulcis ou odorata/.../vem o benjuy, que chamam amendoado, de Siam;/.../Ha outro benjuy,/.../na Jaoa e em Çamatra.»

...Akbar, o imperador mongol da Índia, falecido em 1605, dignara-se receber dos portugueses o benjoim como preto.

Pêro da Covilhã tinha sido no século XV um agente secreto de D. João II encarregado de reunir informações visando preparar o feito de Vasco da Gama. Pelas palavras omitidas, mais do que pelas proferidas, se aferia a qualidade estética do falante. Provir e prover tinham o mesmo participio passado. Fora com pormenores assim que a geofísica mudara. O meridiano da linguagem teria consequências para a capacidade expressiva da frase.

Dizeres convergindo para a editora Dição:...O marinheiro incipiente tentava colmatar a sua insipiência abstraindo da nutação do navio enquanto acolá havia quem, no cumprimento das suas funções de secretário de Afonso de Albuquerque, a saber o Historiador Gaspar Correia, ia procedendo à notação da altura do sol.

Súbito surge um alcatraz. Mais umas léguas e avistariam as ilhas Tristão da Cunha. O piloto assim o garantia. D. João de Castro fora aluno de Pedro Nunes tendo este

convivido com Garcia da Orta.

Pacientemente vão repetindo as operações do costume. Persistentemente dia após dia.

Paulatinamente a cartografia era retificada. No regresso já sabiam que tinham de passar ao largo contornando o estorvo de ventos e correntes.

Acabaram por pescar um espadarte.

VI. experimentando fleumaticamente aquela técnica denominada pontilhismo como se num parágrafo Lisbeth arrumasse metronomicamente palavra a palavra, letra a letra, tornando no quadro visível, a pouco e pouco, tanto a fímbria como o cerne.

VII. Prosseguia a leitura na editora Dição:-Em causa o Golfo da Guiné, a Costa do Ouro descoberta em 1471 pelos portugueses João de Santarém e Pêro Escobar, hoje Gana.

...A fusta ia atravessando o lago transportando caixotes com balestilhas, quadrantes, tábuas de declinação solar, uma cópia do Tratado da Esfera, de Pedro Nunes, onde se tinha abordado de modo pioneiro a questão da curva loxodrómica. Contudo, o mais importante era o manuscrito, julgado perdido, do inventor do nónio, intitulado O Planisfério Geométrico.

...Por engano tinha sido atirado pela borda fora um saco onde se encontravam todos os sextantes disponíveis no navio. A cadência das águas não se interrompera. O mar mantinha por enquanto os seus lampejos prateados. Talvez conseguissem a curto prazo atingir Timor havendo informações fidedignas que atribuíam aos Timorenses «a volúpia de caçadores de cabeças».

Para já o perigo era a insolação.

VIII. fulgurante pórtico sujo de chuva. para lá de cornijas, de palimpsestos, o fado de

Benício era sentir-se esburacado, desfigurado, como se tivesse perdido o contorno dele próprio.

IX. recordou um ritual, quando ainda era menino. como o alfaiate ia marcando indelevelmente a giz na fazenda que se tornaria casaco. depois ouvia-o dizer a data em que o fato estaria pronto. revia em retrospectiva a costureira sorridente acompanhando-o até à porta de saída.

...a pulcritude de pegadas desvanecidas aquando da preia-mar. e o Mar de Cambaia a volver-se proceloso. Benício já não estava lá.

x. apropriando-se do espaço na mudança de direção, a fim de se livrar da altitude onde o ar rarefeito, onde o solo parecendo grude, onde o menor movimento se tornava cada vez mais pesado requerendo um esforço intenso para progredir. mais adiante, na paragem de camioneta, dando de si uma imagem pacata, honesta, burguesa, de chefe de família, Bartolomeu abria o livro na página marcada pela folha de nardo para fazer de conta que o móbil da leitura fora sempre conseguir mais justiça, mais cultura.

XI. A armadilha que pode representar a homofonia de duas palavras mesmo para leitores treinados: na editora Dição a consultoria literária foi procurar no dicionário a diferença entre «gasear» (asfixiar por meio de gases) e «gazear» (fazer gazeta). Depois continuou a ler:-Com uma pena de ferro alumbrada qual cenobita escrevendo na folha de palma para se referir ao Oceano Índico, ou antes à primeira pessoa do singular do verbo indicar? Vieram da Pérsia. De Kirman, também do Yazd. Folhas de plátano, romãs no arabesco do tapete. Tapetes onde o motivo principal eram gavinhas enroladas, tapetes com cercadura cúfica. Não apressava a compra, apreçava primeiro o que ia ser o presente de amizade para o rei de Bungo.

XII. uma vez Ghislaine recebeu um postal de Bartolomeu onde este se referia apenas à vida da arte e mencionava a escultura Os Doze Profetas, da autoria do artista plástico mais importante do barroco brasileiro cuja alcunha tinha sido o Aleijadinho (António Francisco Lisboa) por ter perdido as pernas bem como alguns dedos das mãos.

XIII. tanto a trela como o açaimo no coio de três pernas faziam parte do show televisivo a que assistia Raimundo. lá fora a chuva enviesada fustigava a janela. do pátio chegava o som de um leitão a cuinchar ininterruptamente até se calar, porque o dono o tinha matado.

XIV. pela janela do comboio Lisbeth via a planície holandesa a perder de vista. estava verde o prado. as vacas mugiam, talvez porque estivessem a ser mungidas. começara a viagem em Amesterdão, apear-se-ia na cidade onde havia a universidade mais antiga dos Países-Baixos. tinha ficado intrigada com o que lera numa Revista de emigrantes. parecia uma parábola onde surgia a oposição entre dois blocos, os ZVED e os XLOF. dando uma das suas amigas a cadeira de Nominalismo na universidade, ia perguntar até que ponto Justiça era uma mera palavra, vazia de conteúdo enquanto Inquisição, o Poder, monopolizava a realidade. a essa luz poder-se-ia traduzir ZVED por Inquisidor, e XLOF por aqueles que não existiam sequer ao serem aniquilados pela repressão do Poder instalado? era o que ia tentar averiguar em Utreque.

XV. Quem estava a telefonar para a editora Dição citava o Historiador José Matoso:«Para defender o estreito de Bab el Mandeb os portugueses ocuparam Socotorá, uma ilha do Iémen, frente às costas da Somália. ficaram lá cinco anos.»

A proposta de publicação era mesmo a respeito dessa região abordando os sultanatos,

os imãs, a rainha de Sabá, o porto de Aden etc. etc.

XVI. Num livro intitulado A Saudade, Maria Teresa de Noronha, fadista, condessa, circunscreve uma das diferenças fundamentais entre lusitanos e castelhanos: «Vossler(1946):já no fim do século XVI se enaltece -a saudade portuguesa- como uma característica própria da idiosincrasia nacional/.../dando azo por sua vez à troça dos castelhanos.»

XVII. imagina Noémia poupada ao desenlace trágico acolhendo-se à proteção do mosteiro de Lorvão, perto de Coimbra, mas para isso teria sido necessário viver como freira cisterciense no século IX.

o tempo adormeceu na caruma. na expectativa do ouro do Sudão todos os relógios do mundo pararam. há uma eternidade que os guardas da feitoria de Arguim se imobilizaram. Benício está com saudades de Noémia.

XVIII. as mulheres da aldeia africana que tinham de ir buscar água a quilómetros de distância. mulheres que apanhavam lenha para tentarem vendê-la depois na vila. e, de noite, as hienas atacavam o gado. Benício não esquecia.

XIX. Nácares de nuvens passam por cima da cidade. Ainda não tinham florido os arbustos fragrantos de jasmim. Alguém cuja meta era ser publicado pela editora Dição argumentava com Oitavas ao Desconcerto do Mundo, de Luís Vaz de Camões: «Os bons vi sempre passar

No mundo graves tormentos

E pera mais me espantar,

Os maus vi sempre nadar

Em mar de contentamentos.»

XX. era a hora da sesta meridional. ali está o vermelho ressoante do púcaro à beira da frescura cristalina de uma bilha, no dia diáfano, no terraço frente ao mar de onde se avista a faina dos pescadores, acolá os toldos de café, a rua luminosa, a sombra de uma árvore, e a paisagem azul feérica de candeeiros de rua a debruçarem-se sobre um grupo de marinheiros. a morena de trinta anos de quem se desencontrara irremediavelmente cruza-se com Raimundo. seguiu-a ainda no emaranhado de becos e travessas durante alguns minutos até perdê-la definitivamente engolfada pelo branco do casario.

XXI. A consultora literária da editora Dição lia:-Na pequena ilha de Larak, no Golfo Pérsico, à volta de 1550, os portugueses tinham encontrado soluções hidráulicas, a fim de abastecerem a população de parte da água necessária. Perto dali uma caravela lusa, provida de canhões, encalhara frente a Ormuz e apodrecia agora semiafundada. Antes de serem erguidas as paredes das casas, tinha-se de esperar que o sol secasse os adobes.

XXII. o artista não tinha necessariamente de representar a verdade Histórica. Lisbeth não poderia, como julgara à partida, procurar a data em que uma pintura tinha sido feita através dos acessórios incorporados na mesma.

XXIII. as carnificinas cometidas pelos galeões não podiam durar sempre, era a mensagem epistolar codificada por Bartolomeu para Ghislaine. e, lacónico, adiantava que a enseada não devia estar longe.

ainda não refeita da carta enigmática de Bartolomeu, Ghislaine refugiou-se numa

Basilica onde o fausto arquitetónico cujos motivos escultóricos e pictóricos alusivos aos profetas bíblicos numa encenação esmerada, emprestavam ao culto uma sumptuosidade digna de imperadores. deixou-se envolver pelo Canto Gregoriano. angustiada pela possibilidade de Bartolomeu estar envolvido num cartel de droga. continuava a sentir-se amedrontada e diminuta, quando saiu. em neerlandês não existia a palavra que ouvia sistematicamente à sua volta. em casa procurou-a num dicionário de Língua Portuguesa e lá estava «CIA-ORNITOLOGIA nome vulgar extensivo a alguns pássaros comuns em Portugal, como a sombria, a escrevedeira, a lavandisca e a petinha».

XXIV. fora antes de ir dormir que Benício, numa disposição filatélica, tinha estado a observar à lupa um selo estampado numa carta recebida de Portugal. evocava a imagem de São Vicente cujas relíquias, dizia a lenda, tinham navegado para Olissipo num barco, sem ninguém, velado apenas por corvos. desde então marinheiros e pescadores tinham passado a invocar a proteção do santo. nessa noite Benício sonhara com aquela constelação de pessoas encontradas em Amesterdão. iam os doentes como ele, mas também os que tinham saúde. seguiam todos a bordo dessa caravela escoltada por aves de um crocitar preto rumo a Lisboa.

XXV. Era uma proposta de leitura à editora Dição:-No sótão. Também ele. Uma nesga. Desta vez completamente azul. Do ponto onde se encontra não vê mais nada. Basta. Mesmo assim não há nada como ter um quarto com vista para o céu. E, de noite, na mansarda, ouve-se o vento a sibilar nas telhas trazendo a Íbis, essa ave típica da paisagem do Nilo, ou o esturjão-beluga nadando entre o rio Volga e o Mar Cáspio. /.../O intróito fora promissor, já que era o deão a dar-lhe explicações: que na Península Ibérica houvera a invasão dos Alanos, dos Suevos, dos Visigodos, dos Árabes. Que encostada ao Mar Negro havia Trebizonda, cidade famosa por ter sido aí que acabara o império Bizantino. Que no Mediterrâneo a embarcação mais comum,

nessa altura, era o barinel.

...Dito negligentemente por um passageiro anónimo nos transportes públicos aquela palavra desencadeara instantaneamente a memória instintiva de um gosto esquecido, e havia novamente o internato no colégio de padres onde na camarata à noite antes de apagar as luzes o prefeito lia um excerto do livro de Edgar Rice Burroughs em que a personagem principal era Tarzan.

...Silenciosamente revia a infância pontuada por sorrisos, por auto-confiança. Eis a fotografia tirada aos catorze anos com dois colegas dos quais um se tornaria almoxarife e o outro chantre. Em agosto encontrava na estância balnear a sobrinha da professora de inglês que deixava transparecer na praia a sua inocência reclinando a cabeça amenamente no peito dele.

Perfilando-se já no horizonte outra onomástica determinada pelo contacto com outro universo que apenas seria desvendado pela escritura, uma escritura criada por toda uma grei, a partir de ilhas, de promontórios, uma escritura para outra etiologia assinalando outras tribos, outra geografia mental, assinalando lagos desconhecidos, cordilheiras, jazidas de esmeraldas em Harare, assinalando rituais profanos ainda não descritos, dando a conhecer utensílios, ou animais nunca antes vistos no Ocidente, referenciando cataratas à espera de cronistas qual escritura nova sob céus sulcados por araras, regiões onde o adubo fosse o guano, onde o senso dos étimos estivesse no húmus necessário para propiciarem fetos, gramíneas, silvas, onde os Andes fossem descobertos graças à lã fornecida por esse ruminante domesticado chamado guanaco, escritura apropriada para o intercâmbio significativo onde houvesse outra nomenclatura, mais diversificada na qual coubesse um lama budista tibetano mesmo nunca tendo ouvido falar de lausperene.

...O mergulhador tinha de subir lentamente, a fim de evitar a variação da pressão brusca, a fim de evitar um acidente de descompressão. Mas receava que o oxigénio disponível não fosse suficiente para o tempo requerido pela manobra. Deixara para trás líquenes que podiam viver séculos a enfeitarem o galeão afundado com um

tesouro a bordo. No que talvez fosse o último minuto de vida voltou a ver-se meses antes na amurada do navio ancorado em Zanzibar, a ilha onde falavam swahili e onde os portugueses tinham estado no século XVI.

XXVI. conhecido dos frequentadores habituais da cafetaria onde estava a folhear um livro de banda desenhada cujo tema era o Homem Aranha, Benício era o pretexto para os comentários jocosos de foliões: -vê lá se te pões agora a subir paredes, olha que te vais espatifar ainda mais...-nem na vertical nem na horizontal; nem retroceder nem avançar, hem!, tampouco podes descer às arrecuas; o melhor é quedares-te aí diante dessas vertentes abruptas; detém-te ó homem: repara que o abismo está à tua beira...-nem sequer um passo em frente e dois atrás como escrevia o outro; stop; o teu destino está selado. ao que o interpelado ripostava com aquela casquinada inimitável dele.

XXVII. Lisbeth encastoava a elipse geométrica na gravura. lá ao longe, por cima dos telhados, a ramagem oscilando ora para a esquerda ora para a direita. agora via, mais do que sentia, a aragem. algumas nuvens quase cor-de-rosa, outras brancas. o verde desmaiado da folhagem. o resto do céu estava de um azul pálido.

XXVIII. em Amesterdão retardava a transição do outono para o inverno. enquanto esperava pelo autocarro Ghislaine olhava para as pautas expostas na vitrina de uma loja: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá, sol, fá mi, ré. nenhuma delas, desafinada, ou afinada, seria capaz de influenciar a paixão dela. surge uma mãe com um bebé ao colo. vagidos.

XXIX. «repara nesta reprodução»

Benício ripostava com o riso que lhe era sobremaneira peculiar.

deprendia-se, com efeito, uma atmosfera de ambiguidade do quadro que lhe estavam a mostrar, «A Família», de Paula Rego, a pintora nascida em Lisboa, mas radicada no Reino Unido.

xxx. Na editora Dição a consultoria literária lia:-De repente os baixios. As escarvas da nau teriam sido mal calafetadas?

...Relatos de Franciscanos no século XIII sobre a Mongólia: no deserto de Gobi, em janeiro, a temperatura rondava os quarenta graus negativos.

...Carmesim: oh!...A desfraldarem os ceitis. Do zambuco avistaram Socotorá.

XXXI. nunca desconectados gravitavam uns à volta dos outros numa geoeconomia cuja heterogeneidade toponímica estava prestes a atingir a moeda única:-não trouxe nem um franco da Suíça-diz Raimundo.

-mas ao menos és franco-comenta o interlocutor.

XXXII. Após uma pausa era retomada a leitura de um manuscrito pendente na editora Dição:-Polidamante era nome próprio aparecido na Ilíada, HOMERO. Depois, polidamente, o habitat de quartos alugados, porque o fulcro da discórdia centrava-se numa mera vogal. Acertar no destinatário abissal da verdade estética, podia depender meramente disso daí que a volatilidade política lhes tivesse retirado a força de gravidade e ficassem a pairar no ar como se fossem bonecos insufláveis. Era difícil desvendar as cores dos arcanos. O acolhimento artístico já estava antecipadamente inscrito naquela topografia. O simbolismo cromático da Idade Média por exemplo. As cores de bandeira na Monarquia não eram similares às da República.

XXXIII. e fora em África que Benício recebera aquela centelha sui generis.

Orientalíssimo

I. Sendo eu próprio prosa fragmentária que ainda não fora cerzida como poderia ter a veleidade de te escrever uma carta consistente querida Lisbeth?, mas mesmo assim deporia a teus pés os crisoberilos de tom amarelado, os topázios rosa, as turquesas, as opalas, as ametistas, os crisólitos, a fim de consentires numas núpcias em Taprobana, aliás Ceilão, aliás Sri Lanka...tão aromática esta madeira de calambuco de que junto aqui um pedacinho...aqui Benício interrompe a carta jamais enviada e escuta como lá fora o arpejo do vento ia desdobrando o horizonte.

II. Noémia era lembrada melancolicamente na Sala de Espera de uma clínica. em surdina ouve-se Léo Ferré cantar «Avec le temps tout s'en va». Raimundo levanta-se e espreita pela janela. estremece o amarelo das giestas. escadas de ferro apontadas à fuga em caso de incêndio. bagas vermelhas dos bosques. prédios vetustos de cem anos, dourados pelo sol da manhã meridional num verão já tardio. salgueiros erguidos para um céu magnífico. das oliveiras pendem as azeitonas pretas. e campânulas azuis congregavam-se para embelezarem o trilho profícuo ao viandante.

III. Ser caucionado pela editora Dição era o objetivo:-Estrépito de canhões no mar. Omã está prestes a ser tomada. E Ormuz, e Goa, e Malaca. Ecoam odes marítimas numa consanguinidade alheia ao rumor espontâneo. Este Vice-Rei das Índias lograria o monopólio do comércio das especiarias no Oceano Índico. Seriam imagens dessas paragens do Oriente as últimas que o Capitão-mor do Mar da Arábia, Afonso de Albuquerque, guardaria para si ao finar-se ao Largo. Também na rota para a Índia, o navegador primo desse caminho marítimo morreria longe de Portugal, embora fossem

encontrar lá em Cochim, nesses momentos derradeiros, junto à cabeceira de Vasco da Gama um livro de Bernardim Ribeiro dito Livro das Saudades, pois, Menina e Moça. ...Eis a pequena caixa de joias que a loja de antiguidades quisera comprar. De características insuspeitas. Evolava-se dela a herança de família. No espelho colado à tampa que levantava devagar ficara plasmado o retrato incorpóreo de um caminho transfronteiriço. Persistia a memória emocional, embora isso não acontecesse de forma demasiado explícita.

IV. é um pouco irónico eu confessar-te isto- escrevia Bartolomeu a Ghislaine, ter-me calhado na rifa uma meia-verdade, quer dizer, uma meia-sobrinha, um meio-irmão, uma meia-família...

o rascunho da carta de Bartolomeu interrompia-se aqui sem nunca ter sido enviado ao destinatário.

v. de uma abadia trapista na Normandia vem uma cerveja servida por uma empregada que faz pensar nos modelos do pintor Rubens, mas os devaneios sensuais, lânguidos, são cortados pela conversa: acabada de chegar da África do Sul, mais concretamente do Cabo, cidade fundada pelos holandeses em 1652. com efeito os portugueses tinham passado por lá no século XVI, mas não tinham criado raízes. em 1814 a colónia holandesa do Cabo passara para a administração Britânica. é como diz, os colonos holandeses tinham fundado o Transval bem como o Estado Livre de Orange, mas na chamada guerra dos Boers, os Britânicos tinham conquistado o Transval e o Estado Livre de Orange aos holandeses.

lá fora o tempo desenrola-se anódino no movimento amarelado de folhas desprendendo-se das árvores num bailado gracioso até que a batuta do maestro invisível no staccato as imobilize no macadame. manhã dezembrada. uma ânfora hialina marchetada adorna o Café Pretória situado numa capital bem europeia. acolá

os transeuntes apressados fugindo à chuva. Benício apresta-se a pagar a conta
olhando ainda uma vez para a fogosa Vénus.

VI. Na editora Dição a consultoria literária lia:-saudades-perpétuas, flores num ramo que uma mulher anónima sobraçava.

...De acordo com José Matoso: (Índia) «junto das águas do Lago Vembanad/.../olhando , ao fundo, a cidade de Cochim, a Igreja de Nossa Senhora da Esperança, de Vaipim/.../é referenciada pela documentação a partir de 1560.»

...De onde provinha aquilo? Escrevia, ou como se escrevesse numa rede pelas malhas da qual perpassava um filão: ora era o timbre da carta, ora era um averbamento da Feitoria relativo ao comércio da malagueta, ou outro dizendo respeito à Costa da Pimenta (hoje Libéria).

...Nesse tempo o Persa era a Língua universal nas regiões ermas por onde iam passando.

...A bordo, o primeiro turno de vigília chamava-se QUARTO DE PRIMA; seguia-se-lhe o QUARTO DE MODORRA entre a meia-noite e as quatro da manhã; sendo a MODORRA a última escala de vigilância noturna. ESTILO, no jargão dos marinheiros, era a palavra que designava o ponteiro de relógio solar. O timoneiro zelava para que a nau continuasse a singrar na direção nordeste. Demandavam a cidadela famosa circundada por uma muralha de jaspe. A etapa seguinte seria o mercado de Guzerate onde os Árabes negociavam o jade dos Himalaias.

...Traseiras de prédios Lisboetas. Quintais. O calor do sol procurado pelos gatos. Deitados em cima do telhado daquela casa. A receberem as forças benfazejas inerentes à luz. Executando os movimentos de uma coreografia infável espreguiçavam-se, bocejavam, cheiravam-se, abanavam a cauda, lambiam-se, andavam pelo muro abaixo. Nenhuma disjunção. De longe sente-se (mais do que se vê) o olhar fixo, eletromagnético de um.

A nau ancorara no Rio Tejo trazendo à capital do Reino o carregamento de pau-brasil.

VII. a zaragata fora a propósito de um livro reivindicado por ambas. fora forrado com papel de seda. fazia parte do espólio de Noémia.

tagarelavam interminavelmente. a vizinha patarreca, hirsuta, lambisgoia típica, permanecia especada olhando comicamente para Ghislaine.

VIII. «pareces o sultão Samudera-Pacém»

estava mais uma vez na berlinda, mas seria por pouco tempo, já que Benício morreria pouco tempo depois.

-se precisavam assim tanto dos Malaios, fora a pergunta subsequente.

«não, nós aqui em Amesterdão não temos de nos ralar enquanto os contactos comerciais com Samatra continuarem bem, eis o que te digo meu caro compatriota!...»

IX. Lisbeth inteirava-se sobre o itinerário de navegadores e aventureiros portugueses nos séculos XV e XVI. presença essa assinalada ora por meio de uma catedral -fora o caso na Etiópia; ora por um Forte, como na Tanzânia; ora por uma coluna de mármore, tal como ocorrera no Quênia; fosse por intermédio de uma fortaleza como acontecera na Birmânia; fosse através da evangelização cristã como em Nagasaki, Japão; mesmo que fosse apenas para ocupar a costa como fora o caso em Ceilão, século XVI.

X. Na consultoria da editora Dição liam:-Reminiscências do pinhal, do hamac. Uma pinha caindo sonolentemente. Preguiçosamente uvas esboroadas em Agosto. Naquela tarde nem uma aragem no langor estival.

Mero acaso esse do parque Vondel em Amesterdão. Um cão a esgaravatar freneticamente a terra de tão excitado. Preâmbulo de confidências de uma desconhecida que parecia ter escamoteado parte significativa do seu passado inibindo-se durante demasiado tempo ao recalcar a família portuguesa radicada então no ex-Congo Belga, comerciantes honrados, porque os eventos ocorridos lá nos anos sessenta tinham sido de cariz profundamente traumático. Forçados a sair sem fortuna, sem saúde, sem razão. Remontando tudo, afinal, a 1482, quando um português, Diogo Cão, chegara à foz do Rio Congo. E encarando o interlocutor ocasional, referia apontando o animal de estimação tratar-se de uma cadelinha.

...O enfoque nas mangas sazoadas de Libreville. Ágil, numa loquacidade ígnea, a vendedeira dizia terem sido os portugueses a descobrir o Gabão. Já agora que visse a peça de vestuário denominada gabão mesmo ao lado à qual nem sequer faltava o capuz.

...Seguiam em romagem a Arguim. Entre a primeira pessoa do singular, presente do indicativo, Falo e o imperativo do verbo fazer, Fá-lo, tinham morrido alguns. Os outros prosseguiam com «soïdade» a rota que os levasse ao Castelo de São Jorge da Mina, não faltando quem desejasse chegar às minas de Monomotapa -atual Zâmbia e Zimbabué.

XI. minimalista? descentrada a perceção. um pouco mais para cima? um centímetro para baixo? mais para a direita? a beleza do meridiano. ampliar aquele troço correspondente ao afluente do delta; em particular aquele troço. fora rasgado. a reconstituição. a infindável possibilidade de combinações. a parte esquerda do mapa não encaixava na direita. entornada a plausibilidade. faltava nitidez. vetores moleculares. uma gruta distorcida. o diagrama. o vocábulo obnubilado parecia ser estrela-do-mar. iam precisar de roldanas. colar os bocados recorrendo a uma descodificação . o que era aquilo? as inscrições de IELALA perto das cataratas de IELALA, no Rio Zaire, num ponto que distava da foz uns cento e sessenta

quilómetros. eram três; a primeira dizia o seguinte: «aqui chegaram os navios do esclarecido rei de Portugal D. João, o segundo.» e... certamente outra magnitude. fazer um duplicado. descontinuidade. na promiscuidade do pátio havia pessoas quase a chocarem umas com as outras. não eram expressões tristes antes indiferentes. desconhecia-se o paradeiro de Bartolomeu. quem ia? quem vinha? som de passos. arrastados uns; leves outros. também havia o som de vagões a atrelarem-se uns aos outros, procedendo ao transporte de livros visando um destinatário onde a carga fosse distribuída por Livrarias, Bibliotecas. e eu? a maturação demorara, mas eis, enfim, essa recordação à distância. no útero ouvira a voz de minha mãe precocemente desaparecida. buscara aquele som durante toda a existência. devia ter sido essa a causa da minha demanda estética. e a probabilidade de que a engenharia genética viesse suprir essa lacuna já era mínima. tinham-se sentido atraídos, porque a diferença genética deles era enorme: os meus pais. e agora? tinha espreitado por entre as mãos entrelaçadas e via-os lá todos: toxicodependentes, delinquentes, divergentes na orientação sexual, deficientes. depois fechava os olhos e era como se não se tivesse passado nada.

tuguêsHolland em Lisboa

tuguêsholland em Lisboa

«A grandeza nem sempre
se encontra (ou não só
nelas se encontra) nas
coisas grandiosas. Numa
coisa pequena -uma vindima
mais ou menos caseira-
vê-se de repente a face
surpreendente da grandeza.»
EM MINÚSCULAS,
Herberto Helder.

Lisboa esta Lisboa. E Tuguêsholland, um neologismo. Era o que eu era. Neo.

Neo-escritor.

O juízo equivocado da minha parte sobre esta, ou aquela figura famosa da
Cultura Portuguesa que conhecera pessoalmente não ficara sem consequências: nunca
mais conseguiria recordar-lhe o nome. Melhor fora não misturar a pessoa
com a obra.

A efervescência

quotidiana podia esbugalhar os olhos como se via em Jesus carregando a cruz, quadro
de Jerónimo Bosch patente em Gand. A saltar de miosótis em miosótis, tiquetaque, ainda
no útero e já sentia saudades das namoradas holandesas. Tão generosas só excedidas
por Rute a quem, no âmbito de uma ação de formação destinada a futuros cooperantes,
tentara transmitir a plasticidade do bilinguismo. Nas aulas de Amesterdão men-
cionava o método de pedagogo Paulo Freire experiente na alfabetização de

adultos. Parecias imbuída do espírito de missão e desdobravas-te, a fim de compreender minimamente a cultura da Guiné-Bissau país para onde seguirias. Para praticar a oralidade tanto podia ser esmiuçando os Sócios efetivos, os Sócios honorários, os correspondentes da Academia de Ciências de Lisboa como mencionar superficialmente o simbolismo de Camilo Pessanha, ou o ultraromantismo de Júlio Dinis, ou o realismo de Eça de Queirós, ou o naturalismo da poesia em Cesário Verde, ou o modernismo de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro, ou a lira, a harpa, a cítara, o alaúde instrumentos complementares de certa tendência poética portuguesa, ou tocar pela rama a nobreza de sentimentos no bucolismo em Bernardim Ribeiro, ou o classicismo de Sá de Miranda, ou o arcadismo de Bocage, ou o estilo barroco do Padre António Vieira.

Estava a viver num país de grandes regalias sociais. Era tratado com a mesma igualdade do que qualquer outro cidadão holandês. A minha insatisfação era subjetiva. Faltar-me-iam qualidades de pertença? Saí da cidade para ir até ao campo em busca de respostas. Dirigi-me, pois, a uma comunidade católica da ordem Franciscana cuja abadia se situava nos limítrofes de uma aldeia. Perguntei, se seria possível ficar ali no âmbito de um retiro espiritual. Acolheram-me durante meia dúzia de dias.

Não sei se aquele era o apelido, ou o nome próprio. O facto é que se apresentou como sendo Miragem. Fora convocado para servir de elo de ligação entre mim e os confrades. Doutorado em antropologia. Tendo passado largas temporadas na Nova Guiné, a fim de elaborar a sua tese. Retornado à Holanda vivia agora ali onde as lides sociais tinham sido distribuídas de modo a cada paroquiano desempenhar a sua quota- parte garantindo assim um funcionamento organizacional adequado. Uns estavam na copa para cozinhare e lavarem a louça. Outros cuidavam da horta. As refeições eram tomadas no refeitório onde havia uma mesa comprida, retangular. Assomando à janela da biblioteca avistara cavalos a pastarem na herdade vizinha. Uma inalação de paz. Trabalhavam para merecer o pão de cada dia e rezavam muito. Não fiquei, porque o meu destino não tinha sido tornar-me monge. Continuava a

sentir-me desenraizado talvez, porque nem os meus avós nem os meus pais tivessem nascido nos Países-Baixos. Eu tampouco. O óbice era esse, devia ser esse. Eu... Mas o que queria dizer o nome próprio tuguêsHolland? Recordar a fase em que ainda podia alimentar esperança? Tentava descrever o incessante movimento das nuvens, embora decorridos uns instantes já tudo se apresentasse de modo diferente. Com efeito, as formas que se estavam a desenhar na abóbada celeste mudavam constantemente. Difícil, pois, definir-lhes os contornos, estabelecer-lhes o tamanho. A cor, branca, tinha nódoas acinzentadas e pretas. Eis já outras a rasarem o horizonte, numa promessa de me mitigarem a sede. A missa em Latim pedia para reboar numa arquitetura gótica. Ocorreu-me, então, que talvez conseguisse ler melhor o desígnio de outro céu. Ao apresentar-se-me como Miragem, Miragem tinha augurado que o meu som visceral não seria, pelo menos ali, nem localizado nem reconhecido. Era isso o que eu queria?

Num rasto de fosforescência o espaço podia coincidir, mas o tempo não. O tempo era de cada um. Não se podia dizer, com rigor, o nosso tempo. A Rua Nova da Trindade continuava lá, em Lisboa, já não o editor que tinha casa editorial nessa mesma rua. O editor morrera. A editora dele já não existia. Ou existia apenas na minha memória. Uma vez ele convidara-me para irmos almoçar ali perto. Foramos a um restaurante na Calçada do Duque. Ainda recordo. Se já não recordasse já não seria eu.

Incutia-me coragem acreditando não ser menos europeu por possuir duas documentações legais de dois países europeus. Mas nem a herança genética nem o solo onde nascera tinham a ver com o nível de Alta Cultura a que eu aspirava. Os escritores da plêiade não tinham todos o mesmo nome, mas os que me apareciam no caminho sim. Não podia deixar de ser literatice. Mais adiante detenho-me perante a montra de uma Agência de Viagens. Ainda não sou um viandante, mas as escarpas do Butão parecem chamar por mim. Por mim, se eu fosse outro. Não, a viagem tinha de ser outra. Na verdade, apenas

usando pinças seria capaz de pescar as palavras. Talvez posteriormente uma certa emulação me fizesse fruir a expressão escrita, mas isso seria a longo prazo. Para já apeava-me da viagem entre duas Línguas. Tirava a roupa, descalçava-me.

Completamente nu comecei, então, a andar pela Avenida da Liberdade, em Lisboa, rumo ao Rossio. Havia que tornar público o meu motivo que não passava pelo secretismo. O mais certo, porém, era a Polícia levar-me preso antes de eu chegar à Praça dos Restauradores. Até lá continuava a protestar contra o papagueamento desbragado.

Numa meteorologia de acontecimento sem precedentes o céu viera subitamente esmagar o chão, ou seria o chão que viera desvanecer o céu ao confundir-se agora com ele? O horizonte desabara. A paisagem tornara-se uma amálgama liquefeita, desmembrada por um desses nevoeiros intangíveis borrando a inalienabilidade de vida nua e límpida tal como eu a quisera. Algo maléfico queria fazer-me sentir estar eu a mais de dez mil quilómetros de distância do cerne. Daí a necessidade premente de que... Também eu devia ter um algoritmo. Procurava-o por toda a parte, já que o meu futuro ia assistindo à luta travada corpo a corpo entre mim e a invisibilidade da desrealização a escorrer continuamente por mim adentro esboroando-me. Quase que me estilhaçara. Fora apenas uma ilusão que a polícia secreta do Estado Novo me tivesse despromovido durante o Serviço Militar obrigatório? E já fora de Portugal a contiguidade repetia o padrão. Seria mera coincidência que o vizinho do lado direito fosse um traficante de droga? Estava numa espécie de gueto, já que habitava ali. Sonhara que o vizinho a morar no andar sobranceiro se chamava Pobrre? Não havia xenofobia no Bairro Velho West, ~~nesta~~ Rua da Esperança, Amesterdão? Os ruídos sistemáticos que se ouviam provenientes de cima às quatro da manhã não eram o produto de uma mente alucinada: cadeiras a arrastar, copos a caírem no chão, latidos de cão, tamancos a baterem no soalho de um lado para o outro. E o Ouvidor do Paço?, já não havia Ouvidor do Paço? Tanto fazia que fosse Democracia, ou anti-Democracia? De qualquer das formas tratava-se de uma vizinhança que provocava em mim uma emoção de incómodo intenso. Estava quase a colapsar, quando me

ocorreu certa deambulação literária. Nascido no Porto, Tomás Gonzaga, fora Ouvidor no Brasil, em Vila Rica, onde conheceria Doroteia Seixas que passaria para a literatura com o nome de Marília no poema Marília de Dirceu. Tendo convivido com o alferes Joaquim Xavier, o «Tiradentes», foi acusado de ter tomado parte na conspiração chamada Inconfidência Mineira. Preso, foi degredado para Moçambique onde faleceu em 1809, onde também parece ter enlouquecido nos últimos anos de vida. Marília que era como a nascente, água boa para o tubérculo. Nome tão encantatório que ecoava na poesia portuguesa mais diversa fazendo-me mastigar uma raizada de palavras. Era um processo de reciclagem que passava por ter regurgitado as letras submetendo-as logo a seguir a um banho etílico. Depois eram penduradas num fio elétrico de alta voltagem. Para reencontrar a prosódia, a entoação da voz perdida da minha linhagem tanta ó tanta saudade do sabor amniótico, quando a osmose entre progenitora/filho se tornaria daí em diante na matriz dos elos.

Nessa didascália da ditadura a religião, a pátria, a família eram amesquinhas. A indigência intelectual grassava. Só agora conseguia situar a imitação do longo silêncio entre pai e madrasta. Escalpizando a consciência encontrara o meu anticolonialismo. Razão suficiente para a autoridade paterna lançar sobre mim um anátema. Nem Galileu Galilei nem o Padre António Vieira tinham sido criminosos, embora tivessem sido condenados pelo Santo Ofício, em 1633 e 1667 respetivamente.

Como seria se em vez de ter estado em jogo o que tinha estado, houvesse antes um contexto de sânscrito? A antidemocracia não era uma questão datada. O anti-autoritarismo não estava extinto. Encorajava-me saber haver, na mesma Faculdade da Universidade de Amesterdão onde eu era estudante, um catedrático especialista na obra de Pablo Neruda que se opusera a Pinochet. O crisol era, pois, maior do que eu suspeitara. A resistência à prepotência não se circunscrevia à Europa. Foi por essa altura que lera a polémica travada entre o ensaísta António Sérgio e o matemático Bento de Jesus Caraça tendo ambos estado presos por delito de opinião. E achei lamentável que não tivessem conseguido congregar esforços contra o inimigo comum.

Imprevista aquela interpretação num corredor do metropolitano de Paris sulcava a fragrância do dia. Parado deixava-me embalar por aquelas notas pegadas sem pausas num concerto composto por um compositor imemorial. Hipnotizado pela perícia da mão esquerda daquela violinista! Subindo até à rua achava-se o dédalo do trânsito automobilístico. Na berma do passeio uma mulher curvara-se de costas para mim. Sob a minissaia não havia nenhuma outra peça de roupa. Provocadoramente mostrava o sexo musgoso. Escrevia-se, mas só depois de ler a realidade.

«Vou mais longe» era uma expressão holandesa estereotipada. Já do lado dos portugueses era mais «é melhor ficar por aqui». Sem conjuntura ninguém entenderia TuguêsHolland. Cada um com os seus antecedentes para os combates pela liberdade que eram infindáveis.

Começara a chover a cântaros. A culpa dos famosos precisava de ser lavada. Tanto fazia que não fosse capaz de me lembrar do nome de nenhum deles. Tinham sido cúmplices na fama alcançada. À parte a hierarquia de classes nos géneros literários, já que o cânone passava bem sem mim. De qualquer das formas ninguém escapava ao período sideral. Nem quero imaginar a expressão fisionómica do escol, se tivesse conseguido ver o mapa estruturado do universo que eu trazia dentro da cabeça.

Tinham voado de Lisboa para Kinshasa numa tentativa de venderem os pertences. Fora em 1961, quando os Capacetes Azuis tinham intervido após o assassinato de Patrice Lumumba. Nesse mesmo ano, no dia 4 de fevereiro, tinham ocorrido os ataques em Luanda, Angola. Uma camisola branca com uma pequena chama olímpica à altura do coração, fora o que a minha família me trouxera lá do Congo. Para terem ao menos um descendente no correlato de eventos nada representativos de qualquer bairrismo.

Deus não o detivera e Vincent Van Gogh ofereceria em holocausto a orelha ao Senhor.

O calcanhar não era um qualquer, era o meu daí acarinhá-lo como se fosse uma capacidade excepcional para dissolver a dicotomia entre Tradição e Inovação.

Surgindo iterativo na epêntese que me tornaria interativo. Se não tivesse sido marginalizado pelo palavreado. O palavreado era um modo de me marginalizarem. E havia tanta iliteracia no palavreado.

Eis como as coisas se apresentavam para TuguêsHolland, embora em contraluz se percebesse um certo barroquismo. Talvez ainda conseguisse não me perder no labirinto forcejado de efeitos especiais atravessando a salvo o marasmo do trilho. Não é que a bola de cristal mudasse as circunstâncias. Fora indubitavelmente uma proeza, de qualquer das maneiras, sair ileso daquele banquete surrealista. Na paisagem a dona da herdade dando um beijinho ao golfinho que estava a nadar na piscina. Depois, a anfitriã, trazendo um doberman pela trela aproximara-se de mim para me dar um presente: uma caixa de fósforos. Só cá fora é que fui ver. Tendo ido logo procurar uma clínica especial, mas o médico garantiu-me que era a fingir. Os avanços tecnológicos sofisticados tornavam muito difícil distinguir os autênticos tão parecidos com os outros que eram produtos de fábrica. O facultativo fazia chegar ao Ministério da Robótica aquele suposto ser vivo que não passava, afinal, de mera réplica do vivente. Uma ativista ambientalista tentava envolver-me numa causa que tinha a ver com sobrevivência de espécies. No território pululavam bandos dedicados ao comércio da falsificação do krill. À falta desse alimento tanto baleias como focas se achavam em perigo de extinção. No que me dizia respeito tinha de me testar. Porque talvez viesse a ser confrontado com sede, fome, ou temperaturas extremas. Antecipar as análises para examinar os valores de sódio, de glicose, de oxigênio no sangue. No interlúdio desenhava um corrimão por onde escorregava uma criança brincando. Súbito perde o equilíbrio e estatela-se no empedrado do quintal. Levado para o hospital. Não era um ciborgue. Tinha cinco anos de idade. Era eu esse menino.

Quanto à loquacidade não era preciso muita no recreio:

jogava-se, entre outras coisas, ao moche. Posteriormente havia de falhar literariamente. Embora isso seja relativo: ocorre-me a alfacinha Amália Rodrigues incorrendo na reprovação de José Gomes Ferreira, escritor nascido no Porto em 1900; incorrendo nas reticências de José Cardoso Pires, escritor nascido em Peso no ano de 1925, por ter tido a veleidade de cantar Luís de Camões, mas os receios do ex-diretor da Sociedade Portuguesa de Escritores (Cardoso Pires) dissoluta pela ditadura, como os do ex-cônsul de Portugal, na Noruega (Gomes Ferreira), também compositor, por exemplo de Idílio Rústico, verificaram-se infundados: Amália era capaz de alterar as nuances de intensidade outrossim as cores de voz usando os silêncios inteligentemente para se adaptar ao que estava a interpretar.

Mais apurado o sentido de justiça numa tribo do que noutra daí... Franco ainda não tinha morrido e na Espanha do "Caudilho" não havia lugar para Santiago Carrillo dirigente comunista que fui ouvir discursar no Royal Albert Hall, em Londres. Na manhã seguinte fui até Hyde Park e o que vi e ouvi no Speaker's Corner foi de veras uma esdruxularia. Não tendo conseguido identificar a língua registe-se o sonsonete que a tradução livre não pode contemplar.

Mal ouvido, nem sequer ouvido... Usurpados na imagem, na palavra, na reputação... O bom nome erradicado... Tornados inexistentes pela legislação em vigor... Eles não cessavam de exportar mentiras para o exterior... O sequestro... Confiscada a vida... Predadores sem escrúpulos ocuparam o país...

Já não me encontro em Londres. Eis-me nas catacumbas de Roma vendo os frescos de arte cristã.

Era o latejo do próprio coração que TuguêsHolland estava a ouvir ali parado. O exterior pressionava-me de tal forma que não podia largar mão do interior. Ia, na melhor das hipóteses, estilizando entre o âmago e a periferia. Mesmo que fosse só paulatinamente esforçava-me por me libertar da grandeza pseudo-VIP. Não importava que o sentido fosse da esquerda para a direita, ou vice-versa; tampouco fazia diferença que o imponderável surgisse de cima para baixo, ou vice-versa. O desfecho imprevisível coroado pela embolia, ou pelo vírus, ou pelo sismo? Tanto fazia. A hora chegada onde finalmente adubaria o futuro de outros com a sua atuação. Lá estavam os vestígios da poalha galáctica, mas nalgumas línguas faltavam palavras que expressassem as nuances da realidade entrevista. Metade da fâcies à sombra, embora o sol iluminasse em cheio a cara do outro lado. Um título fora coberto por outro. Era uma sintaxe fortemente contestada. Quantos desfasamentos até atingir a completude. A cintilação da vocação não se esquivava à caldeira em ebulição. Trarratata. O tubo de escape, de velho, arquejava: trarratata. Tínhamos passado pelo elétrico que ia de Sintra até à Praia das Maçãs. Um Rolls Royce ultrapassara-nos. O alto-falante da piscina aberta transmitia canções de Nat King Cole. Em duas espreguiçadeiras vizinhas falava-se de futebol. Falavam do Benfica, do Sporting, sem disjuntivas.

Cinco horas depois as condições atmosféricas já não eram as mesmas: o vento sibilava, o canal dançava endireitando-se depois de se ter dobrado numa reverência ao visitante que lhe merecia essa honra por ter apenas nove anos. De repente surgia na estrada uma mancha de óleo estando iminente o despiste. O barulho do motor mal me deixa ouvir o que dizia quem guiava. Gritava para eu saltar. Sem hesitar saltei. Depois devo ter desmaiado. Mesmo assim a sorte bafejara-nos, já que tanto eu como o meu pai tínhamos ficado ilesos, não obstante ele ter apanhado uma

fobia a motas.

...O vínculo entre o mais recôndito e o que era mundialmente visível ia-se tecendo. Ela passara por mim com uma expressão bem disposta caminhando em Amesterdão na Kalverstraat. Oriunda de New Jersey que fora colonizada pelos holandeses antes de ter sido território inglês, antes de integrar o terceiro Estado dos Estados Unidos da América. Era o telurismo da atriz Meryl Streep. Ostentando também a mesma marca de liberdade, agora na Avenida da Liberdade, em Lisboa, parado frente ao São Jorge-cinema que não pertencera sempre a uma empresa estatal-, tendo já protagonizado em 1988 o papel de uma personagem doente de autismo, Rain Man, 1989, Oscar para o melhor filme, eis o ator Dustin Hoffman. Desfilando como eu numa manifestação em Lisboa onde se gritava em coro palavras de ordem: era o ator Luís Miguel Cintra! Depois, frente ao Teatro A Barraca, no Largo de Santos, tinha-o perdido de vista. Liberdade, liberté, freedom, vrijheid, libertad, freiheit. Ocorre-me o guitarrista Carlos Paredes que fora preso no Aljube e em Caxias.

...Perto da janela fechada estava TuguêsHolland considerando que esses escritores, entre os melhores, nunca tinham estado com todos. TuguêsHolland evocando a denúncia dos abusos de Batávia na Indonésia, na forma de caricatura, no romance Max Havelaar, de Multatuli. Escritores suscitando o desconforto do poder político nada interessado em favorecer uma democracia genuína. Na verdade, muitos escritores tinham sido levados à prisão, ou à fuga, ou ao suicídio. Nunca seria dedicar demasiada atenção aos alegados delitos de opinião de António Sérgio, de António Gramsci, de Jean-Jacques Rousseau, de Bento de Jesus Caraça, de Luandino Vieira, de Primo Levi, de Naguib Mahfouz. Em África tivera lugar uma guerra minacíssima

que culminaria em 1974 na revolução de abril, no dia 25, porque os portugueses não se tinham pautado todos pelo mesmo padrão, porque havia diferenças que um regime totalitário sonhava. O colonialismo tinha sido cruelmente o colonialismo. Nativos indonésios em trabalho forçado? Era o corolário do colonialismo holandês. No romance Max Havelaar, Multatuli denunciara a corrupção colonialista holandesa. Tendo os pormenores sido cuidados sem que isso inviabilizasse as autoestradas do pensamento literato.

Curvou-se para apanhar um clipe do chão enquanto lhe ia brotando na consciência um fluxo dispar de pensamentos. Precisou de escrever a palavra plasticidade...

Ao erguer-se reparou que o vento semiabriria a janela.

Ser punido por ter assumido no passado convicções anticolonialistas aconteceria mais depressa do que passar a viver descontraidamente em consonância com uma vizinhança de artistas.

Sentia não representar nada individualmente, mas ao conectar-se com o passado de países anticolonialistas adivinhava haver uma dimensão, uma gravidade excedendo a localização da soleira da sua porta.

A minha mãe fora uma diarista assolapada. Li um excerto da sua autoria por onde fiquei a saber ter sido ela vítima de violência doméstica.

Depois de ter retomado o fôlego TuguêsHolland acabou por fechar a janela.

...Como vim parar ao aterro sanitário? Duvia-se uma canção ao longe:

"Não falo mulato ai!,
metia a quinta dentro do quintal
não falo amarelo ai!,
metia a quinta dentro do quintal
não falo branco ai."

O declive fazia quase um ângulo reto encontrando-me à beira do buraco. Se escorregasse e caísse pela ladeira abaixo seria

muito difícil trepar até ao local onde estava agora. Sonhara a viagem no metropolitano?, ou estar à beira do precipício? Há quanto tempo durava a viagem no metropolitano sem que aparentemente a cabeça da adolescente lhe andasse à roda?

Aquela adolescente agarrada a um varão girava, continuava a girar. Ainda se faria um exame dois anos antes de se entrar para a universidade? A aerodinâmica não cessara. Revejo-me na turma sendo um dos três alunos, em vinte e três, a dispensar da prova oral. Eu em Letras e os outros dois em Ciências. O 234 era o meu número. No colégio, a seguir ao almoço, tínhamos recreio. Na quinta dos azulejos havia dois campos de futebol, um com o perímetro standard enquanto o outro era mais pequeno. Com o 81 eu formava uma parilha de equipa. O nosso jogo de ataque surpreendia os espectadores. Numa mágica vertiginosa de passes e dribles, atravessávamos meio campo sem perdermos a bola, sem sermos quase nunca intercetados até chegarmos à baliza adversária. Raras vezes senti como neste caso o prazer da eficácia do trabalho de grupo.

Também procurava as aulas de esgrima, as aulas de natação, as de judo, e no Centro Desportivo Universitário de Lisboa praticava o lançamento de Peso, de Disco, o Salto à Vara, o Salto em Comprimento, a Corrida de cem metros, o Lançamento de Dardo, a Corrida de mil e quinhentos metros, a Halterofilia, a Corrida de cinco mil metros, o Salto em altura... Acabava por desistir das aulas de Grego. A dispersão fazia com que não me concentrasse numa meta desportiva concreta. Vivia um período onde era tentado pelas novas experiências.

A primeira ópera a que assisti fora no Teatro Trindade onde Puccini era cantado na Tosca.

Para não fazer má figura num cruzeiro a bordo do Paquete Príncipe Perfeito, ensinaram-lhe danças de salão numa escola do Chiado, em Lisboa. Foi como conheceu Doroteia. Começou a namorá-la.

Ao entrar pela primeira vez no Conservatório Nacional de Lisboa um dos alunos estava a tocar Chopin: Estudo Revolucionário. Mas foi no órgão que um músico francês de certo renome começou a dar-lhe lições numa escola situada algures

no Campo Mártires da Pátria.

Foi ao sair da catedral. Doroteia, a noiva, dissera-me nunca mais me ver caso me tornasse um desterrado. O que me soou como se acabasse de assistir às exéquias do mundanismo.

Também havia de frequentar durante algum tempo as aulas de flauta transversal no Conservatório de Liège. O enlevo emotivo despertado pelos impressionistas faria com que o Gil se tornasse pintor. Ainda não havia smartphone nem tablet nem redes sociais mesmo assim reencontro o André já integrado como violinista numa orquestra tendo deixado de ser empregado de escritório: a persistência empenhada na busca do sonho dera frutos. Quanto a mim, aos dezassete anos, passara um mês nas Ilhas Berlengas, numa Pousada, para escrever duzentas páginas dactilografadas de prosa ficcional dadas a ler a uma editora chamada Início entretanto extinta. Subsequentemente houve rituais de transição para a vida adulta nomeadamente a tropa onde fiquei pouco mais de um ano.

Não tardaria que a minha imaturidade me troxesse dissabores. Premonitório que o escritor Urbano Tavares Rodrigues tivesse sido preso pelo Estado Novo. Eu próprio acabaria por sofrer o veto da Censura na imprensa escrita, eu próprio viria a ser interrogado pela PIDE na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa.

Não era preciso ficar em transe como a Pitonisa de Delfos para prever os próximos acontecimentos políticos em Portugal. Pelos jornais sabia-se como o poder colonial estava a ser expulso da Ásia, de África, da América Latina. Desde 1961 que Angola iniciara a luta armada contra Portugal. Goa fora território português até 1961. A Argélia era um país independente desde 1962. Togo, Mali, Somália, Nigéria, Senegal, Costa do Marfim tinham-se tornado independentes em 1960. Camarões viria a tornar-se independente em 1961. Em 1962 era a vez de Trindade e Tobago deixarem de ser colónias britânicas. Mas o cárcere seria a resposta do Estado caso declinasse participar na guerra colonial. A incandescência dessa guerra ainda demoraria a esgotar-se.

Fora para me isentar dessa trama que me ia tornando cada vez mais poliglota. A guerra colonial em curso era uma coisa que não me dizia nada. Não era a minha guerra. A alternativa europeia apresentava-se-me como a opção a coadunar-se melhor comigo, embora o poder do Estado fosse temível por não estar do meu lado. Não desejava de modo nenhum ser uma espécie de Salman Rushdie em Portugal.

Enfim!, avanço, recuo. Prescindo das previsões antes feitas. Acaba por se sentar numa esplanada à beira-rio. Sem poder pensar que é um banqueiro. Agora ergueu-se para pagar a conta. Per_{to} retiniu a campainha de um elétrico mudando-lhe o curso dos pensamentos passando a rever certas conversas telefónicas prolongadas. Tinha-a visto umas três, ou quatro vezes. Rendia-se ao timbre, à cadência da voz dela: Sílvia. Numa ocasião, ao pou_{sa}r o auscultador do telefone, deu-se conta dos movimentos musculares no seu corpo produzidos por uma descarga nervosa inesperada. Cobrira o rosto com as mãos. Surpreendia-o a sensualidade despreendida daquela delicadeza diminutiva percecionada pelos ouvidos. Ignorava qual fosse a palpação de Sílvia, mas o tato no trato bastara para que a taticidade de TuguêsHolland se ressentisse. O corpo traía a emoção sentida. Nessa noite sonhou que tinha dezassete anos. Sílvia viera para junto dele. Postara-se numa posição de dança clássica começando a acariciar-lhe ao de leve a testa roçara-lhe depois os lábios pela cara. Com o indicador descera a mão até à virilha apalpando-lhe o sexo já duro.

Esculturas gregas anoftálmicas.

Já desperto TuguêsHolland sentiu rever-se na relação entre eros e psique tal como referida pela mitologia grega. Visitava-o a formosura de Sílvia a toda a hora. Adorava a lindeza do riso dela. Nunca imaginara que fosse possível um tónico regenerador daquela espécie.

Retinha-a entretendo-a com bagatelas. Ao telefone, por pudor, preferia sentir-lhe a modulação feminina da voz, adivinhar-lhe a expressão do rosto afável mais do que falar dele próprio. Emudecido durante demasiado tempo o coração vibrava outra vez com o pequeno ser encantatório que vislumbra na aquela menina. E, sem querer, fantasiava jogos que acabava por não lhe proper com receio de parecer ridículo.

Na altura grassava uma pandemia em Lisboa tendo o governo decretado o recolher obrigatório. Nesse contexto proibitório onde se permitia pouco mais do que as deslocações a estabelecimentos para adquirir bens essenciais, imaginava encontros incógnitos nos quais fingiam não se conhecerem. Ficava excitado ao vê-la na Biblioteca com um livro à frente onde se reproduzia um desenho erótico de Salvador Dalí. À saída seguia-a durante alguns minutos. O alvoroço, enfim, era só dele. Aquela não era a sua namorada Doroteia, de Lisboa, com os dezoito anos dela preenchendo-lhe os dias e as noites numa paixão avassaladora. Mas agora só estava a ouvir-se a si próprio, não a ela, Sílvia. A fantasiar poder estar novamente com Doroteia nessa idade plena de um futuro fulgurante beijando-a incessantemente, passeando de mãos dadas com ela por Lisboa. Tinha sido uma dádiva única não ter sido necessário preocupar-se com tarefas domésticas, porque havia quem o fizesse por ele. Uma dádiva única poder acreditar competir-lhe em exclusivo cumprir a missão de se dedicar por inteiro aos grandes ideais literários. Uma dádiva única que a vitalidade ecoasse em mim, embora o desvario inebriante não fosse correspondido. Adolescência minha sem futuro. Uma distância irrevogável, fanada.

Desolado ouço o monolinguismo de rua acercar-se de mim. Sempre podia prorromper em neerlandês. O mundo já não era o mesmo visto através da Língua neerlandesa. Como numa fábula via-me perguntando qual a cor dos olhos de Sílvia cuja idade coincidia com a de Doroteia. E, assim, paulatinamente, o futuro aproximava-se de presente até ser engolido por este. Inesperada essa religiosidade

do amor que não se importa em acender mente e corpo. Ocorre-me a genealogia galega de Luís de Camões. Também eu era galaico-português, já que a paixão amorosa dos meus avós maternos não obtivera o consentimento da família daí terem saído da Galiza para virem radicar-se em Portugal.

A versatilidade da Revista onde ia sair a recensão ao meu livro ia distribuindo os naipes. Quanto a mim punha-me a

reparar numa faceta inconfessável em Sílvia daí perguntar-me se ela se parecia com o que dizia, embora ela não se desse tanto a conhecer verbalmente como pela linguagem corporal e mímica.

Que bulisse comigo um mundo tão diminuto era extraordinário. Faltava-me, obviamente, atravessar campos de trigo, faltava-me montar cavalos alados que galopando por cima das espigas nem sequer as dobrassem. Mas isso só sob os auspícios de Bóreas, o Deus do Vento Norte, só dessa maneira chegaria à cidade que o imperador romano Júlio César chamara Felicitas Julia Olissipo. Não estava ali a Praça Luís de Camões tão insuscetível como sempre? Já passara pela Igreja dos Italianos? E essa entre todas, era eu ainda criança, essa onde entrara pela primeira vez? Uma Igreja que se distinguia das outras por possuir como único ornamento a tábua com os Dez Mandamentos. No púlpito, o Pastor, um homem de barba branca... Coisas do século XX, certamente um mundo cessante. Agora tal como tinha acontecido em Amesterdão, na Kalverstr., agora a contracena oferecia-se-me, tinha de se me oferecer, na Rua Garrett, em Lisboa. E tanto a Rua Garrett como Kalverstr. estavam umbilicalmente em mim, eram a minha territorialidade fazendo-me sentir que o estava a dizer.

ESCAPULINDO-SE O DIA

-Os ditongos marulhavam numa redoma de vidro. Opinativamente de certeza.

-Etiquetado erradamente para a atenção ser desviada do facto literário. Para a guerra literária se processar como sempre ao longo do tempo. Que só alguns detinham o direito de escrever, para outros fazerem de conta não existirem. O espaço recém-roubado nos Países-Baixos. O percurso que me fora apagado.

-O sotaque dos viajantes informáticos deformava a palavra conferindo-lhe uma conotação cômica só possível devido a um particularismo fónico nunca ouvido.

-O dia ia ronronando vulcanicamente como dizendo não ser de realçar o suporte no qual se escrevia antes o que se escrevia.

-Era um manancial inesgotável de ódio a crepitar.

-Sem estarem em jogo interesses corporativos visitava a Igreja Sta. Maria de Belém, Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, qual previsão em pedra rendilhada da passagem dos portugueses por Onor, ou por Mangalore, na Índia. A exigência de infinito não seria nova, já o entrosamento de Próspero requeria referir as suas raízes ibéricas. Posto issourgia prosseguir nessa tentativa de prosa abnegada.

-Adiante mesmo não concordando que a literatura se subordinasse à política... Que terceiros não tivessem consciência de si ainda vá lá, já ser Próspero a não ter consciência dele próprio é que era inaceitável.

-Para ser um escritor digno de menção, ainda que não escrevesse de modo antissético.

-Próspero não tinha criados para comprarem por ele o pão no supermercado daí estar-lhe vedado fazer pouco da pobreza como

faziam certos intelectuais ditos vanguardistas.

-Não desconversando com a literatura: o enquadramento era acústico, aromático, arquitetónico, gastronómico, sedoso. Assim, indelevelmente, se ia escapulindo o dia.

-Próspero gostava de muitas literaturas estrangeiras, mas a pátria deste homem que não era nacionalista, seria, sobretudo, as literaturas da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

-Próspero não era de enredos de outra forma podia retratar alguns vestígios da matilha à ombreira do dia-a-dia a escapulir-se.

-Propalaram a notícia falsa de que era espião. Aos serviços de informações de determinado partido político ficara a dever isso. Só lhe faltava um Zola ibérico que se arriscasse vir defendê-lo num jornal de grande tiragem informando fidedignamente não ser ele Dreifus tendo mesmo assim nascido na Rua Cesário Verde, em Lisboa.

-O falso testemunho desses: que Próspero não era humano por ter pés com membranas interdigitais.

-Futuro perfeito: tê-los-ei corrido a spray; episódio ocorrido no templo da linguagem referente a portugalizar por meio da conservação evitando que o cancionero fosse carcomido procedendo até, se necessário, a uma desinfestação.

-O Cruzeiro da Volta ao Mundo está a sair de Lisboa. Aproxima-se cada vez mais da foz do rio Tejo. Não faltavam os basbaques boqui abertos perante a sumptuosidade do navio.

Em sentido que não era figurado, proveniente do Norte de Africa, quase invisível, vem o barco de berracha sobrelotado com candidatos a um futuro melhor. Potencialmente imigrantes. A viagem de uma vida em risco de soçobrar. Destituídos querendo aportar à Europa talvez já a necessitarem de um obstetra.

Também Próspero almejava uma receção, embora a dele fosse para a

prosa, no formato de papel impresso. Mas não tinha a certeza de que a sua criação verbal, o seu ideal literário, o seu elemento rítmico, melódico, de frase, chegasse alguma vez às cidades ricas.

-O fôlego da última arrancada.

No refluxo perpassado pelo entusiasmo, no ímpeto final assomava outra vez a musicalidade estilística. Cá estava a evocação da

cadência inicial. Escrito durante a adolescência o primeiro manuscrito de Próspero. Reencontrando o poder expressivo do léxico? Como se vivesse numa casa situada no cimo de uma falésia com vista para o mar. E ao abrir as janelas pela manhã podia avistar toda uma literatura marítima, literariamente marítima. Eis os caboucos do dia.

-Pressentira-se como nunca o tinha feito antes. Com efeito pertencia a Lisboa, porque não podia pertencer a nenhum outro lado. Não escrevia contra o quadro de Domingos Sequeira pendurado na parede do seu quarto de adolescente em Lisboa, escrevia contra o que esse adolescente tinha escrito então. A hodiernidade dos escritos de Próspero tinha precedentes: escrevia agora em função do que escrevera antes.

-A concepção imbuída de convicção: o mais relevante não fora visar o êxito daí que Próspero não se tivesse posicionado como autor "best-seller". Nunca quisera ficar em sintonia com o conceito tradicional de género literário.

-Poderia permitir-se não dizer o que não queria dizer? Não se tratava de um espetáculo montado na Freguesia de Campolide, em Lisboa, onde morava a Cristina: no último ano do liceu, no Liceu D. João de Castro, em Lisboa. Não percebera atempadamente os indícios. Que os fascistas preferiam atacar os mais vulneráveis em vez de lhes darem a mão.

Competia-lhe ter compreendido que estava do mesmo lado da Cristina. Competia-lhe a iniciativa de a convencer a saírem juntos e não separadamente para países diferentes. Para lhe mostrar a ela,

lá, Carta de Amor, quadro de Vermeer. Como se fatidicamente o encontro estivesse marcado para o dia vinte e nove de fevereiro, mas para esse encontro se tornar real era preciso que o ano tivesse sido bissexto, e, não era, não tinha sido. Muitos abraços num só abraço? Aquela dia não existira, porque esse fevereiro só tivera vinte e oito dias. Daí, à falta de ano bissexto, o desencontro. Teria precisado só de mais um dia para poder dizer o que tinha querido dizer-lhe. Só mais um dia, somente um dia para amar.

-Não era por terem deixado de existir florins, ou maravedis, ou por terem deixado de existir fronteiras nos países da União Europeia que a História se tinha diluído.

Quem tinha estado em jogo? Quem interpelara Próspero? Visto, ouvido por quem? Estava em jogo uma certa flexibilidade capaz de ver o mundo por intermédio de perspectivas diversas até contraditórias? À parte isso havia uma fé inabalável. Em curso o pleito pelo reconhecimento de paridade passando até pela modificação constante das formas visando um estilo próprio que teria de surgir de um processo em construção. Porque nunca fora incrível.

-Regresso de onde? As circunstâncias desvaneciam-se. O tema assentava paulatinamente. A terminologia mudava: as colónias passaram a chamar-se províncias ultramarinas. Mas Próspero não se sentia representado nem por Salazar nem por Marcelo Caetano. Aliás fora perseguido por esse poder, fora esse poder que o obrigara a fugir. Sem se ter alguma vez sentido reconhecido na identidade que esse poder instalado lhe atribuíra.

-As coordenadas linguísticas de Próspero tinham sido primeiro daqui, só depois dali, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. De um lugar geográfico para muitos lugares geográficos. E por vezes tinha de se avançar cripta adentro para se chegar a um pretérito literário que nem sempre era aparente. E o fundamental talvez fosse o direito para criticar o supérfluo. Facilmente o dia ficava atafalhado de supérfluo daí Próspero afiar o dia desenvenilhando-se desse supérfluo. Era assim que o dia se ia escapulindo.

-O substrato do estilo que faltava explicitar com dissonâncias, assonâncias. A multiplicidade lírica inexplorada. Impreterivelmente.

-A doença abateu-se sobre ele e tudo se tornava cada vez mais árduo. O dia a escapulir-se? Mais: já não conseguia agarrar a vida.

-Levantou o véu da literatura portuguesa e num ato de voyeurismo viu Camilo Castelo Branco cometendo suicídio por ter cegado.

-Numa idade avançada mesmo estando fora do país onde nascera todas as janelas a que se assomava davam para a rua da sua infância.

-Próspero tinha-se perdido dele próprio. E desde então não se poupara esforços para voltar a reencontrar-se.

Indissociável de Portugal tal como Portugal ficara indissociável de palavras pesadas: Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Palavras que não seria lícito calar. Próspero não podia reencontrar-se sem reencontrar Portugal. A clepsidra avisava-o de que o dia se ia escapulindo vertiginosamente. Que após o estrépito da vida não haveria a melancolia inerente à personagem caída da classe média olhada desde então pelos fascistas de cima para baixo.

-Tratavam-na mal quotidianamente. Sofria com isso. É que era um amante da Língua Portuguesa, apesar de não enjeitar a afluente moçárabe.

-Célere teria sido importante, se se tratasse de uma questão jornalística. Mas no seu caso, o que inscrevia era flagrantemente inatual: primeiro tinham ocupado a Península Ibérica os Visigodos depois os Árabes. E para este contemporâneo residente num dos países ainda ibéricos, era um dia menos de vida.

-Condenado a chamarem-no Próspero; rico era o sinónimo deste antropónimo. Tinha sido esse o nome de batismo. E às vezes isso soava ironicamente.

-Só um certo provincianismo insistiria em abordar a literatura em termos de progresso.

Por outro lado, ficara a saber-se no século XXI ter sido o livro Arte de Furtar de autor anónimo, quando no século XIX tinha sido atribuído ao Padre António Vieira. Assim sendo, era uma questão pendente.

-As amarras rangiam enquanto a insolvabilidade dos países parecia desvanecer-se. Tencionara averiguar a razão da desgraça, mas uma porta liliputiana obstruíra-lhe a passagem.

-A sua aperia para decidir entre o epíteto científico, ou litúrgico.

-A doença de coração roubava-lhe a galvanização literária.

-A psicosepsia do grupo que o rodeava ocasionava uma incapacidade para ser visto tal como era propiciando-lhe um horizonte de dia deserdado.

-Jaziam num nevoeiro, extraviadas, desajustadas, numa inexistência latente até serem arrancadas às profundas do Purgatório surgindo finalmente como palavras envoltas num halo que vinha iluminar a realidade.

-Era a exceção. Um cabo miliciano que tivesse feito o Curso de Sargentos Milicianos nas Caldas da Rainha não era a exceção. Mas ele fizera o Curso de Oficiais Milicianos em Mafra e era cabo miliciano. Era, pois, a exceção. Para não ser exceção teria de ser aspirante, mas não era. Houvera uma intervenção da PIDE. A recauchutagem fizera com que a PVDE passasse a chamar-se PIDE. Fora a polícia da ditadura portuguesa que despromovera Próspero. Quando fora interrogado pela PIDE já sabiam que não era "situacionista". O que não sabiam era Próspero prescindir de qualquer eufemismo para afirmar serem os fascistas assassinos.

-Aquém de qualquer maximização. Esboroando-se o dia, ou talvez fosse antes a ilusão do dia a escapulir-se de Próspero a quem não

agradava tornar-se póstumo.

-Os galhofeiros referiam-se a uma suposta duplicidade. Como se conhecesse pessoalmente o rei, mas não conhecia; como se conhecesse pessoalmente o presidente da república, mas não conhecia. Também sem saber como se escrevia a um rei; tampouco sabia como se escrevia a um presidente da república. O que não considerava ser motivo para encastrar. E aquele leitmotiv? O dia escapulindo-se irremediavelmente.

-À laia de desabafo Próspero ia rabiscando umas notas:-que à data corrente o dinheiro ia comprando o mundo... A justiça à medida do dinheiro de que cada um dispusesse... Os ricos tendo mais justiça do que os pobres... E os burocratas do mundo inteiro ansiosos por apor o carimbo em toda a documentação havida, ou por haver.

-Já ia longe o tempo das acrobacias literárias: nascera, crescera, amara, não tivera onde se aceitar, adoecera, e, indelevelmente envelhecido, entristecera desajudado, até se desligar paulatinamente da existência acabando finalmente por se extinguir.

-Antecipava-se pondo a cabeça fora da campã para reiterar impossivelmente a quem soubesse ler como tinha sido escrever numa época anterior ao aparecimento da escrita.

-A realidade imediata ensurdecia não se deixando desligar facilmente. Próspero precisara de cortar as amarras. Apesar de tudo sentia ainda uma certa necessidade de dignidade que nada tinha a ver com estar, ou não estar cotado na Bolsa antes com latitudes e longitudes mentais. De qualquer das formas buscava a criatividade recôndita.

-Camadas sob camadas. Personagem, pseudônimo... Não era pessoal. De qualquer das maneiras gaguejar o mundo não era lá grande coisa. Mas mesmo assim sem perder a paciência, toque-toque, rume à supressão de meios antes que o dia se escapulisse de vez.

-Depois de morrer quem é que iria procurá-lo aos "perdidos e achados"? O dia fora tão pequeno, demasiado pequeno para conseguir fazer parte da época... Ainda gritou: totem!

-Próspero achava que o provincianismo não era uma questão de naturalidade.

-Uma vez fintara o olhar demolidor da morte. A carícia evanescente da vida acontecera num ápice.

-Estirado na cama. Um êmbolo invisível soerguera-lhe a nuca interrompendo-lhe o sono. A ancestralidade fazendo-se sentir. A incidência da sua estirpe. Restando-lhe apenas o ressaibo de uma experiência mediúnica que tivera o condão de o ter feito sentir incorpóreo? Próspero pensou no Marquês da Casa Fronteira e Alorna, falecido na altura, com quem discutira retórica e dialética, aquando dos saraus literários organizados pelo marquesado.

-Meia vírgula, meio ponto de interrogação, meio ponto de exclamação, meio ponto final. Próspero como matéria prima de alquimia? Em que é que se estava a transformar? Talvez fosse uma presciência de Rosa-Cruz.

-Não era abstrata a crítica que tinha a fazer à sociedade portuguesa, mas a doença roubava-lhe a pujança necessária para se desincumbir da tarefa.

-A rota tinha sido mais longa do que o habitual, porque não fora linear. De qualquer das formas a sabedoria parecia acarretar-lhe uma espécie de maldição.

Depois desta noite, a noite.

Atrasado nisto, atrasado naquilo. Já não podia adiar nada. E o dia a escapulir-se, não podia esquecer que o dia se escapulia. A operação não era a adição, antes as horas, os minutos, os segundos a serem subtraídos.

-Ao atravessar a rua cruzara-se com um grupo de manifestantes em punhando cartazes.

Sob um céu que podia ter sido pintado por Rembrandt ouviu um riso brejeiro enquanto se desviava. Próspero sentiu-se aliviado por não ser obrigado a escarafunchar no lodo humano como seria, se as funções exercidas fossem desempenhadas no âmbito da polícia.

-Não passava pela cabeça de Próspero chamar às intrigas, aos mexericos, outra coisa que não intrigas e mexericos mesmo tendo Almeida Negreiros escrito o Manifesto Anti-Dantas contra Júlio Dantas.

Um dos pressupostos da educação fascista tinha sido exercer violência psicológica e isso não tinha sido propriamente para enfatizar com elegância quaisquer nuances subtis do habitat.

-A invisibilidade dos que o assediavam.

-Não era a luz que o esmorecia. Antes o facto de que Países-Baixos + Portugal fosse menos do que apenas Portugal, ou menos do que apenas Países-Baixos tal como a xenofobia pretendia fazer acreditar.

Enquanto não lhe aparecesse Deus que não deixaria de esclarecer isso, fosse regando as palavras.

-Diante da voragem despira a máscara do nome dele.

-Sonhara com um hieróglifo ao qual viera sobrepor-se a letra ômega.

-Nos poucos segundos antes de expirar o seu tempo, Próspero que já não era Próspero, ainda anotara essas palavras algo enigmáticas:-estilisticamente o neo-estilo.

-Em contraponto balouçavam os minutos. Já a afastar-se por entre

os arbustos uma borboleta indocumentada sorvia os segundos numa jovialidade onírica. Seguindo para Ocidente?, ou Norte?, ou Sul?, ou Leste?

FÉ

"Mesmo quando está só,
a identidade da vítima
individual é ainda a
daqueles que a rejeitam."
in: O CÓDIGO DOS CÓDIGOS:
A BÍBLIA E A LITERATURA,
NORTHROP FRYE.

Ia monitorizar a toupeira. Um projeto universitário em que se investigava cientificamente a toupeira ao reagir às oscilações tectónicas Lisboaetas. Concomitantemente queria ser coerente com a lógica de língua. Constava que José Ficção estava a ponto de se tornar um escândalo literário. Não seria por comparar uma pontuação errada com outra correta do mesmo texto constando como o significado mudava completamente.

A sua auto-crítica feita a partir da sua psique. Mas toda a verdade era mais do que isso. A sua psique não era toda a verdade. Em fundo ouvia-se o escárnio desestabilizando o esforço de pôr em prática a sua conceção de literatura. A demanda ôntica da sua liberdade. Remorso à posteriori por ter abandonado o estudo de canto gregoriano?

Numa vitrina do escritório havia um papiro abordando temas que só a passagem dos séculos desfolharia. E ao lado expunha-se um diário do avô diplomata onde entre outras coisas relatava uma receção na embaixada conversando sem deixar transparecer os seus ideais, a fim de não ferir a suscetibilidade dos seus interlocutores. Aludindo também a um indivíduo que mal abria a boca, saía-lhe logo um tufão.

Cobertas de folhas de eucalipto, lá estavam no fundo da gaveta, as cartas de amor de toda uma vida. Na altura em que os intervenientes as tinham lido os alicerces não tinham sido abalados, só depois é que o cenário iria ruir.

Voltando ao quadro de referência do estudo agora em curso sobre toupeiras. Modestamente lá ia delineando a sua deontologia ao escrever escassas linhas que fossem. E tinha de assinalar o ponto onde se achava, já que havia quem o considerasse desprovido de realidade.

O tipo do vozeirão, o tal do tufão, reaparecia mais à frente no diário do avô. Parecia tratar-se de um indivíduo preocupado com o facto de não ter havido dolo no seu caso. Alegava existirem factores extrínsecos incorporados nos factores intrínsecos sem concretizar do que falava.

Impercetivelmente fora levado a pensar numa cançonetista de Amsterdão, a Cantora Sem Nome. Escolher criteriosamente um nome? José não era despiciendo. José podia ser o seu nome.

Por enquanto antolhado pelo que não tinha sido nem era. Esbracajar através da linguagem. Sim, o espírito da linguagem. As garatujas iam fluindo objetivamente. O que lhe acontecia, embora só depois interiorizasse o que se tinha passado. Como daquela vez em que o universo lhe tinha entrado pela janela aberta adentro. Um instante de infinito.

Anos atrás, quando vinha com a família passar as férias de verão neste concelho. Não muito longe do sítio onde estavam alojados, havia uma casa abandonada no meio do areal. Era para lá que ele e outras crianças iam brincar. Nessa altura queria ser cientista, mas o pai dizia-lhe não poder fazer isso sem pensar primeiro no que era ser cientista. Não era com palavras que ele desejava contar as coisas, era com números. Sentia-se sistematicamente repudiado pelo pai, mas não era com números que conseguiria acercar-se mais dele. Liquefazer o gelo que se interpunha entre ambos parecia um problema insolúvel.

Repara agora que a natureza se encarregara de se reapoderar do espaço. A velha casa está semi-subterrada. No regresso dá-se conta de como a areia apagou as pegadas recentes. E os ricos cosmopolitas via-os agora ao longe no colégio Lisboaeta da adolescência. A si, já na idade adulta, via-se a perguntar onde estava a

planura de escrita. Reiterava o testemunho fidedigno o anjo que tinha estado sempre a velar.

De repente parecia haver um gigante a abanar casinhas como se fossem de cartão. Sem que isso tivesse nada que ver com um certo sensacionalismo sobrepondo-se ao móbil moral por razões de marketing.

O gráfico relativo ao comportamento da toupeira tinha de ser analisado tecnicamente. Cinco horas da manhã. Fora um pesadelo? As placas tectónicas da Terra tinham-se deslocado. Já acordado percebe não ter sido desta que tinha chegado o grande sismo a Lisboa. Ainda não era desta que tinha sido aniquilado. Mantinha-se a ética de língua. Embora transido por uma espécie de frio de alma. Mas tinha de se dirigir à universidade. Antes ainda pensou no crivo dando destaque a certas coisas, na triagem teimando em prescindir daquilo em favor disto sempre incansavelmente de modo a que o fundamental prevalecesse sobre o secundário. Depois deu-se conta gostar do som da palavra liminar. Saiu de casa apressado. No trajeto ouviu uma boca. Não era verdade o que lhe tinham chamado. Lágrimas no seu eco de religiosidade, ou religiosidade no seu eco de lágrimas. A fé era, com efeito, um fenómeno misterioso. E tinha fé na linguagem que não lhe fosse tangencial.

C r e p i t a ç ã o

"Quando em outros países se tem orgulho, respeito e amor pelos talentos nativos, aqui odeiam o indígena, esmagam-no, escarram na obra como quem rapa a doença de tinha a um criminoso em último grau."

in: PÁGINAS (V), p. 108, RUBEN A., ASSÍRIO & ALVIM, EDIÇÃO 583, Julho 2000.

CREPITAÇÃO

Aplausos antes de começar o relato do que vivi na sombra. O enredo afirmava-se no conflito de personagens? Anti-crônicas amordaçadas, anti-cartas amordaçadas, anti-contos amordaçados, anti-personagens amordaçadas à falta de palco onde a mostra se patenteasse. À parte isso rompia uma certa heurística. A animadversão do nevoeiro, apesar de se estar em pleno verão. Das árvores do quintal, nas traseiras, chega-me o canto das aves. Duço também uma avioneta sobrevoando o bairro. O ritual prescindia do calão. Essa questão do estilo. Estava lá em São Paulo, quando ardera o Museu da Língua Portuguesa; estava em Paris, quando ardera a catedral de Notre-Dame. Porquê? Ia em busca de um furo jornalístico.

A reminiscência de duas mulheres que acreditavam em mim, apesar de todas as avenidas infundáveis da razão e da sensibilidade. A reminiscência da coordenação motora daquele colega de turma demonstrando ser excelente nos saltos de trampolim.

Sem aviso prévio lampejos intermitentes. A temporalidade. Em foco a minha primeira namorada holandesa. Por ela é que ficara a saber como os lobos das orelhas eram uma zona erotizante. Politicamente, às vezes, eu não era eu: nem holandês nem português. Abordagem símia à bela estrangeira: cheirava-a para me inteirar

como Marianne sabia mais de sexo do que eu. Mas antes houvera aperitivos e outros adereços tais como restaurantes de nome, vinhos de marca.

Pausa breve em que me adentro na entomologia. Vinte mil espécies diferentes de abelhas. Informações trocadas em código. Exemplo de organização e trabalho. Paciência. O irmão e a irmã da minha mãe, tios que não cheguei a conhecer, interessavam-se por cortiços, por mel e pólen. O assunto seria hereditário? Torna-se-me óbvia a necessidade de me manter são, a fim de continuar este empreendimento. Eis NERLANDO AMEU, um homem de vinte e cinco anos, classe média, estrangeiro no país onde tenciona radicar-se. O casamento com uma nativa não tinha perdurado. Impaciência. Impetuosidade. Divorciaram-se. As mãos dela eram tão loquazes. Sempre pensou que ela pertencia aos Serviços Secretos. Daí sentir-se intimidado. Mesmo depois de terem sido quebrados legalmente os laços matrimoniais, NERLANDO AMEU sentia haver uma ingerência abusiva na sua privacidade. Sem saber como ripostar ao controle de que se sentia alvo passou a dormir ao relento até um conhecido o recolher. É no soalho da casa de jantar onde NERLANDO AMEU passou a dormir num saco-cama. O anfitrião era Pablo, um refugiado político chileno, uma vítima do general Pinochet. No céu tinham estacionado nuvens rosadas. Longe da guerra a vida parece agradecer à vida. Acolá, um peixe-voador aterra no convés. Não devia ser um peixe-voador. Logo atirado vivo para o canal. Uma manhã esplendorosa em que a lua cheia pousara vinte graus acima do horizonte. Agora numa árvore à beira da rua, defronte do barco-casa ancorado na margem do canal, soa um gorjeio. Tal um colóquio. Aguarda-se tradução para a comunicação entre as diferentes espécies. Já passou há muito o tempo em que os animais falavam. O tempo de: ia um gaiteirinho pelo monte acima, queres

que te conte?

Por um triz não fizera um estágio de criação literária entre touros e cavalos, na lezíria Ribatejana.

Mar de Andaman. Paragens dionisiacas. O Mar de Andaman cerca do Golfo de Bengala. Um veleiro está a passar perto da costa onde se encontram mirones. Faço planos para ir de Goa ao Suez seguindo a rota conjecturada por Dom João de Castro. Sulcando o Mar da Arábia, navegando pelas costas do Iêmen do Sul, entrando no Mar Vermelho até alcançar o Golfo do Suez. Divagações marinhas. O vento endoidecia. Mnemósina, a personificação da memória, intervem. Sigo por caminhos ignotos numa miragem até me abeirar do fantasma de LUÍS CARMELO com quem já não posso voltar a beber umas cervejas num café de Amesterdão, com quem já não posso voltar a jantar num restaurante de Prinsengracht, em Amesterdão. Houvera cartas trocadas entre VERGÍLIO FERREIRA e LUÍS CARMELO. Num alfarrabista compro livros destes escritores. Já quanto ao autor de O Português À Descoberta Do Brasileiro, fora eu a apresentar-lhe a holandesa que se tornaria na mãe das filhas dele. Também fora por intermédio de FERNANDO VENÂNCIO que eu arranjava um emprego numa escola em Roterdão dando aulas a crianças cabo-verdeanas. Houvera colaborações dele para o JORNAL DE LETRAS, também eu lá colaborara. As coordenadas ingénitas de LUÍS CARMELO eram Évora tanto como as de FERNANDO VENÂNCIO serem Mértola. Como seres mortais que eram expiraram. Inscritos agora na minha memória como entes irrepetíveis. Apressar-me a testemunhá-lo antes de ser obnubilado, antes que o rio Lete me leve nas águas do esquecimento.

O atalho para um retalho meu: não deito fora W. BURROUGHS visto em Amesterdão. Viera falar ao Melkweg, isto é, à Via Láctea. Quem diria ter-se apresentado de fato e gravata! Sofrera, certamente,

um processo de maturação. O público a quem se dirigia tinha um aspeto afim à "beat generation", mas ele resumava respeitabilidade. Ainda não se tinha cruzado com o vocábulo, mas vai a tempo. O termo agnosia, palavra de mim desconhecida daí ir procurar o significado no dicionário. Cá está: incapacidade, estando intactos os órgãos sensoriais, de reconhecer os objetos e os símbolos usuais, e que pode ser visual (cores, formas, escrita, etc.), auditiva ou tátil. Fora no Melkweg, um teatro-acontecimento, onde ouvira essa conferência em inglês: EÇA DE QUEIRÓS, o estrangeirado, na qual o conferencista se referia às estadias prolongadas do autor de Os Maias tanto em Inglaterra como em Paris provocando com isso a Agnosia de PINHEIRO CHAGAS. Um precedente, já que eu também a desencadeara em compatriotas talvez por possuir tanto a cidadania holandesa como a portuguesa.

Se quisesse traçar aqui o meu auto-retrato, teria de mencionar a Rua Abade de Faria, em Lisboa, perto da Praça Francisco Sá Carneiro (Areeiro). Só à posteriori é que fiquei a saber ter ABADE DE FARIA nascido perto de Goa e falecido em Paris, em 1819. Dedicara-se ao estudo do hipnotismo tendo escrito um livro a esse respeito. Fora um cientista português. ALEXANDRE DUMAS, em O CONDE DE MONTE CRISTO, cria uma personagem homónima, mas atribui-lhe a nacionalidade italiana. Já o facto de ABADE DE FARIA se ter exilado em França, não era nenhuma endrômina.

O puto olhava desde o quinto andar para o rés-do-chão onde vivia uma família com dois filhos da minha idade, oito anos, um menino e uma menina. E essa miúda, Dulce, tornar-se-ia na minha primeira namorada. Ali perto, na Rua Actriz Virgínia viviam três pessoas que eu também costumava visitar: Rogério, a mãe, e a prima dele, Teresa, também da minha idade. Esta última viria a tornar-se hospedeira

de bordo, numa Companhia de Aviação. Personagens estraçalhadas: a minha mãe falecera-me aos dois anos. Ali onde me encontrava a viver, a minha madrasta infligia-me maus tratos. Daí que um juiz retirasse a tutela parental a quem era suposto tê-la. A minha avó paterna, Ana, a que tinha sido emigrante no Congo Belga, estava de relações cortadas com o filho. Ela é que passara a custear a minha educação num colégio particular de renome. A minha família passou a repartir-se entre a Rua Cesário Verde, onde morava a avó materna, a espanhola, cujo nome próprio não existia em português, e a casa da outra na Av. Guerra Junqueiro, também em Lisboa. Antes que a decisão judicial me tirasse da Rua Abade de Faria ainda tive ocasião de assistir a um episódio instrutivo quanto ao carácter do meu progenitor.

A empregada de casa dormia lá, tinha o quarto dela. Era uma rapariga bonita de dezoito anos. Uma vez, na ausência da minha madrasta, o dono da casa violou-a. Ainda recordo a moça debulhada em lágrimas, quando foi expulsa lá de casa pela patroa.

No colégio onde fui internado, em Lisboa, Padre Filipe, italiano, era quem trazia os filmes de Itália para serem visionados, aos domingos, pelos alunos que não tinham podido sair. Foi lá que vi pela primeira vez, aos nove anos, La Strada, de Federico FELLINI.

Reparo numa reprodução pendurada aqui: A Rendilheira, pintada por VERMEER, de Delft. Contagia-me a interiorização, o silêncio. Penso por associação de ideias, na minha avó espanhola, a materna. Ocorrem-me cenas domésticas do meu passado familiar. Os serões da minha avó trabalhando noite adentro comigo à beira dela a estudar. Tinha tido duas filhas e um filho. Quando cheguei aos dois anos já não tinha nenhum. Quanto à herança... nenhuns bens materiais. Nenhuma empáfia na melancolia herdada. Há tempos atrás, uma atriz portuguesa

com quem estava a tomar café na Alameda de Dom Afonso Henriques, em Lisboa, não acreditou em mim, quando lhe disse que a minha avó paterna morara ali perto, na Av. Guerra Junqueiro, certamente uma das avenidas mais nobres de Lisboa. Uma casa com oito assoalhadas, com duas casas de banho, esmeradamente mobilada. Com efeito, a minha vida fora passada entre dois polos: o da família rica e o da família pobre. Por um lado isso tinha enriquecido a minha experiência abrindo-me perspectivas diversificadas sobre os mais variados estratos da sociedade portuguesa, por outro lado isso sempre confundiria os que me rodeavam tornando-os incapazes de me situarem corretamente.

Faltava a vocação de pai a esse adulto que estava a residir na Rua Abade de Faria. E quando o patrão lhe disse ir examinar a contabilidade meteu baixa médica para não ser posto na rua sem apelo nem agravo. É que roubava a Casa Comercial onde era guarda-livros. Não sabia nada disso o patronímico que aparecera, como por acaso, na ilha das Berlengas onde me alojara durante um mês com o propósito de escrever. Era um colega de turma de sangue azul. Daí talvez as cortesias natalícias enviadas pelo correio como se eu fosse fiel à linhagem imemorial que não era a minha.

Ciente dos sinais que o estômago me dava, encaminho-me para um restaurante sírio. O alfabeto árabe ornamenta uma parede. Ocorre-me ser o escritor SALMAN RUSHDIE casado com uma síria.

Tal como SALMAN RUSHDIE, embora não tivesse sofrido um ataque com arma branca, também a minha liberdade de expressão escrita fora vetada por aqueles que não sabiam o que fosse a liberdade de expressão escrita.

Nenhum passe de mágica fizera desaparecer a enxurrada do Estado Novo em Portugal. Preciso de tomar fôlego. Atento em NERLANO AMEU

a caminhar com andas, a fim de não sujar as calças. Finalmente na vega pelo Reno até alcançar a catedral de Colônia. Detem-se siderado perante a majestosa arquitetura gótica.

A vida não valia nada, se comparada com a edição princeps. Tanto tempo depois da primeira frase.

Que a aventura fosse acontecer-lhe a abside.

Do tempo do colégio recordava as existências consistentes de alguns colegas. Ainda guardava uma fotografia tirada com um filho do maestro mundialmente famoso. Um dia levava-me à casa onde morava, situada na Baixa de Lisboa. Um espaço sóbrio, decorado com bom gosto. O nome próprio dele era Tarme e estava-lhe reservado um lugar na mais alta magistratura do país. Também por essa altura fora convidado por outro condiscípulo para uma festa de aniversário. Estava presente a mãe, uma mulher bastante bonita. Um ambiente animado, acolhedor. E Erou, assim se chamava, acabaria por se tornar num oficial de alta patente da Força Aérea Portuguesa. Nunca fui capaz de retribuir esses convites. Não podia comprar nem casa nem pai adequado. Tinha de me contentar com o que tinha. E isso, era sentir-me intruso na casa da Rua Abade de Faria. À casa da minha avó paterna, Ana, a portuguesa, só lá ia almoçar uma vez por semana. E a minha avó materna, a espanhola, era pobre, não havia nenhum design na casa da Rua Cesário Verde onde vivia. E frequentar um colégio onde tinha colegas que pertenciam à nata da sociedade, era uma discrepância.

Chocou-me constatar que esses vultos eminentes das Letras Portuguesas, sobretudo professores universitários, chafurdassem numa atmosfera típica de mexericos. Perante isso, nada de extraordinário, se desaparecesse sem deixar rasto. Embora continuasse a mexer-me dentro da língua.

Eu convivera, em Amesterdão, com ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA nascido em Leiria. Depois de ter sido discriminado em Portugal pela elite intelectual portuguesa, SARAIVA escrevera textos polémicos abalando o meio pequeno da intelectualidade portuguesa. Intelectuais de ga barito que não eram historiadores de literatura denegriam-no. AN-TÓNIO JOSÉ SARAIVA, omnium consensu, é que tinha sido historiador de literatura.

E eu não cessara o meu combate invisível com a língua.

No interlúdio há a minha cripta e os labirintos que terei de atravessar em busca das espigas de trigo.

Eis-me a passar por essa Sinagoga, em Amesterdão, onde os perseguidos no país de que eram oriundos, tinham vindo buscar refúgio. Era onde se reuniam estando mesmo um deles a pernoitar lá provisoriamente. Ei-los a discutir o selo da verdade que aos olhos de outros seria um assunto de pouca monta. Os Países-Baixos pareciam apostar no trilho de tolerância de que no passado RIBEIRO SANCHES aproveitara: saído de Portugal para escapar à Inquisição, tornara-se docente em Leiden onde um professor de prestígio acabaria por recomendá-lo à Imperatriz da Rússia, país onde passaria alguns anos como médico do Paço.

A partir de uma janela semi-aberta ouve-se música de ALBEN BERG, reconheço a ópera WOZZECK.

Conhecera os artistas MARIA BEATRIZ e VÍTOR POMAR num centro que funcionava como internato onde se aprendia o neerlandês. Fora também lá que travara conhecimento com o fotógrafo JOSÉ MANUEL RODRIGUES que viria a partilhar o Prémio PESSOA com MANUEL ALEGRE.

E só um podia ganhar a partida de pingue-pongue que eu jogava com AUGUST WILLEMSSEN, o tradutor galardoado nos Países-Baixos com o Prémio mais importante de tradução, o homem que dera a conhecer

FERNANDO PESSOA no país do polder.

Quadros e filmes de VÍTOR POMAR seriam mostrados na Gulbenkian e na Cinemateca. Uma exposição de MARIA BEATRIZ estaria patente numa galeria de arte em Lisboa.

Uma vez a Revista Vertical, de Amesterdão, convidara-me a proferir uma conferência sobre EÇA DE QUEIRÓS. Aceitei o repto. Após me ter desempenhado da incumbência, agradou-me que LUÍS CARMELO tivesse gostado.

Os canais de Amesterdão estavam gelados. A rotina não emperrava transcorrendo de outra maneira. Mesmo patinando no gelo não havia meio de me desatarrachar da calha previsível. Predispunha-me a mais uma sessão de Meditação Transcendental num ambiente pautado pelo incenso de pauzinhos de cedro, quando toca a campanha. Era a enxúndia do dia. Não abri, mas Belzebu entra com a gazua sem pedir licença. Diz-me estar ao meu alcance tudo o que ambicionar obter. Trazia-me a pedra filosofal. Podia passar a ter ouro, muito ouro. Milhões de pessoas, dizia ele, precisavam desesperadamente de sonhar e seria eu a facultar-lhes essa possibilidade. Aqui chegado abriu um saco e tirou para fora doses de cocaína, doses de heroína. Gritei NÃO!, Vade retro, Satana. E ele sumiu-se dali. Saio. Faltava-me a respiração. Precisava de ar livre. Eis-me, perdida a inocência, a serpentear numa página onde se realça um calembur. O soalho do quarto fora limpo. As sílabas saboreavam as fragrâncias da hortelã-pimenta.

Agora uma parcela ínfima de tempo preenchida com a trivialidade de alisar ao espelho as pregas da camisa. Constatando estar bem barbeado. Agora afasto com a mão de cima da mesa uma poalha de erudição.

A postos para enfrentar o patoã.

Conhecera Margaret num evento organizado pelo Café Literário, em

Amesterdão. Era pintora. Desde Van Gogh que nenhum pintor holandês podia morrer de fome só por não conseguir vender os seus quadros. Os Países-Baixos não o permitiam. O Estado comprava parte dos quadros ao pintor incapaz de comercializar a sua arte providenciando-lhe, assim, o sustento. Margaret era abrangida por esta subvenção estatal. Visitei-a algumas vezes no atelier dela que não era onde ela residia. Tinha um namorado silvicultor com quem fizera férias de campismo no Tirol viajando ambos de bicicleta. Depois ele acabou por emigrar para o Canadá e Margaret envolveu-se amorosamente com um pintor. Fui apresentado. Conversámos algumas vezes. Chalaceavam comigo.

Aí vem o leitmotiv...

Num piscar de olhos fiquei sem alojamento. Calhou nessa altura encontrá-la na rua. Não saberia de alguém que me alugasse um quarto? Riu-se-me na cara. Eu não lhe era perceptível. Tinha de ser Pablo a compreender não estar eu a desempenhar um papel numa peça de teatro. Pablo, o chileno que nunca tinha sido encenador. Foi a penúltima vez que a vi. Soube posteriormente, por intermédio de uma pessoa conhecida de ambos que casara com um cidadão marroquino a trabalhar em Amesterdão. Muitos anos depois vi-a pela última vez em Lisboa. Num espaço amplo, com poltronas a antecederem uma entrada para um dos Museus da Gulbenkian. Eis-me ali sentado. Também Margaret lá está a cerca de vinte metros de distância. Vejo-a de perfil. Parecia estar sózinha. A expressão macambúzia não encorajava a abordagem. Margaret padecia de uma espécie de alergia cíclica relativa à luz. Devia ser por isso que estava de olhos fechados. Decorreram cerca de vinte minutos. Chega, enfim, aquele que presumo fosse o marido dela. Margaret levanta-se e sem olhar para mim sai com o consorte. Detive-me a tatear a gravata de

seda. Céu limpo. A colina entornada no rio à espera de cor. Os ca-
beçalhos de jornais internacionais enunciavam a melopeia do mundo
novo. Apressava-me, porque ia atrasado, mas não levava nem telemó-
vel nem relógio. Ao cruzar-me com um grupo, perguntei as horas.
Um dos indivíduos respondeu três e dez, mas eu sabia que não po-
dia ser por ter saído de casa às quatro. Não tinha conseguido sa-
ber as horas certas. Dispunha-me a prosseguir, quando diante de
mim surgiu uma parede branca que ia do chão até alturas inimaginá-
veis. Sentei-me. O grupo a que me dirigira tinha desaparecido. I-
nesperadamente a parede fendera e abrira para os lados como se fos-
se um reposteiro. Por detrás erguia-se agora outra parede, mas de
cor cinzenta. Volvidos uns minutos repetir-se-ia a mesma trama.
Brecha no real, ou no sonho, não sabia. O obstáculo à minha pas-
sagem começava a abrir pondo à mostra outra parede agora de cor
preta. De banalidade em banalidade o espaço tornava-se menos in-
transitável até chegar junto do Diretor da Biblioteca do Congres-
so. Houvera um aperto de mão e ali estava eu aludindo aos que es-
tavam a transformar Portugal num país literariamente minúsculo.
Reparo naquela ressonância cujo substrato linguístico enquadrava
o idioma falado na ocasião. Finalmente declino que NERLAND AMEU
fosse ouvido sistematicamente off the record.

Antes de deixar a América rumo à Europa ainda fora testemunha de
um duelo americano digno de ser descrito.

Numa rua dois homens avançavam um para o outro com o nítido pro-
pósito de se baterem. Cada um ia munido do seu varapau. À distân-
cia de quinze metros, um dos contendores arremessa o pau tencionan-
do, assim, atingir o adversário. O que sucedeu depois raia a esfe-
ra de fenómenos não identificados. O cajado transformara-se em
corda indo enlaçar o visado immobilizando-o completamente.

Já em Portugal soletrando a minha afeição por Lisboa ao ouvir uma

palestra de FERNANDO NAMORA, na Rua do Loreto onde tinha sido antes a Associação Portuguesa de Escritores; ou ao ver, ao passar, frente ao Teatro Nacional D. Maria II, o sorriso da atriz EUNICE MUÑOZ; ou ao ver o jogador do Benfica, EUSÉBIO, numa carruagem do Metropolitan de Lisboa, distando dois metros de mim; ou ao ouvir numa conferência de JOÃO DE FREITAS BRANCO o modo como este musicólogo apresentava o Concerto para violino de FÉLIX MENDELSSOHN BARTOLDY; ou ir à cervejaria Trindade para tomar uma bebida com o jornalista EDUARDO GUERRA CARNEIRO.

A luz do fim da tarde Lisboa emudecia. Todos interagiam, tudo interagia com tudo. As consoantes tilintavam. Cliente da Pastelaria Dardanelos lá estava eu bebendo uma bica. Até me achar, sem saber como, içado às escarpas que se despenhavam no abismo. Lá em baixo estendia-se uma planura a perder de vista. Retroceder era impossível. Encandeado, então, pelos clarões da Língua Portuguesa. Etimologicamente tanto Papaia como Cacau eram palavras de origem asteca. Não se tratava de África, era o vale do México onde tinham vivido os astecas. Mas não era nem com cacau nem com papaia que se parecia a crueldade doméstica do pai. Fazia pensar mais nos sacrifícios humanos dos astecas. A minha mãe, espanhola, a ser sovada pelo meu pai, português. Daí os chauvinistas vetarem a minha liberdade de expressão escrita, embora até me convidassem para a conveniência de relações sociais convencionais.

O trâmuei narrativo transbordava, mas ainda cabiam DE KLERK e NELSON MANDELA a abolirem juntos o Apartheid da África do Sul. E não importava que não fosse a língua matriz a falada por NERLANDO AMEU no seu quotidiano. O que contava sobremaneira era NERLANDO AMEU estar a diluir-se em mim num processo criativo sobre o ato de escrever.

Enquanto dois tipos à beira do caminho discutiam o produto exposto. Não me recordava da palavra, mas narguilé era o vocábulo referente ao objeto à venda. Mínimos nada. Para já a estrada ia atravessar a montanha conduzindo-me pelo túnel ao outro lado da encosta.

Finalmente eis-me outra vez em espaço aberto onde um soute surge envolto nos andrajos da neblina matinal. Aqui cores sonoras. São os interstícios em trânsito. Até que subitamente o dia seja coroadado pelo estampido do tiro de pistola. A cabeça pendia em cima da mesa. Não podendo haver pior desenlace como conclusão. O sujeito enfiara uma bala na cabeça. EMA chegada a casa vinda do emprego deparara-se com a morte violenta do marido. Subsequentemente viera a Polícia Judiciária para examinar a carta deixada pelo suicida e interrogar a esposa. Des-prosseguindo esta qual cadáver ambulante sem vislumbre de motivação para continuar a vida habitual. De qualquer das formas, apenas aquele óbito abrupto tornara possível eu ter começado a corresponder-me com EMA. Constatando que cada vez o estilo epistolar se lhe tornara mais ressequido. Automático o modo como almoçava na mesma mesa onde o cônjuge se suicidara. Fazia o luto arrastando os gestos diários de modo maquinal. Prevalencia a apatia. O passado insuspeito dela: pedagoga, autora de livros de ensino adotados oficialmente. Espairecia depois com viagens de recreio a países desconhecidos. Talvez na expectativa de se instalar o viço tão necessário para se recompor. EMA viajava pelo mundo afora: Egito, China, Brasil, União Indiana, União Soviética, Canadá, Estados Unidos da América, Argentina, Chile, Israel, Marrocos. Recalcando o seu habitat traumático de que não conseguia desprender-se. Quanto a mim ia polinizando incansavelmente a leitura de livros interiorizando, ou tentando interiorizar, o requinte

iluminado. E podia ver a prata do Tejo. Como uma cobra a mudar de pele. E ouvia o grito estridente de aves exasperadas. Sem abstrair das andanças por incontáveis quartos tendo presente FERNANDO PESSOA que me precedera décadas antes nesses imbrólios. Mas as palavras não tinham ardido todas, embora os escombros da liberdade fossem mesmo isso: escombros.

NERLAND AMEU estava a tremer, quando ao revê-la, voltara a falar com ARLETE, a noiva portuguesa que tivera aos dezoito anos. Surpreso por retomar o elo emocional que mantivera com aquela namorada da adolescência.

O pathos. Num grupo fazia-se crítica ao governo imitando a casquinada das hienas. O plural majestático era de mau agoiro.

Também como o treino militar obrigatório preparando-o para a guerra colonial portuguesa, contribuiria para desinibi-lo de matar baratas as quais tantas vezes lhe usurpavam o espaço dos quartos alugados por onde ia sobrevivendo. Era a história de NERLAND AMEU, não tinha outra. A língua injetada de si mesma.

Agora a duplicidade era ter de se cingir ao Reino e à República. A minha vida era o rascunho do que escreveria. Mas a minha vida era invalidada pela camarilha. Por mais que escrevesse, a corja, para não ser apenas um título de CAMILO, sempre endividaria esforços no sentido de me apagar.

A ponto de explodirem recursos estilísticos. Animais, pessoas, florestas em chamas. O incêndio ia alastrando. Lagares destruídos. O gado morto. Amputada a paisagem de árvores ancestrais. Raios rasgavam o céu colorindo-o com cores insólitas.

NERLAND AMEU está agachado. O vento continua a atizar os fogos. Ocorre-lhe um episódio de infância: numa feira de aldeia, em agosto,

com os saltimbancos vinha o vomitador de fogo. Mas isto agora já não era comédia, era a vida que estava em jogo e tornava-se premente saber se estaria prestes a ser extinta. Abdicando já de qualquer artificialidade imagética. Na enseada atônita os barcos ali ancorados ardiam incapazes já de zarparem. O último recanto, o ponto de fuga, seria a Antártida. Não havia outra noite terrena na crepitação? No carnaval a morte vinha mascarada de morte. Outra vez o medo da escuridão naquela crepitação. Outra vez o cheiro a terra queimada trazendo a espessura noturna intransponível, numa modorra de crepitação.